

volume IV

(D)EFICIÊNCIAS E
PRECONCEITO

(In)visibilidades da deficiência
no cinema

FÁTIMA ELISABETH DENARI
[organizadora]

**(D)eficiências e Preconceito
(In)visibilidades da deficiência no cinema**

Vol. IV

Fátima Elisabeth Denari
(Organizadora)

(D)eficiências e Preconceito
(In)visibilidades da deficiência no cinema

Vol. IV

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Fátima Elisabeth Denari [Orgs.]

(D)eficiências e Preconceito (In)visibilidades da deficiência no cinema. Vol IV. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 198p.

ISBN: 978-65-5869-351-2 [Impresso]

978-65-5869-391-8 [Digital]

1. Deficiências. 2. Preconceito. 3. Cinema. 4. Corpo. I. Título.

CDD – 150

Capa: Andersen Bianchi e Petricor Design

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/ Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2020

Sumário

Apresentação	7
Everton Luiz de Oliveira	
<i>Como Eu Era Antes De Você: uma análise sobre deficiência adquirida</i>	19
Valquíria Perassolo	
Fátima Elisabeth Denari	
Análise do Filme “Yo También”	33
Mariana Cristina Pedrino	
<i>“Marina Não Vai à Praia”: um olhar sobre a sexualidade e a Síndrome de Down</i>	47
Beatriz Segantini França	
Deficiência e estigma a partir do filme <i>Hasta La Vista: venha como você é</i>	63
Cristiane de Azevedo Guimarães	
Regina Célia Torres	
Sexualidade e deficiência a luz do filme <i>Hasta La Vista</i>	77
Inaiê Cordeiro	
Mariana Coimbra Ziotti	
A construção do corpo deficiente, negro e gay no cinema pornográfico	89
Marlon Jose Gavlik Mendes	
Estigma e sexualidade: análise do filme “<i>Hoje Eu Quero Voltar Sozinho</i>”	103
Josivan João Monteiro Raiol	

Sexualidade, afetividade e o Corcunda de Notre Dame Geisa Cristina Batista	119
Vida sexual e deficiência: análise do filme <i>As Sessões</i> Melina Thaís da Silva Mendes	143
Filme, <i>O Filho Eterno</i>: análise da postura dos pais frente ao filho com diagnóstico de Síndrome de Down, reflexões familiares e sociais Sumara Barbosa Alecrim	155
<i>Vermelho Como O Céu</i>: reflexões sobre a cegueira Adrieli Camila Soares Matheus Fátima Elisabeth Denari	173
Asistencia sexual para personas con discapacidad: publicaciones en Brasil Viridiana Verástegui	185

Apresentação

A obra aqui em relevo traz inúmeras histórias de luta, verdades, amores, sabores, desejos, pulsões emocionais, paradigmas, preconceitos, decepções e frustrações, assim como a própria vida se organiza, seja espelhada em produções cinematográficas ou para muito além delas. Por meio dessa energia e pulsar é que surge uma linda coleção de textos que analisam teorias, conceitos, perspectivas históricas, culturais e sociais no campo da deficiência, bem como inúmeras produções fílmicas sobre pessoas com deficiências.

Desse tecido se reveste essa brilhante obra, organizada pela alma e intenção da querida e estimada professora e amiga Fátima Denari, cuja feitura pedagógica e didática é poesia, nos ditos e olhares em sala de aula ou prosas faceiras aqui e acolá, uma traquinagem vestida de menina bondosa. Antes de comentar sobre o livro, atrevo-me a falar mais um pouquinho dessa personagem carismática e dizer que a vejo como um filme, dos bons, aqueles em que podemos alongar as pupilas e sentir sem pressa o emaranhado de cores, sons, poesias e palavras desfilando na tela, um filme em forma de professora “boa gente”, daqueles típicos musicais estrelado por Ricky Martin ou Hugh Jackman.

Da arte cinematográfica saíram as inspirações para a maioria dos textos que enxertam vida e entusiasmo aos debates e contribuições teóricas desse livro, tocando em temáticas como amor, sexualidade, políticas públicas, família, direitos e garantias, relações de poder, relacionamentos, barreiras, preconceitos, estigmas e conquistas das pessoas com deficiências. Por meio da leitura tão vasta em abordagens, assuntos e conteúdos, embora tratem sobremaneira da sexualidade de pessoas com deficiências, permitem colocar os holofotes sobre incontáveis paradigmas históricos, tabus, problemáticas, discursos, comportamentos e interpretações

reducionistas que naturalizam a deficiência como problema individual, tragédia pessoal ou matéria de comiseração ou misticismo.

Os leitores, ao se aprofundarem nos textos poderão compreender que a deficiência precisa ser vista/entendida enquanto um fenômeno social, representando o resultado de inúmeras experiências de violência, discriminação, desigualdade e opressão projetadas ao longo dos tempos sobre esse segmento da população, em função de possuírem corpos amputados, deficientes, disfuncionais e lesionados. Dessa maneira, a deficiência é entendida como sendo produzida por realidades desfavoráveis, ausência de direitos e condições dignas de vida, colocando-as em uma arquitetura de desvantagem ou descrédito social.

Os textos retomam debates históricos e sociais, ilustrando estigmas, preconceitos, violências, materialidades, frustrações, anseios e desejos que remetem às pessoas com deficiências, cujas limitações, lesões e impedimentos de natureza física, corporal, funcional, intelectual, cognitiva, sensorial e múltipla, em contato com mecanismos, pensamentos e instrumentos sociais discriminatórios, barreiras físicas e estruturais, privações de acesso à tecnologia, bens e serviços especializados, ausência de políticas de inclusão e equanimidade e outras, tolheram e limitaram muitas experiências e experimentações de vida, especialmente as de natureza erótica e sexual.

Embora alguns filmes analisados ainda teimem em enaltecer a condição de excepcionalidade e vislumbrem diante de fatos e situações ordinárias, apenas e somente por serem protagonizadas por pessoas com deficiências, os leitores ainda se depararão com textos que comentam filmes em que são tecidas com simplicidade, sensibilidade e primor amores, fantasias, lutas, tragédias, subjetividades e vidas que foram forjadas, marcadas e influenciadas por períodos históricos, constructos ideológicos, discursivos e culturais, nuances políticas, premissas estéticas e questões familiares, sociais e identitárias.

Como dito, o livro traduz esforços de autores que se empenharam para apresentar inúmeras realidades que pulsam no

seio das práticas e das relações envolvendo pessoas com deficiências. Os filmes que serviram de alimento para alguns textos são vivos, singulares e evidenciam uma dada realidade histórica, cultural e social, uma composição de narrativas cotidianas, pensamentos, atitudes, preconceitos e premissas do tempo presente e de outrora e, ainda, descortinam muitos paradigmas e preceitos validados, perpetrados e amalgamados no constructo da sexualidade de pessoas deficientes.

Os diversos capítulos e prismas pelos quais projetam a sexualidade de pessoas com deficiências permitem repensar a própria construção de sexualidade humana, uma sexualidade moldada por meio de padrões, teorias e conceitos historicamente moldados e cristalizados por meio de práticas, ideologias, comportamentos e processos educativos formais ou informais, uma sexualidade normativa, funcional, penetrativa, “genitalizada” e procriativa, amplamente enraizada nas sociedades ao longo dos processos civilizatórios. Outrossim, corpos lesionados, amputados, assimétricos, disformes e disfuncionais permitem subverter tais modelos, projeções e práticas eróticas e sexuais naturalizadas no imaginário coletivo como adequadas ou normais. Não existe uma sexualidade deficiente, antes que alguém venha a perguntar.

Cabe frisar que o que importa tanto quanto as histórias, fatos e conceitos narrados e problematizados neste livro, são os próprios ecos que ele suscita, o não dito, aquilo que é abafado, a exemplo da ausência de obras cinematográficas que colocassem em evidência a mulher com deficiência, uma crítica que cabe à indústria cinematográfica como um todo, por negar esse espaço a elas. Muitos filmes analisados também revelam posicionamentos, pensamentos e atitudes que, a priori, poderiam significar amor, carinho, cuidado, proteção e acolhimento perante as pessoas com deficiências, mas que, em grande parte, representam ainda a presença e a força de preconceitos, teorias, estigmas, tabus e retrocessos perpetrados histórica e socialmente.

Fato que pode ser apreendido a partir de um dos textos que apresenta a descrição de uma das cenas do filme “Hoje eu quero voltar

sozinho”, na qual o personagem Leonardo é alertado pela mãe que não poderá ficar na casa da avó, pois ela tem um compromisso médico e, assim, a mãe ao desconsiderar a possibilidade de ele ficar sozinho na casa avó, traduz o comportamento protecionista e assistencialista que despotencializa, desacredita, subjuga e tolhe experiências, estímulos e oportunidades.

Já no texto que analisou o filme *“Yo también”*, o leitor poderá encontrar um outro exemplo do que chamo de “eco” mediado pelo preconceito, remetendo-se à descrição da cena em que a mãe do personagem Daniel menciona que uma mulher considerada normal não se interessaria por um rapaz como ele, alguém com Síndrome de Down, denotando como muitas relações entre pessoas com e sem deficiências ainda são apreendidas como estranhas, anormais, incomuns ou incompatíveis, relacionamentos que são alvo de análises médicas, representados ainda como perversão, desvio, patologia ou desordem obsessiva, como no caso dos Devotees, pretendens e wannabes (DPW's).

Tanto Leonardo quanto Daniel, representam a realidade e a jornada de muitas pessoas com deficiências pela necessária independência, autonomia e emancipação de personagens reais, os quais muitas vezes precisam lidar com olhares, pensamentos e ações que ainda teimam em remeter à deficiência como algo negativo, patológico, descrédito social, falta, condições que despotencializam e inferiorizam, tolhendo direitos, acesso e garantias à bens, serviços e tecnologias acumuladas historicamente, assim como espaços, moradia, lazer, educação, trabalho, saúde, lugares e projeções de vida digna e gozando de bem estar social e, claro, à sexualidade.

Falamos aqui da tão proclamada autonomia e independência das pessoas com deficiências. Podemos então pensar: Autonomia para quê? Independência de quê? As discussões sobre o filme/obra *“O filho eterno”* e *“Marina não vai à praia”*, por exemplo, trazem à tona esses enredos, com personagens que clamam por voz e vez, por emancipação, gritos de e para o acesso aos mais variados bens, suportes, infraestruturas, serviços e garantias à dignidade humana e, claro, à sexualidade humana.

Os leitores acessarão outros textos que também abordam assuntos afetos à autonomia e independência e, ainda, possivelmente compreenderão que muitas pessoas com deficiências sempre necessitarão de ajuda, de apoio, rede de suporte e cuidados, de acessibilidade, de assistência médico-terapêutica e essa realidade não deve ser vista como incomum ou problemática.

Deve-se dar condições para que as pessoas com deficiências não apenas recebam esses suportes, cuidados, apoios e serviços, mas, e, principalmente, tenham autonomia e independência para escolher terapias, suportes, equipamentos e quem irá atendê-las, ajudá-las, assisti-las em suas necessidades, quem poderá ou não as tocar. Não é apenas sobre fazer algo sozinho ou ser capaz de, tampouco sobre morar sozinho, ter salário ou algo que o valha, é sobre ser entendido, respeitado, valorizado e creditado como pessoa. Como bem coloca um dos autores, serem aceitas como “pessoas completas”.

Aqui é possível se inquietar com a questão de que numa sociedade fortemente funcionalista e capacitista, que ainda concebe a deficiência como problema, falta ou incapacidade individual, a conquista da autonomia e independência estariam associadas à possibilidade dessas pessoas se aproximarem da normalidade, reabilitadas, curadas, tratadas ou adaptadas às condições sociais, tecnológicas, informacionais e laborais.

É imprescindível garantir a autonomia e independência às pessoas com deficiência, seja qual for a sua condição física, motora, funcional, anatômica, intelectual e sensorial, mesmo que exista uma discussão concomitante sobre os possíveis níveis e alcances dessa realização. No filme *“Como eu era antes de você”*, o jovem Will ao decidir cessar a sua história de vida, traz o debate que toca na necessidade de permitir que cada pessoa com deficiência exerça seus direitos, até com relação a decidir viver ou não. Embora não integre a lista dos filmes que foram analisados nos capítulos desse livro, o filme *“Mar adentro”*, dirigido por Alejandro Amenábar, também apresenta a história de uma pessoa com deficiência que luta pelo direito de dar fim à sua existência e que acaba entrando em conflito com a sociedade, a igreja e sua família e merece aqui à

menção. Temáticas como eutanásia ou suicídio assistido são polêmicos e, claro, ao pensarmos no contexto das pessoas com deficiências pelo prisma meramente biológico e médico, talvez ainda beire uma amarga distopia.

Outros encontros e desencontros são descortinados neste livro, fatos, histórias e acontecimentos que moldam não apenas as vidas das pessoas com deficiências, mas também de seus pares, familiares, semelhantes e todo o tecido social. Rejeição, descrédito social, exclusão, discriminação e preconceitos que são matizes de uma violência histórica e que foi se alterando no curso das civilizações. Como discorre o professor e teórico dos Estudos da Deficiência, Sadao Omote, esses sentimentos em face das pessoas com deficiências foram se modificando de acordo com as realidades sociais, culturais e históricas, circunscrito sempre em função de quem é o observado e quem são os observadores (audiência).

O capítulo que analisou o filme e a obra “O corcunda de Notre Dame” aproximará os leitor desse típico (e inaceitável) sentimento de estranhamento, rejeição e descrédito social que recaí sobre o personagem principal, o Quasímodo (sineiro da igreja), que é pessoa com múltiplas deficiências (surdo, deficiente físico e visual) e era observado pela sociedade daquele século XV como feio, mau, alma ruim, diabo e deformado, um tipo de careta, algo a ser evitado, um corpo que transgredia os padrões estéticos, anatômicos e idealizados pelo imaginário coletivo e, por isso, era relegado às margens, às trevas e maldizeres, especialmente no seio de uma cultura fortemente moldada por dogmas, doutrinas e preceitos religiosos.

Uma pergunta que subjaz é “E agora como é que é?”. Para além dos vértices religiosos, monarquias, lendas e preconceitos de um clássico que fora escrito no ano de 1.830, os desejos, afetividade, erotismo e sexualidade em face os corpos com lesão, deficiências e assimetrias, são garantidos, vistos e reconhecidos? Numa perspectiva histórica, social, cultural e política, cabe até mesmo perguntar se são efetivamente requeridos e quais deles integram as agendas reivindicatórias das próprias pessoas com deficiências no Brasil. Nessa esteira, um dos capítulos do livro coloca em relevo o

significado das lutas, conquistas e processos que marcam a construção identitária de pessoas com deficiências. Revela-se, assim, a identidade como uma categoria elaborada socialmente por meio de práticas discursivas, moldada nas e pelas relações de poder, linguagens e outros atributos culturais e históricos. Já a identidade coletiva representaria os esforços de um grupo em prol de suas vozes, representatividade e reconhecimento social, compartilhando interesses, ideias e olhares em comum. No caso das pessoas com deficiências diz-se tratar de identidades horizontais, pois não dependem de herança familiar e, sim, de aproximações, trocas e significados afetos a uma dada coletividade.

Um importante fato histórico que ilustra sobremaneira essa construção identitária coletiva é o surgimento dos movimentos sociais voltados à reivindicação dos direitos das pessoas com deficiências, ao final dos anos 1960, opondo-se às situações de exclusão, violência e marginalização vividas por esse coletivo, eram os denominados *Disability Rights Movement*. Na Inglaterra, por exemplo, um dos principais movimentos surgiu a partir da organização dos residentes de uma instituição especializada no atendimento de deficientes físicos, chamada *Le Home Court Cheshire* e dentre as reivindicações estava a cobrança por maior representatividade na gestão da instituição, liberdade para escolher o horário de dormir, para ingerir bebidas alcoólicas, relacionar-se e fazer sexo sem interferências.

Aqui percebe-se a necessidade de reforçar os debates sobre o acesso à direitos fundamentais, garantindo oportunidades, benfeitorias e um pleno estado de equanimidade, dignidade e qualidade de vida. Ademais, salta aos olhos, especialmente daqueles menos ávidos, a importância salutar de que as pessoas com deficiências tenham nesse bojo de direitos, a liberdade e garantia de viverem plenamente sua sexualidade, seja recebendo orientações, serviços, informações e educação sexual ou namorando, praticando sexo, consumindo produtos, terapias e outros serviços sexuais, frequentando espaços e lugares acessíveis.

Viver a sexualidade, ter experiências sexuais e eróticas é potencializar o corpo, abrir-se ao mundo, perceber o corpo como laboratório da e para a vida, um tipo de vetor semântico, como afirma o antropólogo francês Le Breton, é a vida sentida e percebida na sua textura perceptível, físico-corpórea, sensual, fluida e poética. Trata-se de conceber e entender toda a nossa geometria corporal, corpos cujos experimentos, sensibilidade e performatividade se projetam por meio de oportunidades e sentidos canalizados na e pela relação com outros corpos. É ele mesmo, o corpo, que precisa ser catapultado, protagonizado e politizado em nossas práticas e relacionamentos com o mundo, com o outro, consigo próprio.

Pessoas com deficiências são também pessoas corporais, corpos que dialogam e anseiam por seus espaços, enlances e conquistas. Os corpos assimétricos, lesionados, amputados, desajeitados, desproporcionais e anormais que precisam ser reconhecidos como corpos possíveis, desejados, corpos que dão e recebem prazer, corpos belos. É preciso transcender estigmas, barreiras estéticas, sociais e culturais e para usar uma expressão cunhada pelo canadense Andreus More, ativista no campo da deficiência, vamos “deliciar a deficiência”. Inegavelmente, a autoaceitação ou mesmo a aceitação familiar e social passam pela atmosfera corporal.

As narrativas fílmicas como as expressas nesta seleção de textos e suas subseqüentes análises cunhadas a partir de variados referenciais teóricos e produções científicas, bem como por meio dos olhares analíticos dos autores, permitem visualizarmos, repensarmos e até mesmo subvertermos inúmeros paradigmas e preconceitos arraigados no seio das sociedades, em particular, em muitas realidades familiares e sociais de pessoas com deficiências.

Trata-se de obras que permitem entrar nos “bastidores” de muitas vidas, observá-las em cenas cotidianas, materialidades, nuances e em relações que poderiam ser (e muitas vezes são) verdadeiras, coloridas de realismo, textura factual. Como a cena do filme “*Hasta la vista*”, na qual Philip (tetraplégico), em férias com a família, observa com atenção duas jovens garotas realizando uma corrida matinal pela praia e talvez imaginando como seria sua vida

se estivesse em outro corpo. Esse filme foi analisado em dois capítulos e tematizam, à luz de contribuições teóricas, o drama vivido por três amigos com deficiências que ensejam uma bonita e digna caminhada em busca de suas primeiras experiências sexuais. Até mesmo a intenção de projetar essa história ficcional (bem que poderia não ser!) a partir de um típico *road movie*, sugere uma liberdade, um desejo, um prazer erótico e sexual, que só conseguiriam ser satisfeitos em outro lugar, outro canto, outro país, “pegando a estrada” (metáfora da vida) da Bélgica à Espanha.

No capítulo que analisa o filme “Vermelho como o céu”, é possível aos leitores assimilarem saberes e reflexões sobre a deficiência visual e todo o seu universo teórico, técnico, legal e sócio-histórico. O filme em questão apresenta a história de vida de Mirco Balleri e sua paixão pelo cinema. Um homem com cegueira em meio a desafios, estímulos, privações e sonhos, na Itália dos anos de 1970, cuja força e obstinação o tornou o melhor editor de som da cinematografia italiana na atualidade.

Alguns textos destacam com bastante intensidade as narrativas cotidianas vivenciadas pelas pessoas com deficiência, junto à suas famílias, amigos e perante suas inúmeras relações com o mundo circundante. A maioria das obras analisadas descrevem momentos conflituosos e tensões que se estabelecem na vida de pessoas com deficiências, especialmente quando estão em pauta seus direitos, vontades, desejos e liberdades. Em relevo também estão as incontáveis situações em que remetemos à coragem e a persistência dos deficientes para superarem barreiras, constrangimentos, violências, inseguranças e desafios impostos a seus social e historicamente a seus corpos lesionados, disfuncionais, assimétricos e disformes

Nesse momento, importa também refletir sobre o quanto a própria ideia e/ou discurso reificante de superação, seja no âmbito das produções fílmicas e debates teóricos ou face o próprio imaginário coletivo, não reforça a deficiência como algo negativo, defeito, problema ou dificuldade, uma condição que precisa ser “superada”. É salutar e inadiável o nosso compromisso diante da necessidade de envidarmos esforços para que a deficiência seja

entendida e admitida por meio da sua própria potencialidade, singularidade e estética. Não há nada para ser superado no que tange à condição de deficiência e corpos lesionados, disfuncionais, disformes, deficientes e assimétricos. Se quisermos superar algo, que seja nossa ignorância, preconceitos, pensamentos e atitudes que as violentam, maltratam e subjagam.

Mesmo os filmes que abordaram a vida de pessoas com deficiência de maneira mais sensível, amorosa ou romântica, ao tratarem a questão por um viés essencialmente individual, médico e biológico, coadunam com abordagens e pensamentos cristalizados social, cultural e historicamente, abordando as deficiências, sejam elas físicas, motoras, sensoriais, intelectuais ou mentais, como algo problemático, doloroso, algo a ser tratado, curado, reabilitado, medicalizado, um corpo que precisa ser melhorado e/ou adaptado à realidade em que vive. Até mesmo jornais, reportagens, comerciais e outras produções insistem em construir e reforçar a imagem dessas pessoas como frágeis, sofridas, incapazes, dignas de piedade.

Os leitores poderão observar a partir desta obra e, em particular, no capítulo “O estigma de “deficiente””, inúmeros estudos abordando temáticas relacionadas ao estigma, preconceito, discriminação e violências perpetradas contra pessoas com deficiências no ambiente familiar, laboral, educacional e demais espaços de seu convívio social. Leitura que permitirá entender facetas dessa violência simbólica, verbal, física, atitudinal e institucional sofrida por elas, como no caso de mulheres com deficiência que se encontram duplamente vulneráveis e o quanto precisamos envidar esforços para mudar esse cenário e seus efeitos deletérios à autoimagem, autoestima, subjetividade, identidade e à vida dessas pessoas.

Aqui reforça-se a premência de apreendermos a deficiência enquanto fenômeno social e histórico, produzida no seio de sociedades desiguais e opressoras, por meio de discursos normativos, médicos, regulatórios e autoritários. É o senso de normatividade que deve ser questionado, já que dificulta a manutenção de relações mais saudáveis, afetivas e empáticas com

aqueles que não atendem aos padrões, preceitos e expectativas normativas. Convido os leitores a lerem sobre temas como desvio, estigma e normatividade a partir do filme “Coringa: uma carta fora do baralho”. Como expressou a saudosa professora Lígia Amaral, em um texto chamado “Entre crocodilos e avestruzes”, é preciso superarmos esse fosso de crocodilos (preconceitos) que não permitem chegarmos do lado de lá.

O livro apresenta um relevante debate sobre a assistência sexual profissional às pessoas com deficiências, presente, também, nos capítulos que analisaram os filmes “*Hasta la vista*” e “*As sessões*”, direcionando os leitores para a premência dos serviços e profissionais especializados no atendimento sexual para a ampliação das oportunidades, práticas, saberes, vivências e realizações sexuais e eróticas desse público.

O filme “*As sessões*”, inspirado na história Mark O'Brien, jornalista e escritor, apresenta com destemor e sensibilidade a jornada de uma pessoa com deficiência para obter conhecimentos e experimentações práticas que permitissem satisfazer escolhas, desejos e anseios no âmbito sexual, erótico e amoroso. O que poucos sabem é que ele publicou, inicialmente, um artigo no jornal *The Sun*, em idos de 1990, no qual descreveu sua história e percepções a partir das sessões de terapia sexual e como sua vida sexual e amorosa mudou após esse período.

A própria história e trajetória profissional da terapeuta sexual Cheryl Cohen Greene, que atuou como substituta sexual no atendimento a Mark, é valiosíssima para refletirmos sobre essa questão, pois no curso de sua atuação profissional já conta com centenas de atendimentos às pessoas com deficiências, cujas experiências foram compartilhadas em seu livro “*As sessões-minha vida como terapeuta sexual*” e, assim, coloca luz sobre outros possíveis caminhos à sexualidade.

O aprofundamento das análises teóricas e perspectivas sócio-políticas, legais e culturais que remetem a essa importante temática, poderão ser acessadas pelos leitores no capítulo “*Asistencia sexual para personas con discapacidad: publicaciones en Brasil*”, permitindo, inclusive,

entender a dimensão histórica, sociológica, paradigmática e diferentes concepções sobre a assistência sexual de pessoas com deficiências. Trata-se, antes de tudo, do direito de acesso ao próprio corpo, às terapias sexuais, profissionais e assistência sexual para pessoas que em função de suas lesões, comprometimentos físicos, sensoriais e intelectuais, disfunções e amputações, não tiveram e ainda não tem as mesmas oportunidades de explorar e viver a dimensão sexual e erótica de seus corpos.

Esse livro apresenta personagens como de Mark, Will, Philip, Quasímodo e tantos outros que precisam explorar suas potencialidades, poéticas e dimensões corporais, como já frisado até aqui e, claro, por meio de suas próprias experimentações sexuais, com acesso a políticas voltadas à área da sexualidade, esta entendida como dimensão nuclear na construção e reconhecimento de nossa realidade, materialidade e existência histórica, social, política e erótica. Existiria algo mais terapêutico do que o próprio sexo? A descoberta do corpo, dos seus inúmeros prazeres, sentidos e sensações, certamente passa pelas tramas eróticas, pelo amor e descobertas sexuais vividas pelas pessoas com deficiências.

Como sugeriu o cineasta russo Andrei Tarkovsky, os filmes possuem uma miríade de significados e se você procurar um significado, vai perder tudo o que acontece. Num filme, quando paramos para entender o dito, não conseguimos perceber o não dito. Deixo, então, a sugestão para que possamos nos maravilhar com a leitura deste livro e com a mesma energia e disposição assistirmos a todas as produções cinematográficas apresentadas e analisadas nesta obra e, assim, observarmos suas poéticas e provocações.

Brasília, dezembro de 2020

2º Tenente QOCON PED Everton Luiz de Oliveira
Doutor em Educação Especial
Adjunto da Subdivisão de Pesquisa e Desenvolvimento
Força Aérea Brasileira - Diretoria de Ensino (DIRENS)
Brasília - D.F

**Como Eu Era Antes De Você:
uma análise sobre deficiência adquirida**

Valquíria Perassolo
Fátima Elisabeth Denari



Introdução / Enredo do Filme

O filme *Como eu era antes de você* trata-se um drama romântico que conta a história de Will Traynor, um jovem rico, esportista, aventureiro e que vê sua vida mudar e perde a vontade de viver após ser atropelado por uma motocicleta e ficar tetraplégico.

Will, diante dessa condição de deficiência, decide colocar um ponto final ao sofrimento e a tudo que o limita ao que antes era essencial para ele viver.

Os pais de Will, Steven Traynor e Camilla Traynor tentam incansavelmente contratar uma pessoa para cuidar do filho, na esperança de que o mesmo desista com a ideia de acabar com a própria vida, é aí que surge a jovem Louisa Clark.

Louisa é uma jovem que mora com os pais, a irmã, o sobrinho e o avô que necessita de cuidados especiais desde que sofreu um derrame. A jovem tem um relacionamento amoroso com Patrick, um triatleta que parece pouco se importar com ela.

Por ser de origem humilde, Louisa sempre trabalhou para ajudar a sustentar sua casa. Trabalhava como garçonne em um café, que embora não pagasse muito já ajudava nas despesas de casa.

A jovem viu tudo mudar quando o café fechou e ela foi despedida. Na procura por outro emprego e sem muitas qualificações e experiência profissional decidiu fazer entrevista para cuidadora de um tetraplégico.

Durante a entrevista com a mãe de Will, a jovem atrapalhada pensa que é para cuidar do esposo da mesma e quando fica sabendo que se trata do filho fica sensibilizada por se tratar de um rapaz tão jovem.

No primeiro contato com a jovem, Will não foi muito receptivo e tenta assustá-la fingindo demência e dificuldade até para falar, no entanto, a jovem persiste e diante da dificuldade financeira que sua família passa, decide assumir o desafio de ser cuidadora de Will.

É desse convívio que tudo começa a mudar. A jovem Louisa, com sua espontaneidade e alegria começa a trazer cor e ânimo a vida de Will, mas será que isso seria o suficiente para fazê-lo desistir de sua decisão?

Método

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva, do tipo documental que tem por objetivo principal

analisar o filme *Como eu era antes de você* lançado no dia 16 de junho de 2016, sob a direção de Thea Sharrock.

O filme é baseado no livro de Jojo Moyes, uma escritora britânica que nasceu em 1969, trabalhou como jornalista por mais de 10 anos, publicou seu primeiro livro em 2002 e desde então se dedica apenas a atividade de escritora.

O livro como eu era antes de você vendeu mais de oito milhões de exemplares em todo mundo e trata-se de um romance em meio a um drama. Tanto o livro quanto o filme são envolventes e emocionantes.

Conceito de deficiência adquirida

Há algum tempo atrás, não ouvíamos falar tanto em deficiência. Ela foi silenciada e ocultada por anos afins. Nos dias atuais, todos nós conhecemos ou somos uma pessoa com deficiência (PCD). Autores como Santos (2016) evidenciam que o número de pessoas com deficiência é elevado e a discussão dessa temática vem ganhando espaço na última década. Teixeira e Guimarães (2006) relatam que:

O Censo 2000 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) foi o primeiro a fazer uma investigação detalhada sobre a deficiência. Foi considerada deficiência pelo IBGE a caracterização do uso de aparelhos de surdez, próteses, muletas, cadeiras de rodas e englobando todos os tipos de deficiência; Os resultados do Censo mostraram um número maior de portadores de deficiência do que o esperado: 24,5 milhões de pessoas, o que representa 14,5% da população brasileira.

Esse dado nos mostra que uma grande parcela da população brasileira possui algum tipo de deficiência. No entanto, o preconceito na utilização de termos como inválido ou deformado, ao se referir à pessoa com deficiência tendem a diminuir a pessoa como um todo, focando apenas na deficiência e não enaltecendo a

pessoa e as habilidades que ela possui. Teixeira e Guimarães (2006, p. 188) afirmam que a “denominação das pessoas cria um estigma e sugere como caminho para superá-lo a contextualização da relação do nosso corpo com as nossas deficiências”.

A deficiência é algo difícil de lidar sendo ela congênita ou adquirida tanto na fase da infância quanto na fase adulta. O filme *Como eu era antes de você* trata de um jovem que ficou tetraplégico ao ser atropelado por uma motocicleta.

Teixeira e Guimarães (2006, p. 192) definem a deficiência adquirida na fase adulta como:

... a perda da estrutura ou função fisiológica, psicológica ou anatômica que gera a restrição para realizar atividades dentro da normalidade. A incapacidade existe em função da relação das pessoas portadoras de deficiência e o seu meio ambiente, o que gera a desigualdade de condições com os demais. A relação cultural tem presença marcante na caracterização da estigmatização, podendo tornar o deficiente igual ou diferente.

A paraplegia ou tetraplegia normalmente estão ligadas a lesões medulares e estas podem ser não traumáticas ou traumáticas. As lesões medulares não traumáticas, trata-se de malformações congênitas ou adocimentos. Já as lesões traumáticas segundo Moreira e Souza (2017, p.244) possuem “causas externas, como acidentes automobilísticos, situações derivadas de violência, quedas e mergulhos em águas rasas”. Essa definição de lesões traumáticas que levam a paraplegia ou tetraplegia corroboram com o pensamento de Balestrin e Moschen (2019, p. 204), onde as autoras acreditam que essas deficiências “pode ocorrer ao nascimento ou por causa adquirida devido a um trauma de mergulho seguido de batida na cabeça, ferimento por projétil de arma de fogo, acidente automobilístico ou motociclístico”.

No filme, Will é vítima de um traumatismo raquimedular (TRM) que o deixou tetraplégico. Balestrin e Moschen (2019, p. 204) define a tetraplegia como:

Uma lesão na medula espinhal que afeta o movimento e a sensibilidade dos membros superiores e inferiores. Esta lesão acarreta alterações significativas do aparelho urinário, sexual, gástrico e respiratório e, nos casos mais graves, o paciente vive ligado a um respirador, o que diminui ainda mais sua mobilidade devido aos cuidados necessários nas transferências da cama para cadeira de rodas para não incorrer o risco de desconexão desse aparelho.

A literatura define a tetraplegia como o tipo de deficiência que afeta os movimentos dos membros tanto superiores, quanto inferiores e, além disso, pode comprometer algumas funções dos sistemas que formam o corpo humano.

Vários autores discutem o TRM e o associam a perda da autonomia. O fato de adquirir uma deficiência é algo inesperado e carrega consigo uma necessidade de aceitação e adaptação para essa nova condição. Moreira e Souza (2017) relatam que a condição de deficiência adquirida implica em mudanças no modo de viver do sujeito, como relatado abaixo:

Ao adquirir sequelas físicas, o indivíduo passa a encarar a vida de uma nova perspectiva, agora sob a ótica de uma pessoa com deficiência, situação essa pouco privilegiada que traz consigo a necessidade de se reorganizar, repensar conceitos, papéis e funções, implicando em um processo de compreensão e aceitação de uma nova condição até então desconhecida (MOREIRA & SOUZA, 2017, p. 247).

A perda da autonomia, o fato de não poder andar, prover e fazer as coisas que antes lhe eram corriqueiras impede que a pessoa com deficiência sinta-se plena, pois, a todo o momento, ela compara a liberdade e a autonomia que ela tinha antes e depois da lesão. Foi exatamente isso que acontece com o personagem principal do filme aqui analisado, Will não se reconhece na condição de deficiência.

Para o Will, o fato de não poder fazer o que antes lhe era corriqueiro é uma carga pesada demais. O trauma limitou os movimentos e algumas funções do corpo, no entanto as funções cognitivas e emocionais estão intactas e se mantem preservadas. No

Livro, Moyes (2016) descreve a sensação de Louisa ao conviver e observar Will:

... o olhar vazio de alguém que está sempre a alguns passos afastado do mundo ao seu redor. Às vezes, eu me perguntava se aquilo não era um mecanismo de defesa de Will, já que a única maneira que encontrou de lidar com sua vida foi fingir que não era com ele que aquelas coisas estavam acontecendo.

Eu gostaria de sentir pena dele. Eu realmente queria. Quando o pegava olhando para fora através da janela, pensava que ele era a pessoa mais triste que eu já conhecera. E, a medida que os dias se passavam e eu notava que sua condição não tinha relação somente com o fato de estar preso naquela cadeira ou com a perda da sua liberdade física, mas por uma série infinita de problemas de saúde, riscos e desconfortos, conclui que, se eu fosse Will, provavelmente também me sentiria infeliz (MOYES, 2016, p.45).

O fato de depender a todo o momento de alguém para suas necessidades básicas suscita um grande sofrimento. Moyes (2016) ainda cita no livro, episódios em que Louisa ou Nathan tem que alimentar Will. Ambos descrevem que era evidente o desconforto que Will sentia, relatando que “não conseguia nem me olhar enquanto eu o alimentava” (p.44).

O afastamento de Will de suas atividades laborais também pesaram para que o jovem não visse mais sentido em continuar vivendo. Casos assim são relatados por Santos (2016), pois para a autora, o trabalho está intrinsecamente ligado a “utilidade” de um pessoa.

O personagem do filme é de uma família abastada e recebe todos os tratamentos possíveis para tentar reverter a condição de deficiência, e todos eles são em vão. Mesmo com o acompanhamento psicológico e de uma equipe multiprofissional inteiramente disposta para ele, Will toma a decisão e opta pelo suicídio assistido.

Eutanásia e o Suicídio Assistido

Inúmeras pessoas que passam por condições de saúde onde o sofrimento é eminente e não há perspectiva de melhora do quadro de saúde optam pelo suicídio assistido também conhecido como morte assistida ou então pela eutanásia. Mas é necessário se atentar, pois, em inúmeros países essa prática ainda não é legalizada e permitida.

Diversos autores definem, diferenciam e estudam o que levam as pessoas a optarem por este fim, um deles é Brandalise; *et al* (2018), este pesquisador define esses termos como:

O suicídio assistido e a eutanásia são práticas realizadas para abreviar a vida de pacientes que estão em sofrimento insuportável e sem perspectiva de melhora. No suicídio assistido, o paciente, de forma intencional, com ajuda de terceiros, põe fim à própria vida, ingerindo ou autoadministrando medicamentos letais; na eutanásia ativa, uma terceira pessoa, a pedido do paciente, administra-lhe agente letal, com a intenção de abreviar a vida e acabar com o sofrimento (BRANDALISE; *et al*, 2018, 218p.).

Após o acidente que o deixou paraplégico, Will se vê totalmente dependente de uma cadeira de rodas e de cuidados especiais que lhe são dados por Nathan, um enfermeiro e de Louise, uma cuidadora que é contratada para evitar que ele fique sozinho e atente contra a própria vida no período em que Nathan tem que se ausentar.

Will tentou tirar a própria vida por não aceitar a atual condição e por segundo ele não poder ser e fazer o que sempre foi e fez. Ele então decide que não quer mais viver e entra em contato com uma clínica na Suíça para realizar o suicídio assistido. Brandalise *et al.*, 2018 descreve que:

Na Suíça, o suicídio assistido é praticado por organizações sem fins lucrativos, pois não há leis que proibam essa prática; no entanto, não é aceitável sua realização com a motivação de aliviar gastos financeiros

da família ou liberar leito de hospital para outro paciente que esteja necessitando de tratamento (BRANDALISE, *et al.*, 2018, 218p.).

Os pais do jovem Will se veem desesperados e sem aceitar a decisão do filho, tentam a todo modo convencê-lo que vale a pena continuar vivendo.

Caso semelhante ao do Will Traynor, onde uma pessoa após adquirir a condição de deficiência decide não mais viver são descritos por diversos autores. Destaco aqui o caso relatado por Pereira (2007) de um jovem francês de 22 anos chamado Vincent Humbert que após sofrer um acidente automobilístico permaneceu em coma por nove meses. Embora suas atividades cognitivas estivesse preservada, o jovem ficou com deficiência múltipla, tornando-se tetraplégico, cego e mudo em função das lesões que sofreu no acidente.

O jovem em questão movia apenas o polegar da mão direita, e escreveu uma carta ao presidente da França pedindo o direito de morrer. Ele desenvolveu uma técnica ao se comunicar com a mãe. Ela soletrava o alfabeto e quando ele queria utilizar alguma letra ele pressionava com o polegar a mão da mãe, era um processo lento, mas, desse modo ela ia escrevendo o que ele queria. Ele solicitou ao presidente que não julgasse quem o ajudasse a tirar a própria vida.

O caso do jovem Vincent tornou-se público quando ele lançou um livro que foi escrito com a ajuda de um jornalista com a mesma técnica que ele utilizava para se comunicar com a mãe. No livro, ele argumenta sobre a decisão de tirar a própria vida com a finalidade de acabar com o seu sofrimento.

Pereira (2007) relata que a condição física do jovem francês na condição de pessoa com deficiência é um elemento diferenciador na decisão de praticar eutanásia. Desse modo, ele descreve a luta de Vicent Humbert como:

A condição física do rapaz é um elemento diferenciador e neste caso merece ser considerada especialmente pela intensa luta travada por ele em defesa da sua opção pela morte, como forma de cessar seu

sofrimento. Temos, assim, dois aspectos a examinar: o primeiro deles é o princípio da autonomia, elemento fundamental para uma análise racional, imparcial e eticamente justificável em se tratando de eutanásia ou suicídio assistido. O segundo elemento, de caráter histórico, diz respeito à questão da pessoa com deficiência no que tange à discriminação social, especialmente por ser a deficiência – no caso de Humbert, uma tetraplegia – uma condição que aparentemente ‘compromete’ a autonomia do sujeito (PEREIRA, 2007, 121p.).

O autor ainda discute que “tanto a eutanásia quanto o suicídio assistido são temas de significativa relevância no campo da bioética” (Pereira, 2007, 121p.). Essa questão merece ser discutida por diversos segmentos e é necessário compreendermos os motivos que levam uma pessoa a desejar a própria morte, normalmente com a intenção de eliminar um sofrimento intenso.

Balestrin e Moschen (2019)relata o caso de Ramón Sampedro, um jovem que aos 22 anos de idade ficou tetraplégico em função de um mergulho no mar no qual ele fraturou a sétima vértebra da cervical.

A história de Ramón é retratada no filme “Mar adentro” lançado no ano de 2004, ele se negou a fazer o tratamento de reabilitação e foi atrofando diariamente encima da cama, ele também se negou a utilizar a cadeira de rodas pelo fato de não aceitar a situação ao qual estaria vivendo.

Ramón Sampedro utilizava apenas como tecnologia assistiva uma prancha inclinada ao lado da cama no qual ele escrevia com a boca. Nos seus escritos ele solicitava o direito de morrer, pois ele não considerava digno continuar vivendo no estado em que se encontrava.

Balestrin e Moschen (2019) relata ainda a história de Jean-Dominique Bauby retratada no filme “O escafandro e a Borboleta” lançado no ano de 2007. Jean-Do como era chamado pelos íntimos sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC) aos 42 anos de idade, que resultou na “Síndrome locked-in” ou também chamada de “Síndrome do encarceramento”.

Ainda segundo Balestrin e Moschen (2019), as pessoas que sofrem com essa síndrome tem paralisia completa de todos os músculos do corpo, com exceção dos músculos que controlam os movimentos verticais dos olhos. No geral, as pessoas que possuem a síndrome de locked-in possuem as funções cognitivas preservadas e se comunicam com o movimentos dos olhos.

No caso relatado pelas autoras (Balestrin e Moschen, 2019), Jean-Do estabeleceu uma maneira de se comunicar com as demais pessoas, onde piscar o olho uma vez significava sim e piscando o olho duas vezes significava não. Para compor palavras e frases inteiras as pessoas a sua volta iam soletrando letras e quando fosse uma letra desejada ele piscava o olho esquerdo.

Devido a sua condição completamente limitada, Jean-Do também desistiu de viver. Um dos motivos que o manteve vivo por mais tempo foi a sua vontade de escrever um livro que foi lançado 10 dias antes de sua morte.

Amor X Sofrimento

Louisa começa a trabalhar como cuidadora de Will e vai conhecendo a história do rapaz. A princípio ela não gosta da sua função e da maneira como Will a trata. Mas se vê obrigada a permanecer no emprego visto que sua família necessita de sua ajuda financeira, já que sua irmã Katrina decide retomar os estudos e não poderia mais contribuir com as contas de casa.

Antes de ser atropelado pela moto, ele era noivo de Alícia. Após o acidente e já na condição de deficiência, ele não permite a aproximação da namorada e os dois se afastam.

Passados 2 anos do acidente e do término do relacionamento, Alícia começa a se relacionar com Rupert, um amigo do escritório no qual Will trabalhava. Os dois decidem contar a Will que estão juntos antes que ele fique sabendo por outra pessoa. Louisa se sensibiliza com a situação e se compadece do sofrimento de Will.

Com o passar dos dias Camilla e Steven, pais de Will, percebem que o filho tem um novo ânimo, pois o mesmo se

apaixona pela jovem cuidadora. Louisa faz de tudo para ocupar o tempo de Will, propõe passeios, concertos e viagens. Ela se encanta com a maneira de ser de Will e também se apaixona por ele.

Eles se divertem e uma alegria toma conta dos dois. Will conhece a família de Louise indo na casa dela no dia de seu aniversário. Ele a presenteia com uma meia calça que ela relatou que tinha na infância e que nunca mais havia encontrado para comprar.

Will desperta o que há de melhor em Louisa. Uma autoconfiança, amor próprio e uma vontade imensurável de viver e ir em busca de seus sonhos. E ela desperta nele um amor puro, sensível, mas infelizmente Will não desiste de por um fim ao seu sofrimento. Ele compreende que seria uma vida linda se os dois ficassem juntos, que seriam felizes, mas ele reconhece também que viriam os problemas, as brigas, que ele não se sentiria homem o suficiente se não conseguisse satisfazer Louisa enquanto mulher. Infelizmente a atual condição de tetraplegia retirava toda vontade de continuar a viver que ele pudesse ter.

Quando Louisa descobre a opção de Will pelo suicídio assistido, ela tenta fazê-lo mudar de ideia e se frustra quando ele decididamente viaja para Suíça com seus pais afim de realiza-lo.

A princípio Louisa se recusa a fazer parte da decisão de Will e de estar ao seu lado quando o momento dele partir acontecesse. Mas, convencida pela irmã e pelo pai, ela viaja e o encontra na Suíça e permanece com ele até o momento de sua morte, que para Will significa libertação.

Considerações Finais

O filme *Como Eu Era Antes de Você* é muito emocionante e comovente. Foi sucesso em bilheterias nos cinemas no mundo todo.

Consideramos que a condição de deficiência desperta inúmeros sentimentos, e um deles é o de revolta e sofrimento por limitar a pessoa ao que antes era considerado essencial e prazeroso à ela.

É necessário colocar em discussão temas como suicídio assistido e eutanásia e também há necessidade de compreender os motivos aos quais levam uma pessoa a optar por essa prática.

Relatos como o do filme e de outras situações vivenciadas por pessoas que adquiriram a condição de deficiência em função de um acidente e/ou problemas de saúde na vida adulta mostram que, a opção por esta prática não tem o intuito de acabar com a vida, mas sim, tem a finalidade de cessar o sofrimento.

Muitas pessoas ao assistirem o filme ou lerem o livro se comovem e não compreendem a triste decisão de Will de por fim a sua vida. Afinal, ele poderia ter uma linda história de amor com Louisa. Mas o fato é que, para Will, a morte seria uma libertação de tudo aquilo que limitava ele a viver como ele desejava.

Referências

BALESTRIN, Patrícia Rosa; MOSCHEN, Simone Zanon. O laço social e o sujeito paralisado pela tetraplegia. **Cadernos de Psicanálise**. Rio de Janeiro, v. 41, n. 40, p. 203-223, jan./jun. 2019.

BRANDALISE, Vitor Bastos; *et al.* Suicídio assistido e eutanásia na perspectiva de profissionais e acadêmicos de um hospital universitário. **Revista Bioética**. Joaçaba/SC, v.26, n.2, p. 217-227, abr./jun. 2018.

COMO eu era antes de você. Direção de Thea Sharrock. Londres: Warner Bros, 2016, 1 DVD (110 min.).

MOREIRA, Rebecca Barata; SOUZA, Airle Miranda de. Significado da deficiência adquirida na vida adulta: implicações do trauma raquimedular. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 22, n. 2, p. 243-251, abr./jun. 2017.

MOYES, Jojo. **Como eu era antes de você**. 1 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016. 320p.

PEREIRA, Ray. Deficiência e autodeterminação humana: compaixão e insensibilidade no caso Vincent Humbert. **História**,

Ciência, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 14, n.1, p. 119-134, jan./mar. 2007.

SANTOS, Joelma Cristina. **Sentidos do Trabalho para a Pessoa com Deficiência Adquirida Reinseridas no Mercado de Trabalho**. 2016. Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. 134 f. São João del-Rei. Disponível em: <<https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/incluir/JOELMA%20SANTOS.pdf>>. Acesso em: 23 jan 2020.

TEIXEIRA, Angela Maria; GUIMARÃES, Liliana. Vida revirada: deficiência adquirida na fase adulta produtiva. **Revista mal-estar e subjetividade**, Fortaleza, v. 6, n.1, p. 182-200, mar. 2006.

Análise do Filme “Yo También”

Mariana Cristina Pedrino

O filme *Yo también* é uma produção espanhola (PASTOR; NAHARRO, 2009), tendo como protagonista Daniel, interpretado por Pablo Pineda, ator com síndrome de Down, premiado na categoria melhor ator, com a Concha de Prata no Festival de San Sebastián.

O filme traz a história de Daniel, um homem de 34 anos graduado em Educação Especial, que inicia seu trabalho em uma repartição pública que atende pessoas com deficiência. Em alguns momentos, Daniel é considerado ou tratado como incapaz e de forma infantilizada, o que é bastante comum para pessoas com deficiência, especialmente a Síndrome de Down. (MONTORBIO; LEPRI, 2007).

Daniel se apaixona por Laura (Lola Dueñas) sua colega de trabalho, sem deficiência aparente, mas como uma história de vida marcada por abusos e incompreensões, sendo alvo de críticas e preconceitos. Laura tem dificuldades para aceitar sua própria vida e, como consequência do seu passado, tem dificuldades para se “ajustar” socialmente ao modelo esperado pela sociedade. A amizade entre ambos promove uma grande transformação neles e nas pessoas ao redor, ao inspirar reflexões sobre questões práticas da vida de pessoas com síndrome de Down, em especial, sobre a constituição de sua identidade. Em alguns momentos, Laura o trata como uma criança e Daniel sabiamente se aproveitar desse cuidado exagerado para ficar ainda mais próximo dela.

Daniel está convencido de que Laura também sente algo por ele, que lhe trata como ninguém o tratou antes, que o vê como “normal”, e seu irmão afirma que ele precisa falar para Laura, mas que poderá se chatear, ou se aborrecer com a reação de Laura, como todos os que se apaixonam por alguém.

A família de Daniel sempre o apoia e lhe proporciona participar de práticas comuns a pessoas com a mesma idade: como ir a estádios

assistir aos jogos de basquetebol, estudar outro idioma, ir ao museu, praticar esportes e brindar as conquistas da vida (como o casamento do irmão e a gravidez da cunhada). Mesmo assim, em um dado momento do filme, os pais de Daniel discutem sobre a influência de Laura na vida dele. A mãe afirma que ela não deve ser boa pessoa, pois não dá uma boa impressão, ainda mais com um “cabelo daquele” (33’30”) e que tem consciência de que “uma mulher medianamente normal não se interessaria por um rapaz como Daniel” (33’46”). Já o pai, nervoso, contesta que ela sempre batalhou para que o filho fosse normal e que todo o ser humano “normal” tem desejo de ter relações sexuais e que com Daniel não seria diferente (33’55”). Essa constatação choca profundamente a mãe, e deve chocar também a sociedade, que acredita que a pessoa com deficiência não sente desejos, especialmente ligados à manifestação da sexualidade, conforme destaca Maia (2009)

[...] encontramos no discurso dos pais e dos familiares a crença de que seus filhos/as são por demais infantis para manifestarem a sexualidade, como se ela, neste caso, fosse uma coisa aberrante, um monstro prestes a sair do corpo do deficiente! Se os deficientes mentais são considerados “puros” e “anjos”, não podem ter o demônio do sexo e do desejo em si mesmos. Sobre isso sabemos, desde Freud, que a sexualidade é considerada fato inerente ao ser humano, portanto, faz parte da vida [...] (MAIA, 2009, p. 274-275).

Laura tem dúvidas sobre o que sente por Daniel e prefere, inicialmente, rejeitar a ideia de algo além da amizade acontecer entre eles. Ao se deparar com a rejeição de Laura, Daniel permanece triste, deprimido e afirma que o fato de ter a Síndrome não lhe exime de ter desejos, de sentir vontade de se relacionar com outra pessoa, de ter uma família como qualquer pessoa sem deficiência pode ter.

Nesse sentido, de modo bastante cuidadoso, o filme aborda os temas tabus como a sexualidade de pessoas com deficiência, o que nos possibilita uma profunda reflexão sobre os sentimentos, os desejos, as angústias e frustrações das pessoas com a Síndrome. Como afirma Denari (2010) a pessoa com deficiência

A sexualidade está presente em todas as faixas etárias independente de padrões de normalidade esperados por determinada sociedade, independente das necessidades especiais, das deficiências ou dificuldades que uma criança, jovem ou adulto manifeste, sejam estas física, mental ou social, para que ela seja vivenciada. (DENARI, 2010, p. 50)

“E por que tanto esforço, se não se pode ser feliz?” (1h 13’ 40”) é a pergunta que Daniel faz para sua mãe que tenta lhe consolar, dizendo que assim que soube que Daniel era uma criança especial, investiu muito em sua formação e capacitação, para que pudesse ser “normal” e ter as mesmas oportunidades que os colegas não-sindrômicos teriam. A pergunta nos convida a refletir sobre o que é normal e o que é patológico em nossa sociedade e como a busca pela normalidade acaba sendo uma meta a ser atingida por todos, especialmente a pessoa com deficiência.

Busca-se a cura, a normalidade da harmonia, o estado ideal e habitual dos órgãos, acabar com a frustração e com o sofrimento (CANGUILHEM, 2009), já que não há espaço para a deficiência na sociedade em que vivemos, visto que não é uma condição “vantajosa e desejada, pois a vida das pessoas com alguma incapacidade limitante é extremamente difícil; a competitividade é a regra nos meios sociais e uma condição orgânica considerada desvantajosa e sinônimo de fracasso eminente.” (MAIA, 2009, p.272).

Em outro momento do filme, um casal de amigos de Daniel, também com a Síndrome, se apaixona e a situação traz à tona o questionamento sobre a possibilidade e a vontade de viver esse sentimento com a permissão dos pais e da sociedade. Existe uma ideia generalizada de que pessoas com deficiências são assexuadas, o que está relacionado com a crença de que essas pessoas são dependentes, infantis e imaturas emocionalmente (DENARI, 2002; GIAMI, 2004; MAIA, 2006; MAIA; RIBEIRO, 2010). A própria mãe da garota (com 24 anos) insinua que a filha não sabe dizer não e que pode estar sofrendo algum assédio por parte de algum garoto, mas não cogita o fato da filha também estar interessada nele.

Pode-se dizer que o enredo da obra nos convida a repensar muitas questões, especialmente ligadas à evolução das concepções

sobre a deficiência e também sobre a sexualidade da pessoa com deficiência, que estão intimamente relacionadas com o momento histórico, social e cultural de cada sociedade. Nesse sentido, assumimos a definição de sexualidade proposta por Maia e Ribeiro (2010), pois refere-se aos “sentimentos, atitudes e percepções relacionadas à vida sexual e afetiva das pessoas; implica a expressão de valores, emoções, afeto, gênero e também práticas sexuais e é essencialmente histórica e social.” (MAIA; RIBEIRO, 2010, p. 161).

Ainda pensando sobre a independência e a possibilidade de igualdade de oportunidades, o filme retrata o desejo dos jovens com Síndrome de Down terem experiências como qualquer outro jovem: dançar, paquerar, namorar, se divertir, viajar sem a presença dos pais, mesmo com o desafio das próprias limitações e dependência de outras pessoas.

O enredo nos ajuda a compreender que as pessoas com deficiência também devem ter autonomia, desde que haja condições para que possam exercer suas vontades e desejos. Isso nos parece óbvio, mas vendo o filme percebemos o quanto essas pessoas se tornam invisíveis, sem voz e vez pelas nossas próprias concepções equivocadas sobre a deficiência, considerando que a noção de incapacidade acaba sendo uma construção cultural, que nós, enquanto profissionais da área, precisamos nos atentar e combater.

É notável que as atitudes de rejeição e preconceitos ainda hoje presentes, são consequências das doutrinas de alguns séculos atrás, permeadas ora pelas crenças religiosas e/ou mitológicas, ora pelas tendências da medicina pré-científica, sem falar do peso dos fatores econômicos, políticos ou jurídicos que também modelam as ações e as concepções dos sujeitos acerca da deficiência (BIANCHETTI, 2001; OMOTE, 1996; PESSOTTI, 2014).

As teorias sobre deficiência mental (termo até recentemente utilizado), reveladas por meio dos escritos, dos métodos didáticos e das práticas de assistência e serviços destinados às pessoas com deficiência ao longo dos anos, irão também auxiliar na construção dos conceitos e serviços atuais (PESSOTTI, 2014).

Interessante realizar o exercício de retroceder na história e se deparar com situações e práticas “chocantes” e repugnantes, mas que eram comuns em determinados momentos sociais e culturais. Interessante também olhar para o presente e constatar que há situações ainda impactantes e aversivas, embora veladas e maquiadas sob o discurso da inclusão, ou do que se acredita ser melhor para o outro, principalmente se pensarmos sobre a sexualidade da pessoa com deficiência, pois ela acaba não sendo ouvida e respeitada sobre esse assunto (OLIVEIRA, 2016).

Na Antiguidade, a pessoa com deficiência era considerada um fardo desnecessário. Na Grécia Antiga, especificamente em Esparta, por exemplo, os ideais atléticos e estéticos, bem como o ideal da potência dos guerreiros, as crianças com deficiência eram consideradas subumanas, sendo abandonadas ou eliminadas (PESSOTTI, 2014).

Na Idade Média, a pessoa com deficiência mental carregava o estigma de ser amaldiçoada, sendo tratada com castigo, tortura, exorcismo, flagelação e confinamento, sob o viés da “expição” do pecado. Os dogmas cristãos exerciam grande peso no ideário da sociedade e foram moldando as atitudes frente às pessoas com deficiência: passou-se a compreender que elas também tinham alma e, portanto, não deveriam ser abandonadas, mas caridosamente acolhidas (diga-se, alimentadas). Enquanto cristão, o deficiente recebia a caridade e, ao mesmo tempo era considerado culpado por sua deficiência.

Na Idade Moderna, há um apelo ao “bom senso”: começa-se a conceber o louco e o idiota não mais como possuídos e endemoniados, mas como doentes ou acometidos por forças cósmicas, agora sim, dignos de tratamento e atenção (PESSOTTI, 2014). Começamos a ver uma tendência de transferir o tratamento da deficiência mental e da loucura, das mãos do clero para as dos médicos.

Como se não bastasse a deficiência mental, o doente carregava o estigma de ser perigoso para a ordem social, um peso para o Estado e para a família, como preconizava a teoria da

degenerescência, o que reflete uma concepção já não mais tão teológica, mas ainda supersticiosa e pré-científica.

Ainda de acordo com Pessotti (2014) já na Contemporaneidade, a deficiência concebida como incurável, passou a ser definida pelos graus dos seus sintomas e pelo uso feito da linguagem oral: quanto maior e melhor o uso da linguagem oral, menos deficiente e comprometido seria o indivíduo com deficiência. A educação para os deficientes partiu da ideia de prover certa autonomia para a sua sobrevivência sem a dependência de outros, embora somente esses aspectos estivessem em pauta, relegando às questões referentes à sexualidade um papel menos importante.

A segregação, a estigmatização e a submissão foram características muito presentes na evolução das concepções sobre deficiência, observadas nos serviços (dispensados nos asilos, hospitais e escolas) e nas atitudes da sociedade de uma forma geral. Os avanços da medicina, da psicologia e da pedagogia irão colaborar para os avanços na compreensão da deficiência e na forma de lidar com ela, mesmo que ainda haja resquícios dos ideais e concepções das raízes dessas definições (PESSOTTI, 2014).

Esses resquícios são ainda observados nas políticas públicas, na forma como as instituições de atendimento às pessoas com deficiência se organizam, e ainda, na forma como a sociedade age frente à deficiência e a sua sexualidade – aspectos bem elucidados no filme e que nos fazem refletir e perceber o quanto ainda estão presentes na atualidade.

Enquanto cidadãos e profissionais da área da Educação Especial, precisamos romper com muitos dos nossos preconceitos e concepções:

[...] os profissionais que trabalham com esses sujeitos não podem limitar sua visão a estereótipos, a preconceitos ou a uma visão que se limita a reproduzir concepções pessoais, mas eles devem, necessariamente, refletir de forma contínua sobre tais concepções de

modo que sua ação implique sempre uma compreensão clara sobre os fins almejados e sobre o modo como eles foram definidos.

Também é preciso considerar que o julgamento de determinadas características como algo ruim está inserido em um contexto histórico e cultural. Assim, em nossa sociedade, por exemplo, à condição da deficiência somam-se, eventualmente, outros preconceitos, como os relativos a gênero, à orientação sexual, à raça, à etnia e à condição sociocultural e econômica. (MAIA, 2009, p. 279).

Se aprendermos a dar voz à pessoa com deficiência para tentar compreender a sua condição, a partir daí poderemos entender que não precisamos modificar algo nela para que seja “normal”. Podemos pensar potencializar a sua funcionalidade, mas desde que ela participe da escolha do que lhe proporciona maior autonomia e independência, sem que isso modifique seu estado de normalidade (HARLOS, 2012).

Somos convidados a enxergar além dos rótulos, não aceitando as definições fechadas e desconsiderando a influência do meio social, mas dirigindo nossas ações para potencializar as habilidades e potencialidades das pessoas com deficiência (OLIVEIRA, 2016).

Isso nos ajuda a compreender que não existe um fatalismo biológico na pessoa com deficiência: antes de ser um deficiente, é uma pessoa, que deseja se humanizar e interagir. E essa constatação traz um salto nas nossas reflexões, pois vivemos em uma sociedade que ainda enxerga a pessoa com deficiência como vítima de um infortúnio, e por isso, digna de pena. (OLIVEIRA, 2016).

Isso implica dizer que a educação da pessoa com deficiência deve partir do que há de positivo e funcional nela, daquilo que consegue realizar e não do que a limita e a aprisiona. Pois se assim o fizermos, perpetuará o mito de que se há uma incapacidade por conta da deficiência, automaticamente, há uma incapacidade em relação à manifestação da autonomia, dos desejos e da sexualidade, e, portanto, não há necessidade desses temas serem incluídos nas pautas dos movimentos sociais das pessoas com deficiência (MAIA, 2009; OLIVEIRA, 2016).

Não se estimulam os programas de orientação/educação sexual porque se entende que nem seria preciso falar sobre sexo àqueles que são assexuados. Por outro lado, há também uma crença de que se falar sobre sexo pode estimular a prática sexual, aumentariam as chances de ocorrerem relações sexuais e ou gravidezes e isso é temeroso para muitas famílias, cuidadores, etc., principalmente quando há uma deficiência cognitiva associada. Porém, a ignorância sexual acaba sendo um grande obstáculo para que as pessoas com deficiência possam evitar a violência e, portanto, programas de orientação/educação sexual poderiam ajudar essas pessoas a usufruir a sexualidade plena e saudável com responsabilidade [...]. (MAIA; RIBEIRO, 2010, p. 165).

Não podemos negar que o meio social no qual estamos inseridos também contribui para o desenvolvimento e a concepção da deficiência, bem como das oportunidades oferecidas às pessoas com deficiência, vislumbrando as suas potencialidades.

Piccollo (2012) destaca a necessidade de colocar a pessoa com deficiência como protagonista da sua própria história e como alguém capaz de falar e estudar sobre a sua própria deficiência, como ativista na busca por condições de igualdade de oportunidades na sociedade. E é isso que o filme em questão nos mostra, Daniel “incomodando” a todos com os questionamentos, ações e discursos sobre a igualdade de oportunidades e de ter direito de sentir o que as outras pessoas sentem.

Com base nos estudos do grupo londrino denominado *Disability Studies*, o foco do trabalho de Piccollo (2012) é propor um novo modo de interpretar a deficiência, fruto da “insensibilidade” da sociedade capitalista e também reflexo de cada contexto histórico, social, cultural e econômico.

Destacamos uma diferenciação entre incapacidade/lesão e deficiência: a primeira é vista como “a falta de parte ou da totalidade de um membro, órgão ou sentido não funcional, portanto, refere-se às condições biofísicas do indivíduo”; já a deficiência é a “desvantagem ou restrição de atividade” causada pela sociedade que não considera as diferenças e exclui as pessoas

da participação nas atividades sociais (PICCOLLO, 2012, p. 70). Essa impossibilidade de inserção no coletivo configura-se como opressão, que como vimos, não tem relação direta com a lesão, mas sim, com a organização da sociedade.

Vale dizer que, nessa lógica, o capitalismo interpreta as pessoas com deficiência como merecedoras de benefícios, de caridade e de leis assistencialistas. A contradição está que essas pessoas não querem caridade, mas condições para participar em pé de igualdade com os outros, querem condições de acesso a todos os serviços disponíveis para a sociedade.

Sendo assim, há um destaque para a força da organização dos movimentos sociais, que defendem seus princípios.

Gostaríamos de destacar uma passagem da tese de Piccollo (2012) para ilustrar em que os ativistas com deficiência se apoiam ao defender a filosofia da vida independente:

a) que toda vida humana, independentemente da natureza, complexidade ou gravidade do comprometimento é de igual valor e merece ser vivida; b) que todos possuem capacidade e o direito de fazer suas próprias escolhas e exercerem controle sobre suas vidas; c) que a opressão é injustificável, qualquer que seja sua materialidade expressa; d) independentemente da diferença apresentada, os deficientes tem o direito a tratamentos médicos adequados e a participar plenamente em todas as áreas e atividade sociais, econômicas, políticas, culturais, lúdicas e laboriosas, ou seja, de estarem incluídos em sua plenitude ao corpus social. (PICCOLLO, 2012, p. 61)

É nesse sentido que, a partir do filme *Yo También*, consideramos que há muito que ser discutido sobre esse novo paradigma de conceber e compreender a deficiência e mais especificamente, a sexualidade da pessoa com deficiência.

O protagonista Daniel acaba sendo porta voz dos anseios de todas as pessoas com Síndrome de Down ao manifestar que ele também quer ter as possibilidades que seu irmão tem: a condição de se apaixonar, de namorar, de ter uma vida sexual ativa, de ter

uma família. Daniel ainda destaca que é muito fácil o irmão achar que isso é pouco, visto que ele já tem tudo.

Conforme destaca Oliveira (2016),

As barreiras que impedem, limitam ou privam a sexualidade em face das deficiências não correspondem exclusivamente às limitações físico-corpóreas, sensoriais ou intelectuais de cada pessoa com deficiência, como preconiza os saberes médico/biológico/reabilitativo, mas se formatam a partir das restrições sociais, tecnológicas, econômicas, médicas, preconceitos e isolamento social [...] (OLIVEIRA, 2016, p.152)

Ainda sobre isso, é possível afirmar que existe uma grande rede de desinformações, negações, estigmas, e negligências nos atendimentos especializados às pessoas com deficiência com relação à sexualidade das mesmas (DENARI, 2010; FRANÇA RIBEIRO, 2001; OLIVEIRA, 2016).

Em se tratando da “estranheza” entre os relacionamentos de pessoas com e sem deficiência, o irmão de Daniel afirma: “nenhuma mulher com 46 cromossomos vai se apaixonar por você e você não larga mão disso, como não vai sofrer? Se apaixone por mulheres ao seu alcance, cara. Porque assim não vai conseguir nada.” (46’20”).

Essa discussão nos remete à afirmação de Oliveira (2016):

[...] apreende-se que muitas dificuldades, empecilhos ou problemas relacionados à sexualidade de pessoas com deficiência, como as práticas, desejos e fantasias sexuais, bem como suas dificuldades para estabelecer relações amorosas, afetivas e sexuais com pessoas não deficientes, podem ter como uma das principais raízes os problemas com a sua auto-imagem negativa, a sua baixa auto-estima e os preconceitos sociais. (OLIVEIRA, 2016, p. 140)

Além disso, é bastante comum em nossa sociedade, desde os tempos remotos até a atualidade, o desejo do outro por um corpo lesionado ou não “normativo”, receber o crivo médico de “problemas, patologias e desvios” (OLIVEIRA, 2016, p. 140).

Para desmistificar tabus e desenvolver outras perspectivas e concepções sobre a sexualidade das pessoas com deficiência, vale aprofundar as pesquisas e os estudos sobre essa intersecção (DENARI, 2010).

Podemos afirmar que pelo conhecimento aprofundado no assunto, somos capazes de romper com nossos próprios preconceitos e endossar a necessidade de uma mudança de olhar sobre a sexualidade e sobre a educação sexual das pessoas com deficiência. (DENARI, 2002, 2010).

Acreditamos que o filme analisado irá contribuir para esse feito, ao tratar da temática com tanta sutileza, mas ao mesmo tempo com tanta profundidade por meio das situações vividas pelo personagem de Pablo Pineda e de todo o contexto ao qual está inserido. O mais interessante no filme, é que aquelas situações não estão deslocadas da realidade: os conflitos são comuns e todas as pessoas estão sujeitas a lidar com eles; os sentimentos não são utópicos, mas representam o que as pessoas verdadeiramente sentem; nem tudo é perfeito e com final feliz, só porque é um filme, mas há frustrações, tristezas e também conquistas e alegrias, como acontece na vida de todos.

Referências

BIANCHETTI, L. Os trabalhos e os dias dos deuses e dos homens: a mitologia como fonte para refletir sobre Normalidade e Deficiência. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.7, n.1, 2001.

CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico**. Tradução: Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. Revisão técnica Manoel Barros da Motta; tradução do posfácio de Piare Macherey e da apresentação de Louis Althusser, Luiz Otávio Ferreira Barreto Leite – 6ª Ed., 2ª Reimpressão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

DENARI, F. E. Sexualidade & Deficiência Mental: Reflexões Sobre Conceito. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.8, n.1, p. 9-14, 2002.

DENARI, F. E. Adolescência, Afetividade, Sexualidade e Deficiência Intelectual: o direito ao ser/estar. **Rev. Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, SP, Brasil, v. 5, n. 1, 44-52, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/3491/3262>> Acesso em: 2 fev. 2019.

FRANÇA RIBEIRO, H. C. Sexualidade e os portadores de deficiência mental. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 7, n. 2, p. 11-28, 2001. Disponível em: <https://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista7numero2pdf/2ribeiro.pdf> Acesso em: 2 fev. 2019.

GIAMI, A. **O anjo e a fera**: sexualidade, deficiência mental, instituição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

HARLOS, F. E. Sociologia da deficiência: Vozes por significados e práticas (mais) inclusivas. **Dissertação (mestrado)**. Programa de Pós-Graduação em Educação Especial do Centro de Educação e Ciências Humanas. São Carlos: UFSCar, 2012.

MAIA, A. C. B. Sexualidade, Deficiência e Gênero: reflexões sobre padrões definidores de normalidade. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas (Coleção Educação para todos). Brasília: Ministério da Educação, SECAD, UNESCO, 2009, p. 265-292.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.16, n.2, p.159-176, Mai.-Ago, 2010. 167.

MAIA, A. C. B. **Sexualidade e deficiências**. São Paulo: Unesp, 2006.

MONTOBBIO, E. LEPRI, C. **Quem eu seria se pudesse ser**: a condição adulta da pessoa com deficiência intelectual. Tradução: Ilse Paschoal Moreira, Fernanda Ortale. Campinas: Fundação Síndrome de Down, 2007.

OLIVEIRA, E. L. de. **"Pô, tô vivo, véio!"**: história de vida e sexualidade de pessoas com deficiências físicas. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação Especial do Centro de Educação e Ciência Humanas. São Carlos: UFSCar, 2016.

OMOTE, S. Perspectivas para conceituação de deficiências. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Vol. 4, p. 127 – 135, 1996. Disponível em: <https://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista4numero1pdf/r4_art11.pdf> Acesso em: 10 out. 2018.

PESSOTI, I. **Deficiência mental**: da superstição à ciência. São Paulo: Ed. da ABPEE, 2014.

PICCOLO, G. M. **Contribuições a um pensar sociológico sobre a deficiência**. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: UFSCar, 2012. (231 f.). Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2898?show=full>> Acesso em: 20 jun. 2018.

Yo, también. Direção e roteiro: Álvaro Pastor, Antonio Naharro. Produção: Alicia Produce / Promico Imagen. Música: Guille Milkyway. Fotografia: Alfonso Postigo. Intérpretes: Lola Dueñas, Pablo Pineda, Isabel García Lorca, Pedro Álvarez Ossorio, Antonio Naharro, María Bravo, Consuelo Trujillo, Daniel Parejo, Lourdes Naharro, Catalina Lladó, Susana Monje, Joaquín Perles, Teresa Arbolí, Ana Peregrina, Ana de los Riscos, Ramiro Alonso. Gênero: Romance/Drama/Comédia dramática. Espanha: 2009, 105 min, colorido, leg. Disponível em: <<https://youtu.be/rHsZo6c-2AQ>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

“Marina Não Vai à Praia”: um olhar sobre a sexualidade e a Síndrome de Down

Beatriz Segantini França¹

A sexualidade e a pessoa com deficiência

As pessoas com deficiência, segundo a legislação brasileira, são aquelas que apresentam “impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas” (BRASIL, 2015, art. 2º). Assim, o entendimento da deficiência consiste tanto nos aspectos biológicos do indivíduo quanto nos aspectos sociais que o envolve.

A construção social da deficiência reforça a ideia de que esta não se limita as características corporais ou comportamentais das pessoas, mas é um produto das relações entre essas e as pessoas sem deficiência. Uma vez que é nessa relação que as diferenças apresentadas pelos indivíduos são significadas como desvantagem e descrédito social. Assim, é na relação entre uma pessoa com e uma sem deficiência intelectual que a primeira poderá ser desacreditada socialmente (OMOTE, 1994).

Essa significação de desvantagem está baseada no padrão socialmente construído de desenvolvimento humano, que defende um desenvolvimento saudável baseado em determinadas características cognitivas, motoras, linguísticas, entre outras. Esses padrões correspondem a uma visão de corpo perfeito, sendo que todos que

¹ Licenciada em Ciências Biológicas pela Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias de Jaboticabal – UNESP. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.

fogem ao mesmo são considerados como desviantes (MAIA, 2006), tendo suas características consideradas como desvantagens.

Assim, as pessoas que apresentam alguma deficiência são, muitas vezes, limitadas as suas características biológicas, tendo os outros aspectos constitutivos da complexidade humana ignorados, considerados como inexistentes ou reprimidos, como é o caso da sexualidade.

Quando a questão central é a pessoa com deficiência e sua sexualidade, a sociedade ao seu redor acredita que, assim como os anjos, essa pessoa não tem sexo e todos os aspectos de sua sexualidade são inexistentes. Ou ainda, que as pessoas com deficiência são eternas crianças, assim, não são dotadas de desejos sexuais e afetivos, manifestando apenas o afeto fraternal. Quando a sexualidade não pode ser negada, devido sua expressão, essas pessoas são vistas como feras, que apresentam uma hipersexualidade e que não conseguem controlar seus extintos, portanto, devem ser controladas (DENARI, 1997).

É terreno comum acreditar que as pessoas com deficiência, principalmente aquelas com deficiência intelectual, são “eternas crianças”, pois precisam de cuidados, às vezes até a fase adulta (DANTAS; SILVA; CARVALHO, 2014). Assim, uma ideia muito difundida é que uma pessoa que precisa de cuidados não pode ter sexualidade. Como uma pessoa que precisa de auxílio para se alimentar pode desejar se relacionar amorosa e sexualmente como outra pessoa?

Ou ainda, devido à apresentação de desejos e comportamentos por essas pessoas, a sexualidade é vista como exagerada. As manifestações na forma de dançar, abraçar e beijar outras pessoas, se masturbar, falar sobre desejos e fantasias acerca das relações amorosas e sexuais são tidas como normal quando realizada por pessoas sem deficiência, mas quando quem as realizam são pessoas com deficiência, alguns professores de instituições especializadas, por exemplo, consideram exibicionismo ou inadequados (MAIA; ARANHA, 2005).

Dessa forma, a sexualidade das pessoas com deficiência é vista como naturalmente problemática quando é manifestada, ou ainda como patológica, pois isso é considerado intrínseco as características

da própria deficiência que a pessoa apresenta (GLAT, 1992). Contudo, a sexualidade é dessas pessoas são comuns a das pessoas sem deficiência, sendo o que difere são as restrições e controles. Já que as intervenções frente as manifestações da sexualidade são voltadas para a limitação da mesma (LUIZ; KUBO, 2007).

A sexualidade expressa por adolescente com deficiência intelectual, por exemplo, são coerentes com as características próprias dessa fase no desenvolvimento dito padrão, uma vez que as manifestações da sexualidade demonstradas por essas pessoas são características do seu tempo, idade e cultura (DENARI, 2010).

As pessoas com síndrome de Down, por exemplo, apresentam desenvolvimento da puberdade e maturação sexual similares ao desenvolvimento dito padrão. Assim, o interesse frente a sexualidade, o desejo de beijar na boca, ter uma relação de namoro, fazer sexo, preocupação com a aparência frente os padrões sociais de beleza, todas essas características irão se manifestar em períodos semelhantes em todos os adolescentes, tendo deficiência ou não (MOREIRA; GUSMÃO, 2002).

Dessa maneira, o desenvolvimento da sexualidade nas pessoas com deficiência intelectual, por exemplo, está mais relacionada aos fatores sociais, como socialização restritiva e preconceito, e psicológicos, como autoestima e timidez, do que fatores orgânicos relacionados à deficiência (DENARI, 2002). Contudo,

A visão geral, porém, ainda é de que pessoas portadoras de deficiência mental são também deficientes emocionalmente, incapazes, portanto, de estabelecerem relações amorosas profundas e duradouras. O problema, mais uma vez, não está necessariamente nas pessoas deficientes mentais em si, mas no espaço de vida que a sociedade lhes oferece. (GLAT, 1992, p. 71).

Portanto, é essencial que as pessoas com deficiência tenham garantidos os seus direitos ao desenvolvimento e manifestação da sua sexualidade, pois a visão de que essas pessoas não têm sexualidade ou a apresentam de forma exagerada é um mito. Essa

ideia socialmente construída está pautada na construção da deficiência como desvantagem, dessa forma, não pode usufruir de aspectos que os seres humanos ditos perfeitos podem.

O curta-metragem “Marina não vai à praia”

As pessoas com deficiência vêm ganhando espaços nas mídias de forma geral, tanto em redes sociais, quanto em cinema, televisão, rádio e jornal. Os curtas-metragens, filme com no máximo 30 minutos de duração, também vêm sendo ocupados pelas pessoas com deficiência como protagonistas, como no curta-metragem “Marina não vai à praia” (MARINA, 2014).

Essa produção foi dirigida por Cássio Pereira dos Santos e tem como atrizes principais Aline Videira, jovem com síndrome de Down que interpreta Marina; Cláudia Assunção que interpreta Estela, mãe de Marina, e Amanda Andrade que interpreta Joana, irmã de Marina; além do ator João Lucas Neto que interpreta Mateus, namorado de Joana.

O curta-metragem conta a história de Marina, uma adolescente com síndrome de Down que deseja ir à praia. Ela encontra uma oportunidade de realizar seu desejo ao saber que sua irmã e colegas de turma organizam uma viagem de formatura para o litoral. Contudo, Marina enfrenta diversos desafios para realizar seu desejo, como a proibição da mãe e da irmã de ir nessa viagem devido “problemas financeiros”. Marina tenta contorná-los vendendo suas rosas para conseguir dinheiro para a viagem, mas a proibição está baseada mais em uma questão social do que financeira. Mesmo com todas as barreiras que enfrenta, Marina está determinada e vai para a praia escondida no ônibus, realizando assim seu desejo.

Marina é representada como uma jovem com vontades e desejos que muitas vezes são reprimidos no contexto social em que ela está inserida. Assim, o curta-metragem se tornou objeto de análise do presente trabalho, tendo como foco as representações da sexualidade. Essa análise originou dois grandes temas: a relação entre o padrão de

beleza e a pessoa com síndrome de Down e a questão do relacionamento amoroso da pessoa com síndrome de Down.

Padrão de beleza e a pessoa com síndrome de Down

A primeira temática obtida a partir da análise do curta-metragem foi “padrão de beleza e a pessoa com síndrome de Down”, que desvelou o quanto o corpo perfeito defendido e vendido como corpo saudável e ideal pela sociedade se faz presente, cobrando de todas as pessoas, independente se essas apresentam alguma deficiência ou não.

O padrão de corpo perfeito que a sociedade construiu traz um valor de desvantagem para todos que não se enquadra nele. Assim como, enfatiza a ideia de que esse corpo ideal é o corpo belo e que pode e deve ser mostrado para a sociedade. Sendo que todos os corpos desviantes devem ser escondidos. Os corpos perfeitos, aqueles corpos magros e sem nenhuma deficiência, devem ser protagonistas das situações sociais.

Assim, o curta-metragem traz de forma bem sutil esse entendimento de que os corpos desviantes, ou seja, aqueles que não são perfeitos, devem ser escondidos. Essa mensagem está representada nas vestimentas de banho para piscinas, praias, etc. que as mulheres utilizam. Quando as mulheres sem a síndrome de Down são apresentadas para o público, elas estão utilizando biquínis, sendo estas roupas de banho apenas com o busto e a calcinha.

Joana, irmã de Marina e que não tem síndrome de Down, é apresentada no início do curta-metragem se refrescando na mangueira e depois na piscina utilizando o biquíni. Em outro momento da história, Marina, Joana e a mãe estão sentadas na cama olhando algumas fotografias desta última quando fora para a praia ainda jovem. Nessas fotografias, a mãe das jovens está utilizando um biquíni. Além desses, houve a situação em que Joana e suas amigas, sem deficiência, estão no quarto escolhendo e experimentando alguns biquínis para levarem na viagem.

Em todos esses momentos, as mulheres que utilizam o biquíni são pessoas sem deficiência e ainda, magras, que representam, pelo menos nesses aspectos, o padrão do corpo perfeito. Dessa forma, é apresentado para o público uma legitimação da utilização de uma vestimenta que expõe partes do corpo por essas mulheres, pois elas correspondem ao padrão de corpo perfeito.

Essa imposição social do corpo magro como sendo o corpo perfeito e, assim, o corpo belo que deve ser apreciado está presente na própria fala de Marina, que não apresenta o biotipo de magra. Na cena em que as duas irmãs e a mãe olham as fotografias antigas desta, Marina, ao olhar uma fotografia em que a mãe está utilizando um biquíni e se encontra deitada de barriga para baixo em uma toalha na areia da praia, afirma:

- Essa tava gatinha hein mãe – disse Marina.
- É, tirando esse biquíni que tava brega – comenta Joana.
- Adoro! Magra – responde Marina.
- Muito magra – comenta a mãe. (MARINA, 2014, 2'05, grifos da autora).

A fala de Marina enfatiza que os diferentes corpos não são socialmente valorizados, sendo que o padrão é imposto tanto para pessoas sem deficiência quanto para aquelas com deficiência. Isso vai ao encontro do que a literatura tem afirmado, as pessoas com deficiência sofrem as mesmas influências sociais apresentadas nas interações do os outros e nas mídias sobre os padrões de beleza, principalmente as mulheres (FRÓES, 2000 *apud* MAIA, 2006).

Essa influência social de que bonito é ser magra não foi só representado na ficção, como o curta-metragem analisado, mas nas próprias falas de pessoas reais com deficiência. Na pesquisa de Luiz e Kubo (2007) que investigaram questões relacionadas a sexualidade ao entrevistarem jovens com deficiência identificaram que alguns participantes consideravam como sendo atraente a pessoa ser magra. O que ressalta a influência social na construção do que os jovens, tanto com deficiência quanto sem, acham belo.

Além da fala de Marina, a forma que ela se vestiu em alguns momentos do curta-metragem reforçou a visão do corpo perfeito como o que é socialmente aceito. Ao enquadrar Marina no contexto em que sua irmã, Joana, estava se refrescando com o namorado e utilizando biquíni, ela é apresentada utilizando um maiô. Sendo este uma roupa com mais tecidos, o que acaba cobrindo mais o corpo do que o biquíni.

As escolhas dessa vestimenta podem estar relacionadas com a ideia de que o corpo diferente, seja por uma deficiência, seja pela quantidade de quilogramas, deve ser coberto. Esse corpo que foge ao padrão é deslegitimado frente a sociedade e, portanto, deve ser escondido.

Apesar dessas representações dos corpos perfeitos e imperfeitos, Marina faz um movimento contrário a elas, se identificando como alguém que tem um corpo e por isso também pode utilizar o biquíni como as outras mulheres ao seu redor. Esse momento ocorre na cena em que Joana e suas amigas escolhem os biquínis que utilizarão na praia. Dentre as diversas opções apresentadas sobre a cama, Marina pega um biquíni e afirma “Esse é a minha cara” (MARINA, 2014, 3’55).

Ao se identificar com o biquíni, apresentado como uma vestimenta ideal apenas para corpos perfeitos, Marina traz essa quebra das regras impostas pela sociedade. A jovem se coloca como uma pessoa que deseja se mostrar para o mundo, independentemente do corpo dela não ser o corpo perfeito, não ser o padrão de corpo que a sociedade defende como sendo o belo, de ser um corpo desviante.

Para além dessa identificação, Marina utiliza o biquíni e mostra seu corpo para a sociedade no contexto em que ela realiza seu desejo de ir a praia, após lutar contra todos os impedimentos até o momento. Ela está usando biquíni junto com outras jovens mulheres magras que também usam biquíni. Esse momento representa uma libertação de Marina que, mesmo tendo um corpo considerado socialmente desviante do padrão de desenvolvimento

e de beleza, se impõe como uma pessoa que deseja utilizar as mesmas vestimentas que as pessoas dentro dos padrões utilizam.

Essa libertação simbólica é reforçada pelo contexto em que ocorre, uma vez que Marina utiliza o biquíni apenas depois de conseguir realizar seu desejo por conta própria. Sendo assim, ela se coloca na sociedade como uma jovem mulher com muito mais a oferecer do que um corpo desviante. Nesse momento, Marina mostra que as pessoas com deficiência não se limitam a esta característica.

Relacionamento amoroso e a pessoa com síndrome de Down

A segunda temática obtida a partir da análise do curta-metragem foi “relacionamento amoroso e a pessoa com síndrome de Down”, que trouxe a tona o desejo que as pessoas com deficiência também têm de se relacionarem amorosamente e sexualmente, uma vez que faz parte do desenvolvimento da sexualidade esse interesse.

O curta-metragem não aborda diretamente uma relação amorosa de Marina com outra pessoa, mas apresenta o namoro do casal Joana, irmã de Marina, e Mateus, ambos sem deficiência. Há algumas cenas de expressão dessa relação com demonstrações de afetos entre os dois, como o beijo trocado no momento em que ambos estão se refrescando na mangueira. Assim como expressões menos diretas quando um desfruta da companhia do outro na piscina, ao brincarem de quem fica mais tempo embaixo d’água.

Apesar de Marina não ser apresentada se relacionando amorosamente com ninguém, ela está presente nesses momentos de expressão de afetos de Joana e Mateus, observando essas manifestações. Como na cena em que o casal se beijava, Marina, à distância, observava o comportamento, ou ainda, quando Marina chegou para usufruir da piscina junto com a irmã e o cunhado.

Marina não se encontra namorando, mas expressa, nesses momentos de observações e intervenções, o desejo de participar de uma relação amorosa, como a de Joana e Mateus. Esse desejo é terreno comum nos jovens com sua idade e na sua cultura, uma vez

que o interesse pelos diferentes aspectos da sexualidade se faz presente tanto nas pessoas com quanto nas sem deficiência (MOREIRA; GUSMÃO, 2002; DENARI, 2010).

Além dos momentos em que Marina apresenta seu desejo de uma relação amorosa de forma passiva, houve no curta-metragem um momento em que ela também pôde expressar de forma ativa esse seu desejo. Quando ela teve oportunidade de se encontrar sozinha com outra pessoa, demonstrou interesse e se apresentou como alguém disponível para relacionamento.

Isso ocorreu após Joana ir para a casa de uma amiga, onde escolheria o biquíni que levaria para a praia, deixando Mateus sentado no sofá sozinho. Vendo uma oportunidade, Marina foi para o quarto, arrumou o cabelo e passou perfume. Em seguida sentou-se ao lado de Mateus na sala, deixando que o ventilador levasse seu perfume e cabelos em direção a ele. Nesse momento é possível identificar o desejo claro de Marina de ser atraente para alguém.

Nessa situação, Marina investe em aproximação física de Mateus, sentando mais próxima a ele. Então, Mateus pergunta do perfume dela e Marina busca saber se ele gosta. Assim, ela expressa seu desejo de agradá-lo, pois quer que ele também goste dela, se interesse por ela. Percebendo isso, Mateus se retira do local afirmando que precisa realizar algumas tarefas em casa.

Pelas situações apresentadas no curta-metragem é possível imaginar que Marina não tem muitas oportunidades de manifestar seus desejos afetivos e sexuais, assim como é identificado nas situações reais das pessoas com deficiência (GLAT, 1992). Dessa forma, a primeira oportunidade que ela teve de expressar sua sexualidade frente outra pessoa, mesmo que esta já esteja envolvida em um relacionamento, ela aproveitou.

Marina, antes de tentar se aproximar de Mateus, arrumou o cabelo e passou perfume na tentativa de agradá-lo. Isso mostra que ela internalizou, assim como todas as pessoas sem deficiência, que existem algumas características que agradam as outras pessoas, como ser cheirosa e ter os cabelos bonitos. Dessa forma, Marina mostra que a síndrome de Down não é barreira para a

internalização dos padrões impostos pela sociedade, assim como não elimina os demais componentes que constitui o ser humano, como a sexualidade.

Esse quadro é encontrado no contexto de vida real, uma vez que algumas pessoas com deficiência trazem em suas falas uma preocupação estética como condição para que seja possível uma relação amorosa e sexual (MAIA, 2016).

O desejo de Marina de se relacionar amorosamente com outra pessoa, às vezes manifestado de forma passiva, outras vezes de forma ativa, é negado em toda curta-metragem. Ela tem poucas oportunidades de satisfazer esse desejo, sendo que essas se limitam a observar ou intervir na relação que a irmã tem. Assim, devido a insistência de Marina em participar da relação de Joana, esta busca em diversas cenas por privacidade em sua relação amorosa.

Uma dessas cenas ocorre quando Marina chega para usufruir da piscina enquanto Joana e Mateus se encontram nela. A irmã enfatiza que elas têm um combinado dos dias que cada uma pode usar a piscina, sendo que ambas devem utilizar a piscina separadas. Na tentativa de conseguir privacidade, Joana pede para Marina fazer outras coisas, como assistir televisão. Mas ela deseja muito participar dessa relação, assim, se recusa a sair dali. Frustrada, Joana sai da piscina com Mateus, indo, provavelmente, para um espaço reservado para que possa desfrutar da companhia de seu namorado.

Em outro momento, essa necessidade de privacidade é expressa quando Joana decide que vai para a casa de Mateus, mas sem Marina. Assim, quando Marina está sentada no quarto, Joana entra e fala:

- Então, Marina, eu estava pensando em ir na casa do Mateus um pouco.
- Pode ir.
- Mas você vai contar pra minha mãe que eu te deixei aqui sozinha.
- Não. Não conto não.
- Vou lá vu? Tchau. (MARINA, 2014, 5'52).

Apesar de ter sido instruída a ficar como companhia de Marina, Joana deseja se encontrar com o namorado para ficarem juntos e aproveitarem da companhia um do outro com privacidade. A ausência de oportunidades que Marina tem de expressar sua sexualidade interfere no relacionamento de Joana. A questão não está voltada para a interferência de Marina nesse relacionamento, mas no por que Joana teve oportunidades de desenvolvê-lo, mas Marina não?

Um ponto que chama a atenção na conversa supracitada e que está voltada para essa diferença de oportunidades é a descrença de que a jovem Marina consiga cuidar de si mesma em casa, sendo sempre necessário que alguém fique de olho nela. Com essa ideia de que Marina não é capaz de cuidar de si mesma, seria impossível imaginar que a jovem com síndrome de Down tenha sexualidade. Assim, os desejos e expressões de sua sexualidade são suprimidos devido a redução de toda complexidade humana da jovem para uma única característica: síndrome de Down.

Essa visão de que as pessoas com deficiência e, principalmente, aquelas com deficiência intelectual são “eternas crianças”, pois precisam de cuidados (DANTAS; SILVA; CARVALHO, 2014), está muito explícito nessa cena. Marina não pode ser deixada sozinha, mesmo ela sendo capaz de cuidar de si mesma quando isso ocorre. O que reforça uma ideia muito comum de que as características da deficiência se sobrepõem a todos os aspectos dessa pessoa, “como se o corpo deficiente aparecesse antes do corpo sexual e inviabilizasse a satisfação da sexualidade própria”. (MAIA; RIBEIRO, 2010, p. 167)

Essa redução da pessoa com essa síndrome ou alguma deficiência de outra natureza é reforçada no tratamento que a mãe oferta para suas filhas. Estela apresenta uma visão de que Marina deve ser sempre cuidada por outras pessoas sem deficiência, pois não apresenta capacidade para isso. Mesmo que o curta-metragem mostre Marina cuidando de si mesma ao colher suas rosas e sair para vender na rua, reforçando que a mesma é capaz de realizar muitas atividades, como ser responsável por um jardim, realizar a

poda de rosas sem se machucar, se locomover na rua com autonomia e utilizar dinheiro.

A mãe aceita que Joana, sua filha sem deficiência, desenvolva sua sexualidade, inclusive dando a oportunidade dela se relacionar com outra pessoa dentro da própria casa, mas não aceita que Marina, sua filha com síndrome de Down, tenha os mesmos direitos e oportunidades.

O curta-metragem apresenta uma situação que revela o quanto a mãe não oportuniza o desenvolvimento da sexualidade de uma filha, mas aceita a da outra. A cena que ocorre após Joana deixar Marina sozinha para ir a casa de Mateus e esta aproveitar para vender suas rosas na rua para conseguir ir à praia, a mãe chega em casa e conversa com as filhas, mas não obtém respostas. Então, ela se levanta para procurá-las nos quartos. Ao chegar no quarto de Maria, ela abre a porta chamando-a, encontra-o vazio. Então vai até o quarto de Joana, onde a chama e bate duas vezes na porta perguntando se pode entrar.

Nessa situação, Marina não tem privacidade alguma em sua casa, mas Joana tem. No mesmo ambiente em que uma pessoa tem sua privacidade reservada, a outra não tem, sendo que a diferença entre ambas as pessoas é que uma tem síndrome de Down. Essa redução da pessoa com deficiência implica no impedimento de seu pleno desenvolvimento.

Como Marina poderá desenvolver sua sexualidade, se sua privacidade não é respeitada? Como Marina poderá descobrir o seu corpo, se sua privacidade não é respeitada? Como Marina poderá se relacionar amorosamente com alguém, se sua privacidade não é respeitada?

Essa situação é terreno comum na vida cotidiana das pessoas reais, onde os familiares olham para as pessoas com deficiência como infantilizadas, “com pouca ou nenhuma possibilidade de crescimento pessoal e muito menos de desenvolvimento de interesses e comportamentos de cunho sexual” (LITTIG et al., 2012, p. 476).

A limitação da sexualidade das pessoas com deficiência gera uma falta de oportunidades para que essa se desenvolva. A

ausência de contato social com outras pessoas e de privacidade, onde a pessoa com deficiência não tem um espaço onde é só dela e as pessoas devem pedir permissão para entrar, como aconteceu com a Marina, reforça que a sexualidade dessas pessoas não está relacionada com suas características biológicas, mas com o contexto social em que vivem (GLAT, 1992).

Palavras finais

Mesmo o curta-metragem não tendo como foco o desenvolvimento da sexualidade da pessoa com deficiência, trouxe questões muito importantes sobre a sexualidade de Marina. Como a questão das influências sociais e culturais sobre como é entendido o corpo perfeito e tratado o corpo desviante, sobre o que é belo e o que não é, o que deve ser mostrado para sociedade e o que deve ser escondido. Essa produção trouxe um reflexo da vida real quanto como o corpo desviante é significado frente os padrões sociais de corpo e beleza e de como esses padrões são internalizados por pessoas com e sem deficiência.

Além disso, o curta-metragem traz enfatiza, assim como outros aspectos da vida humana, que o desenvolvimento da sexualidade dessa jovem barra no contexto social e cultural em que se encontra. Apesar de demonstrar interesses e desejos, oriundos do próprio desenvolvimento da adolescência, Marina se encontra em um ambiente que a limita a expressão da sua sexualidade.

Assim, é importante que a sociedade se transforme no sentido de entender as pessoas com deficiência como pessoas completas, que não se limitam as características da deficiência. Uma adolescente com síndrome de Down também sofre influências das dos padrões sociais de beleza, também apresenta desejos de se relacionar com outras pessoas, também quer ter sua sexualidade respeitada.

Enquanto não haver a compreensão de que todas as pessoas apresentam sexualidade e precisam ter o direito de expressá-la garantido, as pessoas com deficiência continuarão sendo tratadas como seres assexuados ou hiperssexuados, como anjos ou feras.

Referências

BRASIL. **Lei de Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acessado em: 10 fev. 2020.

DANTAS, Taísa Caldas; SILVA, Jackeline Susann Souza; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Entrelace entre gênero, sexualidade e deficiência: uma história feminina de rupturas e emponderamento. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 20, n. 4, p. 555-568, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382014000400007>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

DENARI, Fátima Elisabeth. **O adolescente especial e a sexualidade: nem anjo, nem fera**. 1997. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos. Programa de Pós-Graduação em Educação, São Carlos.

DENARI, Fátima Elisabeth. Sexualidade & deficiência mental: reflexões sobre conceitos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 8, n. 1, p. 9-14, 2002. Disponível em: <https://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista8numero1pdf/2denari.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

DENARI, Fátima Elisabeth. Adolescência, afetividade, sexualidade e deficiência intelectual: o direito ao ser/estar. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 5, n. 1, p. 44-52, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/3491/3262>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

GLAT, Rosana. A sexualidade da pessoa com deficiência mental. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 1, n. 1, p. 65-74, 1992. Disponível em: <https://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista1numero1pdf/r1_art06.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

LITTIG, Patrícia Mattos Caldeira Brant; CÁRDIA, Daphne Rajab; REIS, Luciana Bicalho; FERRÃO, Erika da Silva. Sexualidade na deficiência intelectual: uma análise das percepções de mães de

adolescentes especiais. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 18, n. 3, p. 469-486, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v18n3/a08.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

LUIZ, Elaine Cristina; KUBO, Olga Mitsue. Percepções de jovens com síndrome de Down sobre relacionar-se amorosamente. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 13, n. 2, p. 219-238, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v13n2/a06v13n2.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Sexualidade e deficiências**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Vivência da sexualidade a partir do relato de pessoas com deficiência intelectual. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 21, n. 1, p. 77-88, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/29480/pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; ARANHA, Maria Saete Fábio. Relatos de professores sobre manifestações sexuais de alunos com deficiência no contexto escolar. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 103-116, 2005. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3290/2634>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 16, n. 2, p. 159-176, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v16n2/a02v16n2.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

MOREIRA, Lília Maria de Azevedo; GUSMÃO, Fábio Alexandre Ferreira. Aspectos genéticos e sociais da sexualidade em pessoas com síndrome de Down. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 94-99, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v24n2/a11v24n2.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

MARINA não vai à praia. Direção: Cássio Pereira dos Santos. Produção: Heverton Lima. Minas Gerais, 2014. Online (17 min.)

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ye7Vpe-vARY>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

OMOTE, Sadao. Deficiência e não-deficiência: recortes do mesmo tecido. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 2, n. 1, p. 65-73, 1994. Disponível em: <https://www.abpee.net/homepage/abpee04_06/artigos_em_pdf/revista2numero1pdf/r2_art06.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

Deficiência e estigma a partir do filme *Hasta La Vista: venha como você é*

Cristiane de Azevedo Guimarães
Regina Célia Torres

“Mãe: E um de nós, não pode ir junto”?

Philip: Mamãe, o objetivo é nos virarmos sozinhos.

Philip: Nós sabemos que vocês nos amam,
mas estamos ansiosos, para pelo menos uma vez,
estarmos por conta própria”

Trecho do filme: *Hasta la vista: venha como você é*

Introdução

A arte fílmica e a educação têm se constituído como um importante recurso de contextualização e expressão cultural que podem contribuir em diferentes campos sociais. Logo, o cinema constitui-se uma prática social que influencia a formação das pessoas (DUARTE, 2002).

A temática da deficiência, em filmes, geralmente busca retratar o estigma do personagem através de elementos que possam trazer reflexões a quem assiste, no que se refere, por exemplo: a tolerância, o respeito ao outro, a deficiência (CORDEIRO; SANTOS FONSECA, 2017). Desse modo, emerge conhecer os diferentes aspectos (estigmatizadores, preconceitos, anormalidade e normalidade) que estão socialmente construídos e buscar meios para compreender e refletir como esses fenômenos afetam o dia-a-dia da pessoa com deficiência. Omote (2004) destaca que o estigma tem proximidade com fatores depreciativos e manifestações de descrédito social.

A partir da perspectiva de estudiosos do campo das deficiências, buscamos dialogar com o filme “*Hasta la Vista: Venha*

como você é”, produção belga dirigida por Geoffrey Enthovene, lançada em 2011, realizando uma reflexão sobre alguns conceitos abordados nas cenas, que interferem diretamente nas relações sociais estabelecidas entre indivíduos com deficiência e aqueles que se encontram dentro dos padrões de normalidade impostos pela sociedade da qual fazem parte. Assim, além da discussão sobre a sexualidade das pessoas com deficiência, tema central da trama, são abordados aspectos das relações familiares, do interesse mútuo, e da cumplicidade entre amigos.

Gesser e Nuernberg (2014) discutem que é preciso avaliar a questão da sexualidade na deficiência. Em vez de serem pontuadas e discutidas as lacunas que impossibilitam a esfera sexual da pessoa com deficiência, deve-se permitir que as singularidades corporais e funcionais, proporcionem a estes, formas criativas de vivenciar a sexualidade. Denari (2002) reitera que a sexualidade se faz presente em todas as faixas etárias e não está relacionada a padrões pré-estabelecidos socialmente, visto que independe de necessidades e ou dificuldades que possam estar relacionadas à pessoa.

Por isso, cada um detém sua singularidade e diferença, e atua em seu meio social considerando essas peculiaridades. O que não determina “assumir um padrão de anormalidade versus normalidade, pois corre-se o risco de excluir a pessoa, bem como estigmatizar suas relações sociais, de modo que ela própria se sentirá excluída, deixando de vivenciar a sua sexualidade” (SOUZA; DENARI; COSTA, 2017, p. 2180).

***Disability Studies* e o modelo social da deficiência**

Na década de 1980 surgiu em Londres o grupo *Disability Studies*, inicialmente fundado por professores de Sociologia, deficientes físicos que buscavam problematizar a deficiência a partir de um olhar sociológico. O objetivo era romper com os fundamentos do modelo individual da deficiência pautado na falha biológica, em pressupostos místicos e sobrenaturais,

reconfigurando a deficiência como um produto histórico originário dos ditames do sistema capitalista (PICCOLO, 2015).

Com o avanço do capitalismo, centrado na instrumentação técnica, e a presença de grandes linhas de produção, o produto da riqueza social que antes era coletiva, passou a ser cobrado de forma individualizada provocando problemas de ordem social, no qual o corpo desviante passou a ser visto como aquele menos proveitoso para o modelo de produção vigente. Assim, quantificar os desvios das pessoas que se distanciavam das normas impostas tornou-se comum, fazendo com que o diferente fosse visto como aquele que se deve refutar, compondo-se em um ambiente segregacionista implícito.

Surgiram vários movimentos voltados à reivindicação dos direitos das minorias, dentre os quais, pode-se destacar o maio de 1968, que iniciado na França, se espalhou por vários países da Europa, significando um marco no curso natural dos acontecimentos. Foi um período de reivindicação de novos sujeitos, como mulheres, negros, homossexuais, que contestavam as discriminações sofridas pelas instituições, contribuindo ainda para a politização dos movimentos de pessoas com deficiência, que passaram a reivindicar o direito de conduzir sua própria história (PICCOLO, 2015).

A partir do momento que as pessoas com deficiência se viram organizadas em grupos, o poder público foi obrigado a pensar políticas públicas para elas, representando um importante avanço, já que até então a deficiência era vista como tragédia pessoal, influenciando diretamente na oferta de serviços destinados a esses sujeitos.

Ao considerar a deficiência como tragédia pessoal, são justificadas medidas de cunho assistencialista e a temática não é vista como um problema político-social. Dessa forma, não se deve medir esforços para evitá-la e se mesmo assim ela persistir, é imprescindível a criação de mecanismos para que o problema seja sanado. E caso não seja possível, deve-se remediar mediante estratégias de reabilitação (PICCOLO, 2015).

Assim, os chamados *Disability Rights Movement*, dentre os quais se destacaram o britânico UPIAS e o americano ILM, foram

organizados por pessoas com deficiência para pessoas com deficiência, com o objetivo de quebrar com a marginalização enfrentada por elas na sociedade e romper com a relação de subordinação existente entre elas e os profissionais da área da saúde. Surgiu o “Nada sobre nós sem nós” e a ideia de autonomia e vida independente para as pessoas com deficiência.

Nessa perspectiva, o modelo social assume a deficiência como um fenômeno social, político e histórico, como resultado de experiências de opressão, desigualdade e violência exercidas sobre as pessoas em função de seus corpos lesionados, amputados e deficientes (GAVÉRIO, 2015; HARLOS, 2012). Assim, os estudos baseados no *Disability Studies*, como originalmente pensados, analisam a sociedade com base nas experiências vivenciadas pelas pessoas com deficiência em vista ao domínio físico e social.

Há portanto, dois modelos de interpretação da deficiência, o modelo individual-médico e o modelo social. No primeiro modelo, tem-se a deficiência vista enquanto tragédia pessoal, cujo indivíduo precisa ser tratado e adaptado à sociedade como ela é, e no segundo, o problema da deficiência é deslocado do indivíduo para a sociedade, sendo a deficiência uma imposição social relacionada a não adaptação da diferença. No modelo individual da deficiência, o sujeito é definido por seu déficit e os critérios utilizados para se chegar a essa configuração tem como referência a perda total ou parcial de certos órgãos e funções, fazendo com que o grau de comprometimento de cada órgão determine os limites da deficiência (PICCOLO, 2015).

Omote (1994) ressalta que esse modo de tratar a questão da deficiência dificulta compreender a problemática pelo olhar de construção social e considera apenas o aspecto de presença da deficiência no organismo ou no seu comportamento. Segundo o autor, é preciso analisar que a forma como as pessoas lidam com o fenômeno depende da interpretação que se tem do objeto. E essa forma de entender e tratar têm relação ao que socialmente é perpetuado, na medida em que interpreta como desvantagem certas diferenças. O que evidencia “uma questão antes política que

lógica ou científica - médica, psicológica ou educacional-” (OMOTE, 1994, p. 67).

Construindo relações com o Filme

O filme *Hasta la vista: venha como você é* (2011) expõe a luta de três jovens amigos com deficiência física e sensorial, contra suas próprias limitações e os relacionamentos conflituosos com suas famílias. Em um dado momento de suas vidas, os rapazes decidem fazer uma viagem da Bélgica para a Espanha com o intuito de ter a primeira experiência sexual em um bordel exclusivo para pessoas com deficiência.

No filme, a deficiência não é tratada a partir do ponto de vista do saber médico, visto que a origem da cegueira de Josef (Tom Audenaert) e a tetraplegia de Philip (Robecht Vanden Thoren) não são discutidas, apenas foi mencionado que Lars (Gilles De Schrijver) possuía um tumor cerebral, que o deixou paraplégico. No entanto, a produção cinematográfica tem o objetivo de retratar as dificuldades enfrentadas por deficientes físicos em diversas situações cotidianas, e sua luta pela busca de alternativas que possibilitem a superação de tais dificuldades.

Como por exemplo, ao abordar sobre a personalidade de cada um: Philip, o tetraplégico, com melhor condição financeira e ao mesmo tempo arrogante e impulsivo, ao passo que Lars, paraplégico, mostra-se obstinado a viver cada momento de sua vida, enquanto Jozef, o cego, sensível, articulador e mais maduro, não se esquia de expressar os seus mais íntimos sentimentos e opiniões.

O filme inicia com duas jovens garotas realizando uma corrida matinal por uma praia, e observadas atentamente por Philip, que nessa situação está de férias com a família. A cena é especialmente interessante, pois demonstra a forma como Philip desejava ser, ou seja, um padrão ideal de sujeito, compartilhado por ele e pela sociedade em geral, que possui sentimentos e desejos.

A diferença vista como principal impedimento ao desenvolvimento do outro estabelece significações sociais que se

instaura como consequências, preconceitos e esteriótipos (AMARAL, 1992). Nesse processo, a constituição de uma relação entre o normal e o estigmatizado deixa-se de lado a percepção do indivíduo em si para evidenciar perspectivas, interpretações e pontos de vistas.

Os empecilhos que dificultam a aventura dos amigos são o agravamento do estado de saúde de Lars, e o receio de seus familiares em permitir uma experiência fora do controle e do olhar dos mesmos. Dessa forma, a pessoa com deficiência, tem suas possibilidades limitadas pelas práticas de estigmatização do outro sobre si, sofrendo com preconceitos criados e disseminados pela sociedade normatizada.

Erving Goffman, em seu trabalho sobre o estigma, analisa aquilo que ele chama de estigma social e suas consequências na vida do indivíduo. Segundo o autor, no princípio, o termo era usado para “se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava” (GOFFMAN, 1975, p. 11). Desse modo, fica evidenciado que o sentido e significado está aplicado ao contexto temporal e espacial que se encontra na sociedade.

Atualmente, o termo reporta negativamente deformidades físicas, distúrbios e vícios, e apresentar um estigma significa ser diferente na sociedade. Goffman trata que a sociedade categoriza o indivíduo, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos do sujeito. “Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto” (GOFFMAN, 1975, p. 14).

É então que esse ciclo se rompe na trama, quando os três jovens se organizam para efetivar o passeio. O fato é que nesse lance, a deficiência de nenhum deles não impediu a organização dos detalhes tais como: roupas, malas, dinheiro, transporte. Cada um pode, a seu modo, contribuir para que o evento se concretizasse.

No episódio em que Jozef está negociando por telefone, as despesas do transporte e hotel da viagem é retratada em sua residência, onde mora, sozinho, aos fundos da casa dos pais. É representada como uma casa em proporções menores e

infantilizada com destaque para as cortinas. E conforme é ressaltado pelos amigos, *“mora sozinho, mas não pode cozinhar”* [sic], demonstra a necessidade de sua autoafirmação como sujeito, de modo que é possível inferir que a ele é definido um espaço limitado, representando o julgamento da capacidade real de um sujeito considerado deficiente. Ao mesmo tempo em que a cena retrata todo amadurecimento e responsabilidade com o qual Jozef trata o negócio.

Na interpretação de Goffman (1975), o estigma acontece quando a identidade, atributo individual do sujeito, não é validada diante do que a sociedade estabelece como padrão. Neste impasse está a real condição do indivíduo versus os atributos e exigências que deveria ter. Piccolo (2015) destaca que o preconceito se estabelece culturalmente por indivíduos que partilham de um ambiente social, e seu alcance é para além do âmbito interpessoal.

Já que toda a viagem foi organizada e confirmada por e-mail, os três jovens não contavam que seriam auxiliados por uma enfermeira-motorista. Claude (Isabelle de Hertogh), a profissional encarregada, é uma moça obesa pouco vaidosa, que carrega questões judiciais por conta de um ex-marido aproveitador. Divergências, insultos e maus comportamentos de Philip e Lars para com Claude são tratados no filme e vem referenciar que certos preconceitos são universais, independente da condição de quem os pratica.

A passagem do hotel também nos revela o quão Claude respeitou a decisão dos jovens. Mesmo sabendo das suas dificuldades de locomoção, manteve seu distanciamento, sabendo do seu papel enquanto motorista, e os deixou livres para experimentar aquele momento único em suas vidas. Apesar de ser ridicularizada pelos garotos, a motorista fora da lei, obesa, repleta de defeitos e distante dos padrões de beleza estabelecidos pela sociedade, representa a melhor pessoa para interagir com eles, pois soube respeitar seus posicionamentos e dar espaço para vivenciarem novas experiências.

Nesse sentido, a cena do filme na qual os personagens decidem se hospedar em um hotel de luxo, em quartos individuais,

é muito nítida a questão da existência da lesão. Por mais que eles tentem negar e se mostrar encorajados a experimentar uma situação extremamente nova, é inegável a necessidade de uma pessoa para ajudá-los com as tarefas mais simples, como abrir uma porta. Percebendo tamanha dificuldade, os protagonistas resolvem aceitar a sugestão de Claude e alugam uma casa onde todos possam estar juntos, cuidando e sendo cuidado.

Fazendo um contraponto com o pensamento de Piccolo, “Nessa arquitetura teórica passa a ser perfeitamente compreensível a pessoa ter uma lesão e não experimentar a deficiência, cuja consecução depende do grau de flexibilidade da sociedade em se adaptar às mais diversas diferenças” (PICCOLO, 2015, p. 126), é perceptível que a deficiência foi experimentada em seu grau mais elevado pelos garotos do filme, quando Lars caiu da cadeira de rodas, Josef se trancou no quarto ou quando Philip não conseguiu deitar-se na cama.

Outro fenômeno muito devastador na vida das pessoas com deficiência, está relacionado aos padrões estéticos estabelecidos em uma sociedade de consumo como a nossa. É inegável que o corpo com deficiência é invalidado nesse contexto onde quem está fora dos padrões de beleza impostos é excluído. Podemos dizer que há aqui uma contradição muito gritante no filme. Apesar de os jovens Philip, Lars e Josef vivenciem na pele uma situação discriminatória por conta de suas lesões e deficiências, não poupam Claude de ser exposta ao ridículo apelidando-a de “mamute”. Tal cena nos revela que o preconceito é intrínseco ao ser humano, independente de este estar enquadrado dentro dos limites de normalidade ou não.

O modelo social conferiu bastante destaque às falhas da organização social contemporânea, se preocupando com os postos de trabalho, com o transporte mal projetado, com a discriminação das pessoas com deficiência pelos empregadores e pouco se atentou às questões ligadas à sexualidade desses indivíduos, que em geral têm sido definidos como assexuados.

Essa problemática representa o cerne do filme *Hasta la Vista*, pois os protagonistas expõem que possuem desejos sexuais como qualquer outra pessoa, mas as barreiras à expressão sexual das pessoas com deficiência estão relacionadas à hipocrisia de uma sociedade organizada para pessoas que se encontram dentro dos limites da normalidade e que simplesmente nega as diferenças transformando a desigualdade em algo natural ao ser humano.

Por outro lado, na cena em que os três amigos perdem a virgindade, todos são retratados, por um relance, sem qualquer deficiência e com expressiva demonstração de alegria. As vestimentas dos personagens na cor branca também vêm provocar interpretações ao telespectador, representa uma quebra do estigma. Suas deficiências eram delimitadas pelo anseio de terem uma experiência sexual? Ou os amigos, nesse momento do filme, conseguiram completar uma fase na vida de alguém com uma lesão?

É possível construirmos uma relação com Piccolo (2015), quando ele afirma que as relações sociais com as pessoas com deficiência são baseadas a partir de preconceitos sociais carregados de inferioridade fisiológica e biológica que são perpetuados historicamente.

Maia e Ribeiro (2010) destacam que socialmente alguns mitos são utilizados para justificar a segregação da pessoa com deficiência, podendo destacar os relacionamentos afetivos e sexuais, e que baseados em modelos de normalidade, a sociedade tende a tratar de modo preconceituoso. Os autores enfatizam sobre a importância de uma leitura social e cultural da deficiência e da sexualidade, que permita à pessoa com deficiência expressar e vivenciar os limites da afetividade e sexualidade superando tais preconceitos. Outro mito destacado é em relação às pessoas com deficiência intelectual, que são apontadas com desejos incontroláveis e hipersexuadas. Em seguida os autores pontuam sobre a atratividade da pessoa com deficiência, como se não fossem capazes de manter um relacionamento amoroso e sexual. Por fim, apresentam o mito de que as pessoas com deficiências são inférteis, sem condições de cuidar de seus filhos ou que geram filhos com deficiência.

Assim, os mitos têm sido utilizados para justificar a segregação de pessoas com deficiência na sociedade. Na cena seguinte, após a perda da virgindade, os amigos fazem um brinde pela conquista e dizem que em outra oportunidade irão retornar para vivenciar novamente aquela experiência. Neste momento eles refutam o diagnóstico de Lars e juntos dizem: *Fodam-se os médicos! [sic]*. Essa cena em especial, vem desconstruir o aspecto de autodepreciação do sujeito, que interpreta a deficiência de forma trágica, em que sistematicamente, como que Lars estivesse fadado a morte, e não houvesse outra forma de ver e vivenciar a situação. Contudo, Souza, Denari e Costa (2017) destacam que o empoderamento no que se refere a expressão da sexualidade começa pelo protagonismo do indivíduo, como lida com seu próprio corpo, e de quanto dispõe de informações sobre a temática.

Ao voltarmos nosso olhar para a deficiência entendemos que se a pessoa que detém essa condição vivenciá-la como tragédia, socialmente será moldada pelo olhar de vítima na situação. A começar pela restrição social que considera a diferença como “desabilidade” e impede aos seres humanos de serem vistos como potenciais sujeitos. A pessoa com deficiência não pode ser vista apenas pela condição de um corpo com lesões, “mas sim um corpo com lesão inserido em uma sociedade que aparta, oprime e segrega a não normalidade” (PICCOLO, 2015, p. 91).

A cena final do filme remete à cena inicial, porém, saindo da condição de observador e vivenciando o momento mais trágico da trama. Após dormirem na praia, e ao raiar do dia Philip constata que Jozef está envolvido com a motorista Claude. Ao observar que Lars não está por perto, ele vai ao encontro dele à beira mar, gritando para contar a descoberta. Ao perceber que Lars não responde ao seu chamado, Philip se desespera, pois a mobilidade de sua cadeira elétrica está comprometida devido ao extenso contingente de areia. Claude nesse momento vem ao encontro dos amigos e constata que Lars não dispõe de sinais vitais.

A maneira como as cenas foram desencadeadas são capazes de provocar no telespectador um sentimento de frustração pela morte

de Lars, pois apesar das dificuldades vivenciadas pelos personagens anteriormente e durante a viagem, o objetivo deles foi alcançado. No entanto, o final não poupou a vida de Lars mostrando o quanto as pessoas com deficiência “podem morrer na praia” antes de serem aceitas por uma sociedade que as estigmatiza e marginaliza como se fossem desprovidas de sentimentos, desejos e direitos.

No Brasil, a publicação de algumas leis, como a Lei nº 13.146/2015, conhecida como o Estatuto da Pessoa com Deficiência, representou um importante avanço na garantia de direitos, inclusão social e cidadania das pessoas com deficiência, apresentando em seu texto questões relacionadas à igualdade, ao direito à vida, ao direito à habilitação e reabilitação, direito à saúde, à educação, à moradia, ao trabalho, à assistência social, à previdência social, à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer, ao transporte e à mobilidade (BRASIL, 2015), sendo considerada pela UNESCO uma das melhores legislações sobre o assunto.

Entretanto, em um país continental como o nosso, com tamanha desigualdade social, tais mecanismos não são suficientes para resgatar as pessoas com deficiência das margens da sociedade. Em tempos de desemprego recorde, são as pessoas com deficiência, pobres, negras, pertencentes a grupos LGBTQI+, as primeiras a sofrerem com a falta de postos de trabalho.

Além disso, as concepções de deficiência enraizadas na sociedade não são alteradas de uma hora para outra. Trata-se de um processo lento, que precisa ser trabalhado diariamente para a efetivação de mudanças mais consistentes, que só com a união de diversos grupos poderá abranger todas as diferenças em direção a uma sociedade mais justa e equitativa.

Considerações finais

A partir do enredo, das análises e decorrer do filme compreendemos que cada um dos três amigos foi retratado, com constituições identitárias bastante divergentes, o qual representa fortemente as possibilidades de vida de indivíduos que são

diferentes e desviantes numa sociedade classificatória e normatizada. O caminho para a liberdade por meio de uma viagem em *road movie* reafirma o sentido da vida e coloca os três amigos em posição de ser responsáveis por suas escolhas.

Com base nos conceitos teorizados por Piccolo (2015), e do diálogo com o filme “Hasta la Vista”, é possível perceber que o movimento *Disability Studies* impulsionou outros grupos minoritários a brigarem por uma sociedade mais inclusiva e menos preconceituosa. No entanto, apesar dos muitos avanços obtidos ao longo dessas poucas décadas, as minorias ainda têm um longo caminho a ser percorrido para a conquista de seus direitos enquanto cidadãos e o lugar da pessoa com deficiência na sociedade ainda precisa ser demarcado.

Ainda que esses movimentos tenham sido inovadores em seu âmbito de origem, o modelo social da deficiência é passível de muitas outras discussões, uma vez que em nossa sociedade, o corpo e a deficiência são carregados de princípio normalizador e carente de estudos que enfatizam a deficiência como um desvio social e campo de transformação.

A abordagem sobre sexualidade de pessoas com deficiência, conduzida por eles mesmos, é um fator que condiciona a desconstrução de preconceitos e atitudes discriminatórias que ainda perpetuam na sociedade. É importante destacar que a pessoa com deficiência pode desempenhar sua sexualidade, tem direito de buscar informações e de ser orientadas nos mais diversos aspectos para que possam exercer seu papel social de sujeito de direito.

Referências

AMARAL, L. A. **Espelho convexo**: o corpo desviante no imaginário coletivo, pela voz da literatura infanto-juvenil. 1992. 441f. (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm> Acesso em 02 jan. 2020.

CORDEIRO, K. M.; SANTOS FONSECA, M. J. Cinema na educação de jovens e adultos com deficiência intelectual: uma relação possível. **Periferia**, vol. 9, núm. 1, p. 334-357, 2017.

DENARI, F. E. Sexualidade & deficiência mental: reflexões sobre conceitos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.8, n.1, p. 9-14, 2002.

DUARTE, R. **Cinema e educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GAVÉRIO, M. A. Medo de um planeta aleijado? Notas para possíveis aleijamentos da sexualidade. **Áskesis**, São Carlos, v.4, n.1, jan.-jun., p.103-117, 2015.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC. 1975.

GESSER, M.; NUERNBERG, A. H. Psicologia, Sexualidade e Deficiência: Novas Perspectivas em Direitos Humanos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 34, n. 4, p. 850-863, Dec. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-370000552013>.

HARLOS, F. E. **Sociologia da deficiência: vozes por significados e práticas (mais) inclusivas.** 200f. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos: UFSCar, 2012.

Hasta la Vista. Direção: Geoffrey Enthovene. Produção: Mariano Vanhoof. Bélgica. 2011.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 16, n. 2, p. 159-176, Aug. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382010000200002>.

OMOTE, S. Deficiência e Não-Deficiência: Recortes do Mesmo Tecido. **Rev.Bras. Educ. Espec.**, Vol.02, 1994.

_____. Estigma no tempo da inclusão. **Rev. Bras. Educ. Espec.**, Marília, set.-dez., v.10, n.3, p.287-308, 2004.

PICCOLO, G. M. Por um pensar sociológico sobre a deficiência. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2015. 285p.

SOUZA, C. J. de.; DENARI, F. E.; COSTA, M. P. R. O discurso das pessoas com deficiência física sobre a própria sexualidade.

Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 12, n. 4, p. 2177- 2192, out./dez. 2017. Disponível em:

<<http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v12.n4.out./dez.2017.9123>>.

Sexualidade e deficiência a luz do filme *Hasta La Vista*

Inaiê Cordeiro
Mariana Coimbra Ziotti

Introdução

Compreendendo que as concepções sobre a deficiência são determinadas pelo processo histórico e social em que foram construídas e como a sexualidade ainda é tida como um tema tabu, este texto tem como finalidade discutir a garantia dos direitos sexuais e reprodutivos das pessoas com deficiência à luz do longa-metragem “Hasta La Vista” dirigido por Geoffrey Enthove (lançado no Brasil em 2012) e referenciais teóricos de autores como Omote (1994) Denari (1997; 2013) e Piccolo (2015).

O arcabouço teórico tem enfoque no olhar sociológico sobre a deficiência e sexualidade. Portanto, a revisão de literatura e discussão realizada serão expostas em tópicos. A princípio apresenta-se a concepção da deficiência como construção histórica da sociedade. Em seguida, nos outros dois tópicos, são retratadas as questões da sexualidade da pessoa com deficiência.

Importante iniciar a discussão com a compreensão inspirada em Pessotti (1984) dos contextos da historicidade que abarcam a deficiência com o olhar observável sem condenações. Deste modo, desafia-se enxergar a partir disso o resgate da evolução do conceito que era diretamente influenciado por determinantes econômicas, religiosas, políticas e sociais.

Os conceitos de deficiência perpassaram ao longo dos séculos como defeito e punição divina, e posteriormente como anormalidade biológica. A problematização desvela-se na incompreensão das ações aferidas de forma “arbitrária”, considerando a gama de conhecimentos que temos atualmente,

contra as pessoas “imbecis” ou “idiotas”, termos utilizados para designar as pessoas com deficiência no contexto histórico anterior ao século XX (PESSOTTI, 1984).

A marginalização das pessoas com deficiência já era vista na era primitiva em que o fator produtivo e seleção natural embasavam a cultura dos povos. Aqueles que não contribuíam com o grupo e que não eram capazes física e mentalmente estavam fadados a serem exterminados ou abandonados. Já na Grécia Antiga, com viés estético e atlético tão presente da época, as pessoas com deficiências mentais ou físicas eram consideradas sub-humanas, logo abandonadas ou eliminadas, por não estarem dentro do padrão. As capacidades intelectuais não eram valorizadas (PESSOTTI, 1984).

Na Idade Média, os ideais cristãos trouxeram em roga as pessoas como filhos de Deus, ou seja, que possuíam alma. Todavia, a deficiência era entendida como possessão demoníaca ou castigo divino (PESSOTTI, 1984). Castigos físicos eram empregados e os idiotas eram tidos como objeto, sem vontades.

A exposição em circos como atrações bizarras e o estranho passaram a ser a realidade das pessoas com deficiência de baixo poder aquisitivo. A roda dos expostos era a alternativa de abandono considerando a produtividade que não seria alcançada pelos idiotas (PESSOTTI, 1984). Por conseguinte, o aspecto de sobrevivência versus a dinâmica capitalista enraizava a cultura daquele tempo mesmo o cristianismo se fazendo presente.

O louco (amente) e o idiota (deficiente intelectual) eram caracterizados como deficientes mentais não sendo considerados “normais” (PESSOTTI, 1984). Os idiotas eram tidos como retardados, com comprometimento mental desde o nascimento, vistos como aberrações, causando espanto.

O conceito de normalização se perpetuou na história e se fortificou ainda mais com a medicina que buscava curá-los da sua anormalidade. Contudo, o campo especulativo da religião é deixado de lado para o reconhecimento da vertente científica no qual a deficiência é vista como uma doença do corpo e não da alma.

Houve progresso na alteração de concepção que possibilitou o atendimento básico de saúde para os amentes e idiotas, porém contribuiu para que fossem feitos de cobaias para os avanços da medicina.

O apontamento das perspectivas históricas da compreensão sobre a deficiência foi necessário para o delineamento da discussão que segue. O que se tinha de conhecimento daquela época sobre o que era a deficiência, possibilitou entre erros e acertos, o impulsionamento da áreas médica e o surgimento da educação voltada para os deficientes mentais.

Pode-se destacar os processos interventivos envoltos da medicina, em que de uma forma sutil, dirigiram-se para os princípios educativos/pedagógicos. Tal afirmação desvela-se na trajetória da Educação Especial com contribuições, por exemplo, dos estudos e experiências de Jean Itard e Edouard Séguin relatados na obra de Pessotti (1984).

A segmentação das pessoas e o estigma empregado reprimia o ser na sua deficiência. O reconhecimento da diferença e que ela é mutável e parte dos princípios de subjetividade coletiva e individual que interferem diretamente na gama de “aceitação” do outro que não se enquadra nas medidas de perfeição e normalidade. Tal entendimento, ainda, se perpetua pelo século XXI no bojo da discussão social sobre inclusão.

1. Concepção da deficiência: uma breve reflexão

Segundo o Decreto nº 6.949 (BRASIL, 2009a), que promulgou a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência realizada em Nova York em 2007, pessoas com deficiência:

[...] são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva

na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2009a, [n.p.]).

Cabe ressaltar novamente que por muito tempo as pessoas com deficiências eram consideradas “anormais”. O parâmetro para se determinar a normalidade é estabelecido por indivíduos comuns. Tal contrassenso incomoda no sentido em que a determinante para delegar o que é normal ou não, é aquilo que foge dos indicadores estatísticos, isto é, que não se enquadra na média de um grupo.

Considerando que o limite entre o normal e patológico é tênue, Canguilhem (2009) problematiza a questão da doença e saúde de ponto de vista qualitativo e quantitativo, bem como discute a definição de normal, anomalia e anormalidade. O primeiro ponto a destacar é que o normal pode ser concebido como algo estável estatisticamente dentro de padrões contínuos; porém a diferença daquilo que foge do que é esperado, não resulta conseqüentemente em doença. Além disso, estar incluído no rol da normalidade não assegura a saúde. Por conseguinte, mensurar quantitativamente a patologia e a normalidade recai nos paradigmas de anormalidade e anomalia.

A anomalia é resultante do não enquadramento na frequência estatística prevista, mas que não denota mau funcionamento do organismo. Já a anormalidade configura em patologia (CANGUILHEM, 2009).

A segunda observação necessária a salientar conforme Canguilhem (2009), é que a regra estendida para todos não corrobora para aplicabilidade em contextos individuais. Posto isso, o estabelecimento de normalização deveria compreender o estado do sujeito incorporado à sua rotina e aspectos funcionais do seu corpo no dia-a-dia; em consequência, seriam considerados os parâmetros divergentes únicos sem comparação com outros indivíduos que possuem medidas e indicadores diferentes, mas que não qualificam a mesma condição normativa do seu corpo.

Quer dizer, então, uma norma coletiva que advém de protocolos de diagnóstico e tratamento versus a norma da pessoa.

Não obstante, a construção social e histórica da concepção da deficiência perpassou por transformações e mudanças de paradigmas. Piccolo (2015) discorre sobre o *Disability Studies* que se refere ao campo que analisa os fundamentos históricos e sociais provenientes do sistema capitalista excludente. A ideia expressa na sociedade capitalista sobre a deficiência ora como providência divina, ora como doença e ora como algo a ser reparável para que se atinja a normalidade, impactou na vida das pessoas com deficiência.

O capitalismo engessou a importância da funcionalidade dessas pessoas na sociedade ocasionando a sua exclusão. O *Disability Studies* incorpora a necessidade de distinção do conceito constituído socialmente e biológico (pela área médica, mesmo que esta seja relevante e mais aceita) para quebrar paradigmas (PICCOLO, 2015). O autor nos leva a compreender que a deficiência entendida como um problema individual é a causa da exclusão social das pessoas com deficiência. Então, por isso, o *Disability Studies* recorre a um modelo social que abraça a deficiência como um problema coletivo ocasionado pelo processo histórico do entendimento sobre a deficiência.

A deficiência intelectual até hoje é confundida como doença mental por uma parcela significativa da população. A doença mental trata de um transtorno psiquiátrico já a deficiência intelectual ocasiona limitações no desenvolvimento e habilidades do intelecto. Tal perspectiva sobre a deficiência intelectual e doença mental é oriunda do desconhecimento do que realmente foi uma construção social ao longo do tempo.

Trazendo o filme “Hasta La Vista” (2012) junto a questão do papel que a pessoa com a deficiência exerce na sociedade, é nítido que as pessoas com deficiência têm o seu poder de escolha limitado, ou seja, muitas vezes não possuem autonomia. Além disso, são infantilizadas, mimadas e tidas como incapazes.

Segundo Piccolo (2015) a deficiência é vista como artimanha social de exclusão. Isto é, há penalização para as pessoas que não atendem as expectativas da média população em condições de desempenho econômico, comportamental e de estética. Esse feito segue a lógica capitalista e os fundamentos capitalistas acentuaram a compreensão distorcida sobre a valoração das pessoas com deficiência e o quanto o capital é importante na vida das pessoas.

O filme conta a história de três jovens com deficiência física que viajam em busca de satisfazerem os seus desejos. Nota-se que os desejos só podem ser realizados mediante a viagem, quando sexualidade é, até então, negada. Revela-se assim, que dada a condição física, estes jovens são considerados incapazes de terem uma vida sexual ativa e com desejos como qualquer pessoa, não possuindo nenhum valor para a sociedade.

Mais relevante que isso, cabe destacar como a autonomia é alcançada com a viagem mediante os bens de consumo. Sem o dinheiro nada seria possível, em outras palavras, o capitalismo mais uma vez, dita as regras. Vejam que a vida do cego, tetraplégico e paraplégico é conduzida pelo que foi construído socialmente. Alcança-se a liberdade por meio de uma decisão conjunta dos três jovens.

Há algo primordial a destacar sobre o filme e os disability studies. A escolha dos jovens em viajar salienta que os movimentos das pessoas com deficiência devem combater o histórico negativo imposto sobre o conceito da deficiência e suas características. É importante, também, evidenciar a dimensão do empoderamento das pessoas com a deficiência em relação à sua realidade e o quanto é necessária a mudança de padrões estabelecidos historicamente.

2. Sexualidade e deficiência

As relações afetivas e sexuais são construídas ao longo do desenvolvimento humano. Para Denari (1997, p. 35) a sexualidade:

[...] constitui-se em um dos mais ricos e complexos aspectos definidores do ser humano. Ainda que não tenhamos total clareza

dos múltiplos aspectos psicológicos, biológicos, sociais e culturais concernentes à sexualidade, os tabus, conflitos, valores e atitudes relacionados ao exercício da sexualidade nos acompanham desde o início de nossas vidas.

Bearzoti (1994), de um lado, já havia discutido que o conceito de sexualidade é controverso dado os tabus e distorções na tentativa “[...] de reduzi-la a sinônimo de genitalidade e de reprodução” (BEARZOTI, 1994, p. 113). Por outro lado, Maia e Ribeiro (2010, p. 162) apontam que:

mitos sobre a sexualidade e deficiência referem-se às idéias, discursos, crenças, inverdades, que são ideológicas e que existem para manter e reproduzir as relações de dominação de uns sobre os outros.

Além disso, os mitos relacionados à sexualidade da pessoa com deficiência são baseados em modelos normativos construídos socialmente e garantem uma felicidade idealizada, porém estes atingem diretamente aqueles que vivem com uma deficiência aparente e por ela são estigmatizados (MAIA; RIBEIRO, 2010).

Abrangendo especificamente a sexualidade das pessoas com deficiência, observa-se uma mudança de entendimento entre as décadas de 1990 e 2000. Na década de 1990:

[...] todas as pessoas têm direito à manifestação de sua sexualidade; porém, são quase que inexistentes movimentos em prol da garantia e prática desse direito quando se trata de deficientes, especialmente deficientes mentais (DENARI, 1997, p. 59).

Ao longo dos anos 2000 intensificou-se no país, o movimento das pessoas com deficiência em busca de respostas para a violação dos seus direitos civis, sociais, escolares, de trabalho e reprodutivos. Vários decretos, políticas, leis surgiram no cenário nacional, de certa forma, sob motivação de pessoas com deficiências, em grupos e pelos novos paradigmas postulados em relação à educação especial. Nesse contexto, os direitos sexuais

também afluíram no cenário legal em torno de políticas de saúde, inclusive em relação a vulnerabilidade e ISTs/AIDS. Mesmo com esse incremento, ainda há muito a discutir, implementar, educar.

Segundo Maia e Ribeiro (2010) as expressões da sexualidade são diversas para pessoas com e sem deficiência. Seria injusto estigmatizar os potenciais e limites em função de rótulos, sem considerar todo o contexto que a pessoa se desenvolve e sem levar em consideração a diversidade entre essas pessoas.

O sexo normal e funcional está ligado à ideia de se ter um corpo dentro de um determinado padrão e ser capaz de reproduzir, assim outra expressão sexual que fuja desses padrões tende a ser patológica, desviante e desnecessária (MAIA; RIBEIRO, 2010).

No que concerne especialmente à deficiência física, Souza, Denari e Costa (2017) expressam a complexidade dos comprometimentos motores e sensitivos que interferem diretamente na sexualidade. Todavia, não impossibilita que a sexualidade seja valorizada como demonstra a produção “Hasta La Vista” (2012) que contribui para desmistificar a sexualidade de três pessoas com deficiência física.

3. A busca do desenvolvimento da sexualidade: entraves e desafios

O filme *Hasta La Vista* retrata uma viagem da Bélgica para a Espanha de três amigos com deficiência sendo que um é cego, o outro é paraplégico e o outro tetraplégico. Eles dizem para os pais que o objetivo da aventura é conhecer as vinícolas da Espanha, mas o verdadeiro intuito é realizar o maior desejo dos jovens: perder a virgindade em uma casa de prostituição destinada a pessoas com deficiência.

Em muitos casos, para terem relações sexuais, as pessoas com deficiência precisam planejar e adequar o ambiente e isso é uma barreira ainda maior, visto que nessas condições a relação sexual nunca será espontânea e com privacidade (MAIA, RIBEIRO, 2010).

A trama apresenta diversos questionamentos presentes no cotidiano da pessoa com deficiência que, em grande parte, impede de usufruir de sua sexualidade. Estes serão discutidos com ênfase em alguns aspectos como: a superproteção dos familiares; liberdade x poder econômico e as relações afetivas.

Superproteção dos familiares

Como mencionado, o maior desejo dos jovens era perder a virgindade e para isso foi necessário realizar uma viagem sem que os pais soubessem de sua real intenção. Diante disso, percebe-se que eles mentiram para os seus responsáveis, já que a superproteção os impediria de realizar o grande sonho.

Essa atitude mostra uma concepção de hierarquia de mando e obediência, pois em muitos casos, os filhos são julgados como inferiores ou serão sempre tratados como crianças ou anjos, sem desejo sexual e que se este desejo aparecer eles poderão ser considerados como pervertidos ou até mesmo como feras (DENARI, 2013).

Muitas vezes, essas pessoas podem ser apontadas como seres passivos, que não tem sonhos, vontades, anseios e por isso também poderão ser considerados como assexuados sendo esta uma das dimensões opressivas mais cruciais de suas vidas. Ainda segundo Maia e Ribeiro (2010), há uma ideia de que as pessoas com deficiência são infantis e puras, dado que o sexo é direcionado apenas a corpos perfeitos em condições de reprodução e qualquer desvio desse padrão é capaz de tornar a sexualidade desnecessária e patológica.

Além disso, era esperado que os familiares não concordassem com a viagem dos filhos uma vez que quando se trata da sexualidade há um padrão de normalidade visto como correto e tudo que foge disso é tido como não-normal (SOUZA; DENARI; COSTA, 2017).

A preocupação da família, por um lado, pode até ser compreensível, visto que há um certo cuidado que quando exacerbado pode causar impactos não somente na privação do sexo da pessoa com deficiência, mas em seu comportamento. Isto é nítido

nas atitudes de Philip que se mostra infantilizado, mimado e egoísta que por ser constantemente tratado como vítima, muitas vezes se acha no direito de ofender o outro e “[...] se a deficiência portar um significado trágico, as pessoas nesta condição serão tratadas como vítimas de algum acontecimento dramático” (PICCOLO, 2015, p.161). Além disso, uma pessoa identificada como deficiente e que se comporta como tal pode desempenhar um papel social direcionado para os membros dessa categoria (OMOTE, 1994).

Liberdade x poder econômico

Ao embarcarem na viagem, os protagonistas podem enfim gozar de uma liberdade que nunca foi alcançada, mas que só foi possível graças ao poder econômico de cada um, sendo necessário arcarem com os custos da viagem, alugarem o quarto do hotel, terem o dinheiro para irem ao bordel e, principalmente, contratarem uma motorista que também é enfermeira que além de conduzir todo o percurso deu um suporte para os jovens. Esse apoio foi fundamental, dadas as limitações impostas pelas condições de cada um dos jovens.

Deste modo, a vida independente tem se direcionado para a materialização da liberdade do poder da compra, ou seja, ser independente se resume basicamente a ter liberdade para comprar. Diante disso, levanta-se o questionamento se as pessoas com deficiência precisam do poder aquisitivo para terem o direito de usufruir do sexo.

Relações afetivas

Segundo Maia e Ribeiro (2010) e Oliveira (2017), existe uma ideia de que as pessoas com deficiência são pouco atraentes, indesejáveis e incapazes de manterem um relacionamento sexual e amoroso. Em relação a sexualidade da pessoa com deficiência visual, sua sexualidade não constitui uma manifestação diferente quando comparada a dos não deficientes (BRUNS, 2008).

No filme, Claude, a motorista que acompanhou os protagonistas na viagem se envolve afetivamente com Josef, o que mostra que essa concepção está equivocada. Além disso, o relacionamento deles retrata que a “[...] sexualidade não apenas diz respeito à genitalidade, mas também, é sinônimo de contato, ternura e afeto” (DENARI, 2013, p. 397).

Não se ama a deficiência, mas o sujeito com a deficiência. Os padrões sociais de normalidade referem-se a ser saudável (e perfeito); muitas pessoas incorporam o medo da deficiência porque acham que uma vida com deficiência não vale a pena ser vivida (MAIA; RIBEIRO, 2010, p. 168).

Outro ponto relevante está no fato do protagonista se relacionar com uma pessoa sem deficiência, pois como afirma Bruns (2008), quando se trata de sexualidade e deficiências, em diversos casos, há desentendimento das potencialidades dessas pessoas em se relacionar com o outro, essencialmente com pessoas que não possuem deficiência e o filme aborda muito bem essa questão, visto que a busca do prazer é uma condição que valoriza o indivíduo em sua dimensão total.

Os estigmas sobre a deficiência ainda se fazem presentes, principalmente em relação à sexualidade. O filme retratou bem essa realidade, considerando a exclusão que ainda é imposta a essas pessoas. Ainda se julga as pessoas com deficiência como seres inferiores. incapazes de usufruírem os prazeres da vida e de estabelecerem relações afetivas e sexuais. Concluiu-se, portanto, que há obstáculos para se desmistificar a sexualidade de pessoas com deficiência, assim como assegurar de fato o direito de usufruí-la como qualquer um.

Referências

BEARZOTI, P. Sexualidade um conceito psicanalítico freudiano. *Arq. Neuro-Psiquiatr.*, v. 52, n. 1, p.113-117, 1994.

BRASIL. Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, 25 ago. 2009a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm>. Acesso em: 14 fev. 2020.

BRUNS, M. A. **Sexualidade de cegos**. Campinas: Átomo, 2008.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Tradução de Mana Thereza Redig de Carvalho Barrocas. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

DENARI, F. E. **O adolescente especial e a sexualidade: nem anjo nem fera**. 1997. 188 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1997.

DENARI, F. E. Sexualidade, afetividade, deficiência e inclusão: novos (?) olhares. In: ALMEIDA, T. (Org.). **Relacionamentos amorosos: o antes, o durante e o depois**. 1. ed. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2013. p. 301-413.

HASTA la vista. Direção de Geoffrey Enthoven. Bélgica: Kinopolis Film Distribution, 2012. 1h55min

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.16, n. 2, p.159-176, 2010.

OMOTE, S. Deficiência e não-deficiência: recortes do mesmo tecido. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 1, n. 2, p. 65-73, 1994.

PESSOTTI, I. **Deficiência Mental: da superstição à ciência**. São Paulo: EDUSP, 1984.

PICCOLO, G. M. **Por um pensar sociológico sobre a deficiência**. Curitiba: Appris, 2015.

SOUZA, C. J.; DENARI, F. E.; COSTA, M. P. R. O discurso das pessoas com deficiência física sobre a própria sexualidade. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 12, n. 4, p. 2177-2192, 2017.

A construção do corpo deficiente, negro e gay no cinema pornográfico

Marlon Jose Gavlik Mendes¹

Figura 1 – Cena de “O Paciente Pernetá Dotadão”



Fonte: Hotboys

A mídia fílmica é um meio significativo de transmissão de discursos, ideias e valores sobre as mais variadas temáticas. As imagens e narrativas retratadas pelos filmes e películas influenciam o modo das pessoas se comportarem, visto que servem como possíveis referências para a atuação humana. Dentre os assuntos abordados pela cinegrafia, o sexo é um tema que se destaca.

Imagens que retratam o corpo humano e o ato sexual estão presentes em todas as culturas desde a antiguidade, mas, segundo Leite Junior (2006), a divulgação desse material para o entretenimento começou a se popularizar a partir do renascimento, com a melhora das tecnologias de impressão no papel e com o realismo dos retratos do corpo humano possibilitado pela ciência.

¹ Psicólogo, Mestre em Educação e Doutorando em Educação Especial. Contato: mngavlik@hotmail.com

Além de imagens, eram produzidas poesias e sonetos considerados eróticos. Um dos grandes autores considerados obscenos foi Marquês de Sade, que propôs a filosofia da libertinagem e criticou a religião e o modo de vida burguês da época.

Com o advento da fotografia e das tecnologias de filmagem, assim como o desenvolvimento do capitalismo, a pornografia foi perdendo sua natureza subversiva e se transformou em um comércio, movimentando grandes quantidades de capital. A partir da modernidade, o sexo adentra o mercado crescente da época com imagens, livros, massageadores, películas e espetáculos. Relatos mostram que o ato sexual filmado começou a ser comercializado a partir do início do século XX, passando por períodos de marginalidade até se consolidar como uma forte indústria entre as décadas de 70 e 80, permanecendo significativa até os dias atuais (LEITE JUNIOR, 2006).

O material produzido pela indústria pornográfica é variado, tendo vários gêneros como o amador, *hardcore*, *softcore*, BDSM (*Bondage*, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo, Masoquismo e Sadomasoquismo), *gay*, lésbico, travestis, transexuais, entre outros. A partir do século XX começa a ser maior distribuído material pornográfico tendo como atores pessoas com corpos que diferem do padrão de aparência e funcionalidade dominante na cultura atual. Aqui encontramos cenas realizadas com pessoas com deficiência, mobilidade reduzida, membros amputados e “deformidades” corporais.

Entende por pessoa com deficiência (PcD), segundo a Lei Brasileira de Inclusão, como alguém que possui impedimentos físicos, mentais, intelectuais ou sensoriais, englobando tanto os impedimentos de origem congênita quanto os adquiridos ao longo da vida, sendo que esses impedimentos podem comprometer a participação plena dessa pessoa na sociedade. São tipos de deficiência a deficiência física, intelectual, mental, sensorial, a qual se divide em visual e auditiva, e múltipla (BRASIL, 2015).

Mesmo as pessoas com deficiência possuindo alguns comprometimentos em áreas específicas da vida cotidiana, há

diversas ideias errôneas e preconceituosas de que os demais aspectos de seu desenvolvimento também estão comprometidos. Especificadamente sobre a sexualidade, Gesser e Nuernberg (2014) identificam alguns mitos que rodeiam a vivência sexual das PcD, como os mitos da assexualidade e da hipersexualidade ou descontrole sexual. Com frequência, as PcD são vistas e retratadas como pessoas assexuadas, tendo uma sexualidade mínima ou inexistente, como se a deficiência fosse um incapacitante para uma vida afetivo e sexual. Por outro lado, outro mito direcionado as PcD envolve o entendimento destas como possuidoras de uma sexualidade muito desenvolvida, até descontrolada, sendo vistos como indivíduos sem controle sobre os próprios desejos. Esse mito é muito comum ao se discutir a sexualidade das pessoas com deficiência intelectual, que enfrentam de um lado o mito da assexualidade, também sendo infantilizadas, e por outro o mito da hipersexualidade e do descontrole.

Permeado por mitos e ocupando um papel social distinto, o modo como a vivência da sexualidade pelas pessoas com deficiência é demonstrada socialmente também foi se alterando ao longo da história. Na idade medieval, as pessoas com deficiência ou transtornos mentais geralmente ocupavam os lugares de bobos da corte, realizando proezas cômicas e sexuais para deleite do rei e de seus convidados. Os reis se orgulhavam de possuir em sua corte diversos bobos, assim como pessoas exóticas e com variadas deformidades corporais, suas “posses”, sendo ostentados perante os súditos e outros reis (LEITE JUNIOR, 2006).

Com o advento da modernidade e o capitalismo, as pessoas com deficiência e com corpos considerados divergentes passaram a adentrar a indústria erótica e de entretenimento, a tanto com as fotografias, posteriormente com os filmes e vídeos, quanto com o circo e os *Freakshows*. Nos shows e na indústria do entretenimento, as pessoas com deficiência e deformidades corporais, junto com as pessoas com capacidades incomuns (grande força, elasticidade) eram celebradas em suas diferenças, realizando atos considerados cômicos, impactantes e estimulantes, adentrando os universos do

humor, do grotesco e da sexualidade. Já no cinema erótico e pornográfico, as PcD e com corpos “divergentes” passaram a adentrar essa indústria nas últimas décadas, formando um mercado de cenas de sexo consideradas “não convencionais” que movimentam grandes quantidades de dinheiro e questionam padrões cristalizados sobre o corpo e o sexo.

O mercado de cenas pornográficas “não convencionais” é uma temática que desperta interesse em pesquisadores, sendo que há quem perceba esse fenômeno como um questionamento a noções cristalizadas, mas também havendo quem o identifique como esse mercado como uma maneira de reafirmar o local periférico destinado à deficiência:

[...] o deficiente, ao adentrar no mercado do entretenimento, teve sua “bizarrice” fetichizada, o que não o tornou menos deficiente. Além disso, em sua condição de elemento social estruturador de uma forma de preservação do mundo social, a deficiência manteve interações com classes sociais, raça, gênero e sexualidade, etc. a fim de que a economia cognitiva das várias comunidades culturais e sociais se mantivesse estável. Ou seja, ele foi transformado de várias formas em mercadoria de consumo para o deleite do ver de uma sociedade que nunca o aceitou ou, ao contrário, aceitou-o quando isolado em ilhas sociais (circos, hospícios, prostíbulos, etc) para as quais os cidadãos de bem podiam viajar esporadicamente e muito bem resguardados. (RATTS, 2016, p. 154)

Por mais controverso que seja a produção e divulgação de materiais eróticos e pornográficos com pessoas com deficiência, esse fenômeno exerce uma função significativa no modo como se pensa a sexualidade desse grupo, promove a noção das pessoas com deficiência como também possuidoras de corpos desejados e desejantes.

Mas como o corpo e a sexualidade da pessoa com deficiência está sendo retratada na pornografia brasileira? Mais especificadamente, na indústria voltada ao público gay? Tendo em mente esses questionamentos, neste capítulo pretende-se analisar

uma cena de sexo produzida pela indústria pornográfica brasileira protagonizada por dois atores, sendo que um deles possui uma perna amputada.

A cena

A cena analisada se chama “O Paciente Pernetá Dotadão”, foi produzido pela produtora pornográfica brasileira Hot Boys ². Ela foi protagonizada por dois atores, Paulão e Andy Star, sendo que o primeiro possui a perna esquerda amputada. A cena conta com 37 mil visualizações, possuindo duração de 35 minutos e 50 segundos, sendo identificada pelos marcadores “Dotados”, “Interracial” “Sexo” e “Sexo História”.

A apresentação da cena pode ser conferida a seguir:

[...]. Como sempre polêmico, ele contracena com um negão parrudo super apetitoso e dono de uma pegada forte e viril, o nome dele é Paulão. Andy faz o papel de um médico ortopedista, que está substituindo temporariamente o médico responsável pelo tratamento de Paulão. O negão foi a uma consulta de rotina para realizar algumas medições da perna para a confecção de sua prótese. O médico ao tirar as medidas do coto da perna, nota que o seu paciente está excitado, ele percebe pelo volume [...] Paulão constrangido, explica que sempre que alguém toca na perna dele, ele sente uma excitação. [...] Foi um envolvimento perfeito, [...] mostrando que sua deficiência é um pequeno detalhe. [...] (HOTBOYS, 2006-2019, s/n).

Mesmo possuindo um grande número de visualizações, a cena contém apenas três comentários, os quais são: “Me encantam los dos!!! que ver mas videos de ellos”, “Muito show esse negao com andy quero mais deles” e “Queria ver mais videos dele! O Paulão eh muito tesudo” (HOTBOYS, 2006-2019, s/n).

² Disponível em: <https://www.hotboys.com.br/> Acesso em 12 fev 2019.

Essa cena foi um marco na história do cinema erótico e pornográfico brasileiro, pois foi uma das primeiras cenas de sexo gay a conter pessoas com deficiência entre seus atores já sendo analisada e discutida por pesquisadores da área da sexualidade (RATTS, 2016).

Discussão

A cena se inicia com o ator Andy Star, interpretando um médico, recebendo uma ligação informando que seu paciente havia chegado. Em seguida entra o ator Paulão em cena, o qual interpreta o paciente que vai consultar ao médico para realizar exames que possibilitarão a confecção de uma prótese para sua perna. Nesse momento o médico fala: “Seus exames clínicos estão todos perfeitos, eu vou fazer agora uma medição do seu coto para ver se não tem nenhuma variação importante”. Em resposta, o paciente fala “Ok Doutor, tudo bem”.

Figura 2 – Cena de “O Paciente Pernetá Dotadão”



Fonte: Hotboys.

O local e a situação escolhida para o desenvolvimento da cena já mostram uma ideia frequente em relação a deficiência, a associação direta desta ao caráter biomédico. A deficiência, como

notou Amiralian et al. (2000), tem em seu histórico uma associação direta com práticas terapêuticas, estudos científicos e intervenções de natureza biológica, o que influencia inclusive no próprio entendimento sobre o que é uma deficiência e uma pessoa deficiente. Ao longo dos anos a discussão sobre a deficiência se expandiu para outras áreas do conhecimento, como a sociologia e a antropologia, expandindo a própria concepção de deficiência para além de uma patologia ou condição a ser tratada e sim como um fenômeno complexo que envolve diversos aspectos sociológicos, políticos e relacionais. Na cena, por outro lado, prevalece as noções biomédicas. A característica deficiente é retratada como algo dificultoso e incapacitante, dando ênfase nas muletas que o paciente utiliza na locomoção e em sua dificuldade de andar (figura 3), além de também ser retratada como algo a ser normatizado, ficando evidente no desejo de confeccionar uma prótese.

Figura 3 – Cena de “O Paciente Pernetá Dotadão”



Fonte: Hotboys.

Dando sequência na cena, Paulão se posiciona na maca para a realização do exame. Durante o exame da perna amputada, o paciente começa a ter uma ereção, o que surpreende o médico. O primeiro informa: “Desculpa Doutor por eu estar assim, é que sempre quando mechem na minha perna eu fico meio excitado.

Ainda mais porque eu perdi minha mulher, sabe como é essas coisas do homem? [...]”.

Figura 4 – Cena de “O Paciente Pernetado”



Fonte: Hotboys.

No início da cena já se percebe como a deficiência, mais especificadamente a característica considerada deficiente, é retratada. A perna amputada, sendo considerada um estigma (GOFFMAN, 1988) pode causar estranhamento e repulsa a algumas pessoas, já nessa cena foi retratada como disparador da excitação sexual. A anomalia e a sexualidade estão lado a lado. Esse imaginário, como afirma Durand (2001), vem se repetindo ao longo da história humana. Em seu estudo sobre as imagens, o autor observou que representações de monstruosidade se repetem ao longo da história, muitas vezes associadas as pessoas com deficiência, deformidades ou de outras características corporais. Além da própria deformidade, essas imagens também vêm carregadas com ideias de escuridão, movimento, desconhecido e profano, podendo também ser associadas a sexualidade humana. Esse aglomerado de imagens foi nomeado como símbolos nictomórficos. Essa representação dos imaginários nictomórficos fica evidente na cena analisada, em que característica considerada

disforme, a perna, além de causar receio e surpresa está ligada também a excitação sexual, chegando a causar interesse ao médico.

Na sequência da cena, mesmo presenciando a ereção de seu paciente e possuindo interesse sexual, o médico diz estar tudo bem e que irá prosseguir com o exame, mas o paciente pega a mão do médico e leva em direção ao seu membro ereto. A partir daí o médico começa a estimular o pênis do paciente com suas mãos, passando a usar a boca, praticando o sexo oral.

Os personagens negros, tanto em filmes quanto em obras literárias, frequentemente são retratados como pessoas pobres. Em pesquisa na literatura brasileira moderna, Dalcastagnè (2001) notou que esse fenômeno se repete, além de personagens negros serem apresentados como vilões, bandidos, empregados, escravos ou profissionais do sexo. Em relação a sexualidade, a autora notou que se repete a imagem de objeto sexual com a libido aflorada, possuindo até certa animalidade:

Mas dizer que os negros são humanos parece ser ainda uma necessidade, quando se percebe que sua animalização se mantém como um “recurso” literário. Para ficar em apenas um exemplo, o homem negro diante da mulher branca continua sendo representado como o animal sujo cobiçado pela fêmea depravada – como nos contos “O negro”, de Dalton Trevisan (1968) e “O negro e as cercanias do negro”, de Haroldo Maranhão (2001). [...] o homem negro não se faz personagem, mas apenas objeto em cena. Outra vez, ele é o corpo desprezível que a mulher branca, em sua irracionalidade, deseja (DALCASGNÈ, 2001, p. 98-99).

Fenômeno esse que é possível observar na cena investigada, na qual o negro se torna objeto de desejo. Lima e Cerqueira (2007) notam como essa objetivação do homem negro também se manifesta em relações homossexuais. Homens *gays* e negros frequentemente se encontram excluídos dentro da comunidade *gay*, a qual funciona tendo como referencial o modelo branco, consumista, másculo e heteronormativo. Assim, resta ao negro o papel exótico de objeto sexual, tido como alguém com força,

agressividade e potência sexual em excesso. “A negritude se constitui através da normalização do negro heterossexual, representado pela emblemática virilidade de sua força física, agressividade, violência, grande apetite sexual e pênis potente” (LIMA; CERQUEIRA, 2007, p. 7). Esse papel fica evidente na cena, onde o interesse do médico sobre o paciente se baseia em suas ideias de força, potência sexual e tamanho do membro genital, sendo reforçado também na descrição da cena utilizada pelo site.

No decorrer da cena, o paciente vira seu boné para traz, falando “Isso, chupa vai... isso”, sendo que o médico continua com o sexo oral. Após vários minutos dessa prática e ambos tirarem suas roupas, Paulão começa a estimular oralmente o orifício anal de Andy, logo dando seguida para a penetração anal.

Na cena fica evidente os estereótipos direcionados aos homens negros. Green (2003) notou a incidência da associação com a figura do homem negro brasileiro, tanto hétero quanto homossexual, às noções de “malandro”, pessoa da periferia e pessoa de baixo nível social na mídia jornalística brasileira. A imagem do negro gay é tanto condenada quanto celebrada a partir de suas características de esperteza, malandragem e grande força física, o que fica visível na cena pela dominação do personagem de Paulão sobre o de Andy e pela posição sexual que este assume, a posição de “ativo” ou de quem penetra.

Na cena fica presente dois grandes discursos comumente associados a deficiência, como debate Gaverio (2015), os discursos de reabilitação e de tragédia. Os discursos de reabilitação se fazem presentes no contexto inicial em que o paciente procura o médico atrás da possibilidade de construção de uma prótese para sua perna, reabilitando sua mobilidade. Já os discursos de tragédia se tornam evidentes pela posição passiva e inferior perante ao poder biomédico que a pessoa com deficiência é colocada ao início da cena. Nota-se que essa posição passiva do deficiente é revertida com o decorrer da cena, além de deficiente o personagem de Paulão é negro, sua tomada de controle e dominação perante ao personagem de Andy se relaciona diretamente aos diversos

discursos sobre o corpo negro como dominador, animalesco e objeto de desejo.

Mas, como afirma Ratts (2016), essa reversão de poder só é possível em portas fechadas, na privacidade do consultório médico escolhido para o ato sexual, mantendo-se o jogo de poder cristalizado perante a sociedade. Essa mesma reversão foi possível através da reafirmação heteronormativa de Paulão, o qual diz já haver possuído uma esposa, o colocando em uma posição masculina dominadora na cena em contrapartida a posição comumente associada ao feminino, papel de “passivo” ou de quem é penetrado, direcionada ao personagem de Andy. Mesmo algumas noções sobre o corpo negro e deficiente sendo questionadas, esse questionamento é pequeno em relação as outras ideias prévias que são reafirmadas pela cena:

[...] a força da identidade nacional que constrói o senso comum e que administra, de forma real e/ou imaginária, as relações de classe, de gênero, de sexualidade, de raça e de etnia não é plenamente subvertida no filme, pois se o perneta dotado, um homem negro, se impõe a um sujeito branco, ele o faz dentro de uma lógica heteronormativa onde o sujeito passivo é o corpo-objeto sobre o qual o poder do desejo heterossexual se manifesta. Há então uma segunda exaltação do masculino negro que dessa vez se transfere da raça para o gênero. O perneta é superior em virtude da arbitrariedade em que o corpo do sujeito passivo é posto como objeto de seu desejo. Assim, a dicotomia homem/ativo x mulher/passiva, a um só tempo, reconstrói e desconstrói os discursos normativos que materializam os corpos ao distribuí-los em novos e velhos lugares que, apesar de socialmente transgressores, não necessariamente se distanciam de uma visão cartesiana de realidade (RATTS, 2016, p. 156).

A cena segue com o ato sexual em que Paulão penetra Andy, sendo que o ultimo muitas vezes afirma estar com dor devido ao ato, mas demonstra prazer. O início da cena ocorre com Paulão tomando controle, sendo que na sequencia o mesmo se deita na maca e Andy assume o controle pelo ato sexual, tendo Paulão

falando “Senta vai, safada, delicia...”. A cena segue com Andy deitando de costas e Paulão assumindo o controle novamente demonstrado certa intensidade ao penetrar o outro. A cena finaliza com Paulão ejaculando.

A cena pode ser classificada com o termo que Gavério (2015) chama de *devotee*, que seria a atração e o fetiche por corpos considerados deficientes. O autor observa diversos estudos e relatos de pessoas que se sentem atraídas especialmente por membros amputados, os “cocotos”. Essa atração já foi entendida como uma patologia sexual, ainda sendo um assunto discutido pela comunidade científica. Mas o fetiche provocado pela cena não se limita a deficiência, ele se une também ao fetiche pelo corpo negro e todas as ideias de domíno e objeto sexual relacionadas a esse corpo:

[...] essas interações e relações corporais que considero estarem formalizando certa noção de deficiência como desejável (no sentido geral de ela ser uma possibilidade plausível), me fazem arriscar a pensar a deficiência como produto momentâneo de determinados encontros, pessoais ou conceituais, que ao mesmo tempo que se informam e emergem através de concepções já existentes sobre ela, extrapolam suas significâncias e materialidades supostamente estanques, fazendo com que a deficiência seja vista como possibilidade de trânsitos corporais ‘alterativos’ (GAVÉRIO, 2015, s/n)

Considerações finais

A cena traz em seu conteúdo um aglomerado de discursos sobre o corpo negro, *gay* e deficiente. Alguns desses discursos podem ser considerados subversivos, como a presença da própria pessoa com deficiência em uma cena pornográfica amplamente distribuída. Esse fenômeno contribui para o questionamento de padrões corporais excludentes e promove a noção das PcD como também possuidoras de corpos desejados e desejantes.

Mas a cena também contribui para a afirmação de noções já estabelecidas socialmente a respeito desse mesmo corpo. A

deficiência é retratada como um defeito, algo passível de normatização, transitando pelos universos do grotesco, o que causa receio, e do profano, o que causa excitação. O corpo negro foi retratado como um objeto de desejo do personagem branco, sendo que o desejo esteve diretamente ligado as ideias de força, virilidade, potência sexual e tamanho do membro genital associadas ao corpo negro.

Por mais que o personagem negro e deficiente assuma o controle do ato sexual, saindo da posição de passividade comumente atribuída à pessoa com deficiência, esse jogo se torna possível apenas na privacidade através do uso de outra ideia já cristalizada, a dicotomia entre o que é considerado masculino e feminino, sendo atribuído a Paulão o papel de masculino, dominador e penetrador, e a Andy o papel de feminino, passivo e penetrado.

“O sujeito deficiente é um indivíduo historicamente *borderline* e essencialmente *queer*” (RATTS, 2016, p. 153), portanto a presença desse público no cinema, tanto convencional e pornográfico, vem a questionar noções sobre o corpo, a capacidade, a funcionalidade e a visibilidade já construídas. Espera-se que esse capítulo tenha contribuído para esses questionamentos, possibilitando novas maneiras de enxergar a deficiência e a sexualidade.

Referências

AMIRALIAN, M. L. T.; PINTO, E. B.; GHIRARDI, M. I.; LICHTIG, I.; MASINI, E. F.; PASQUALIN, L. Conceituando deficiência. **Revista de Saúde Pública**, v. 34, p. 97-103, 2000.

BRASIL. **Estatuto da pessoa com deficiência**. Lei Brasileira de Inclusão. Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015. Presidência da República, Brasília, 2015.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DALCASTAGNÈ, R. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 31, p. 87-110, 2008.

GAVÉRIO, M. A. Querem Chupar seu Cotoco? - Deficiência, Sexualidade e Possíveis Transações Corporais. **XIII SDCO**. 2015.

CESSER, M., NUERNBERG, A. H. Psicologia, sexualidade e deficiência: Novas perspectivas em direitos humanos. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 34, n. 4, p. 850-863, 2014.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Coletivo Sabotagem, 1988.

GREEN, J. N. O Pasquim e Madame Satã, a "rainha" negra da boemia brasileira. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 4, n. 7, p. 201-221, 2003.

HOTBOYS. **Hotboys**. Página da internet. Entre 2006 a 2019. Disponível em: <https://www.hotboys.com.br/> Acesso em 12 fev 2019.

LEITE JÚNIOR, J. **Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia "bizarra" como entretenimento**. São Paulo: Annablume. 2006.

LIMA, A.; CERQUEIRA, F. A. Identidade homossexual e negra em alagoinhas. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 1, n. 01, 2007.

RATTS, J. Enunciados sobre um corpopornô negro e deficiente: o diferente que subverte ou a diferença que reproduz discursos normativos?. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 4, p. 151-166, 2016.

Estigma e sexualidade: análise do filme *“Hoje Eu Quero Voltar Sozinho”*

Josivan João Monteiro Raiol¹

Introdução

A sexualidade é inerente do ser humano e seria excludente pensar que tal questão não seja compatível na vivência da pessoa com deficiência. O erotismo, o desejo, a construção de gênero, os sentimentos de amor, as relações afetivas e sexuais, são expressões potencialmente existentes em toda pessoa. (DANIELS, 1981; ANDERSON, 2000; MAIA, 2001; SCHWIER; HINGSBURGER, 2007). Logo, discutir essas questões se faz necessário, haja vista os tabus que envolvem o tema e a dificuldade de se compreender que a temática pode ser estendida a pessoas com deficiência.

No entanto, apesar das discussões e garantia dos direitos da pessoa com deficiência, as representações que são forjadas socialmente ilustram a invisibilização sexual. O estereótipo da pessoa com deficiência tida como assexuada ou agressiva sexualmente resulta da representação que atribui a ela características de incompletude e desvio do padrão considerado normal. Vêm-se atribuindo rótulos negativos às pessoas com deficiência qualificando-as como eternas crianças, anjos, feras, homossexuais ou hipersexuais (DENARI, 2006).

Há no senso comum uma tendência à superproteção dedicada as pessoas com deficiência e a infantilização pela condição considerada incapacitante. Por estas questões vinculadas a sexualidade e pessoa com deficiência que emergiu a necessidade de se pesquisar aspectos relacionados a esta temática. As

¹ Aluno do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial – PPGEES, Doutorado da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.

problematizações partiram de questionamentos como: Que representações são constituídas sobre a pessoa com deficiência? Como a sociedade vê a sexualidade da pessoa com deficiência?

Dito isto, este estudo objetivou analisar as experiências vividas pelo personagem Leonardo (Guilherme Lobo) do filme *Hoje eu quero voltar sozinho* (2014) de Daniel Ribeiro a respeito da sua orientação sexual atrelado a deficiência visual e as relações com os familiares e amigos da escola. Para tanto, a investigação se pautou nos constructos teóricos Goffman (1985, 1992) acerca do estigma e ampliou a discussão conceituando aspectos referentes à sexualidade, família e autocuidado.

Entre a família e a descoberta da sexualidade

Ao longo dos últimos anos, muito se tem falado sobre a pessoa com deficiência e a garantia de direitos relacionados à área da saúde, educação e inserção no mercado de trabalho. Atrelado a isso, vemos que diversas são as lentes que tentam vislumbrar novos panoramas que estejam além das perspectivas médico e biológicas, esta questão sugere a esta investigação promover relações dialógicas que favoreçam a resignificação da representação constituída acerca da pessoa com deficiência. Por esse motivo, esta investigação percebe o outro como um indivíduo que pertence ao mundo, de forma a contextualiza-lo, considerando sua historicidade.

O entrelace teórico do estigma, do padrão homogeneizador e da sexualidade, possibilita dialogar com questões relacionadas ao que é socialmente produzido, pois as problematizações partem das descobertas sexuais do personagem adolescente Leonardo que é uma pessoa com deficiência visual e que se descobre atraído pelo personagem Gabriel (Fábio Audi). A constituição da autonomia sexual, profissional, emocional do personagem é problematizada na medida em os conflitos surgem de acordo com a posição familiar e/ou a forma como a família lhe enxerga socialmente.

Cabe aqui analisar que Leonardo é duplamente estigmatizado: primeiro por ser cego e segundo por ser homossexual. Neste sentido, segundo Goffman

[...] um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto. (1988, p.14).

No contexto familiar o traço o qual sugere Goffman (1988) tem relação com a deficiência visual, esta se impõe e invisibiliza outros atributos do personagem. A demarcação capacitista impossibilita o personagem de construir sua autonomia e a questão limitadora é perceptível logo nas primeiras cenas quando a mãe de Leonardo informa ao personagem que não poderá ficar na casa da avó, pois a mesma terá compromisso médico. O corpo estigmatizado, a incapacidade sob a pessoa com deficiência não permite inicialmente a mãe autorizar que Leonardo fique sozinho em casa, pois a mesma se preocupa com o que ele vai comer? Como vai conseguir ficar só? Somente após a insistência de Leonardo, a mãe autoriza com a condição de que o mesmo ligue informando que chegou bem em casa.

O comportamento dos responsáveis de Leonardo corrobora com Neves (2005) ao afirmar que a proposta da autoadvocacia é difícil para inúmeros pais/mães que criam os seus filhos ou filhas como pessoas dependentes. O atributo depreciativo de incapacidade, ou excesso de cuidado e zelo pela pessoa com deficiência trás problemáticas, pois, em virtude da representação do corpo estigmatizado reflete diretamente na vida de Leonardo que se torna desacreditado na constituição das relações sociais.

Outra demarcação do estigma vivenciado pelo personagem Leonardo, se refere quando o mesmo fica irritado com sua mãe por não o permitir inicialmente participar do acampamento escolar. Mesmo com Leonardo informando sobre o acampamento, a mãe

condiciona a autorização mediante ligação para a escola a fim de saber mais informações. Esta atitude da mãe é considerada por Leonardo como vergonhoso, haja vista que os pais dos demais colegas de sala de aula não solicitam detalhamento da atividade. O desejo do personagem é ser aceito socialmente, minimizar as diferenças, inclusive nas atitudes dos responsáveis.

A interação entre os personagens mãe e filho, perpassa pelo zelo da responsável para com Leonardo, a preocupação com alimentação e o autocuidado, em contrapartida o personagem busca constituir autonomia e vivenciar atividades que são comuns a sua idade. Diante desta questão, a relação se torna conflituosa e emerge a delimitação entre o normal e o estigmatizado.

O normal e o estigmatizado fazem parte de um complexo social, o que não significa que são complementares. São parte de um e outro concomitantemente, a fortaleza de um pode ser a fraqueza do outro e vice-versa, portanto, existem paralelos e similaridades em suas funções sociais e não nexos adjacentes, mesmo porque, na linha de análise interacionista, e isto é fundamental, o normal e o estigmatizado não são indivíduos propriamente ditos, e, sim, perspectivas, pontos de vista, interpretações, interações. (PICCOLO, MENDES. 2012, p. 51).

O complexo social e o fazer parte um do outro podem ser visualizadas na relação entre Leonardo e sua mãe. As fraquezas são expostas na medida em que a mãe não permite que o filho realize as atividades das quais deseja, a fim de protegê-lo, bem como quando o filho consegue romper a partir das problematizações as dificuldades cotidianas e inicia a constituição da autonomia.

Para além das dificuldades que o estigma provoca nas relações sociais, de Leonardo, cabe salientar o desejo do personagem em fazer intercâmbio, pois ao informar para a melhor amiga Giovana (Tess Amorim) sobre sua vontade, a mesma expressa surpresa ao imaginar uma pessoa cega morando fora do país. O mesmo acontece com a funcionária da agência de intercâmbio que apesar

de explicar a Leonardo que irá procurar uma família que aceite a condição de deficiência, demonstra em sua fisionomia angustia por saber das dificuldades quem o aceite. O planejamento do intercambio finaliza quando a mãe determina que não haja possibilidade de Leonardo morar fora do país, o que provoca novo conflito familiar.

Em contra partida ao posicionamento da mãe relativo às atividades que Leonardo realiza e deseja realizar, temos a figura do pai e da avó. Em algumas cenas foi possível analisar o pai se contrapondo ideia da mãe, como por exemplo, ao permitir que Leonardo ficasse sozinho em casa. Outro aspecto se refere a cena em que o pai ensina Leonardo a fazer a barba, pois o que parece ser algo corriqueiro pode ser perigoso para uma pessoa com deficiência visual.

O mesmo acontece com a avó, que aconselha o neto acerca da sua vontade de sair de casa, bem como ao desejo precoce de trabalhar, além das conversas informais sobre o relacionamento da avó com o avô. Neste sentido, a interação que ambos os personagens (pai e avó) indica a constituição de uma relação de amizade com Leonardo e a compreensão dele na sociedade, pois para Woodward (2000) a família, ao receber uma criança com deficiência, não está apenas ciente da realidade das condições e limitações anatômicas da criança, mas mergulha num sistema de representações sobre o que é ter e ser uma mulher/homem com deficiência na sociedade.

As representações são vivenciadas na rotina cruel que envolve a exclusão e o preconceito o que responde talvez a necessidade dos familiares em proteger a pessoa com deficiência dos supostos males sociais que este possa estar exposto.

Reproduções estigmatizantes no ambiente escolar

O julgamento depreciativo construído ideologicamente tem origem na representação social, dessa maneira consideramos que o personagem Leonardo é duplamente depreciado. Carrega em si os

estigmas relacionados à deficiência e homossexualidade. Destarte Goffman (1988) afirma

[...] A situação especial do estigmatizado é que a sociedade lhe diz que ele é um membro do grupo mais amplo, o que significa que é um ser humano normal, mas também que ele é, até certo ponto “diferente”, e que seria absurdo negar essa diferença. A diferença, em si, deriva da sociedade, porque, em geral, antes que uma diferença seja importante ela deve ser coletivamente conceptualizada pela sociedade como um todo.” (GOFFMAN, 1988. p.134).

Neste aspecto a normalidade surge como mecanismo de manutenção de poder e objetiva determinar e salientar as diferenças a fim de que se obtenha discursos de inserção dos chamados “diferentes” no grupo dos “normais” ao mesmo tempo em que a demarcação do estigma é acentuada proporcionando um limite proposital na relação do eu com o outro. Para Wieser (2009) o discurso representa uma atividade comunicativa que corresponde a diferentes áreas da prática e que são institucionalizadas conforme a divisão de trabalho numa dada sociedade.

No ambiente escolar a diferença do personagem Leonardo é acentuada a todo instante, seja no que se refere à deficiência visual, seja relacionado à homossexualidade. Fábio (Pedro Carvalho) se recusa, depois do pedido da professora, a sentar na carteira atrás de Leonardo por se sentir incomodado com o barulho da máquina *braille*, o mesmo afirma que além de ter que aguentar o barulho, terá que ficar a todo instante ajudando o personagem com deficiência visual. O comentário hostil, também é direcionado para Giovana que ao tentar defender o amigo, recebe o apelido de “cão guia”.

O olhar para o indivíduo com deficiência como alguém infantil é muito comum, porque em geral, relacionam-se à dependência aspectos como a imaturidade emocional e a infantilidade (SCHOR, 2005; SCHWIER; HINGSBURGER, 2007). Do mesmo modo que a visão de dependência da pessoa com deficiência é reafirmada, igualmente, analisamos a relação de poder no grupo de adolescentes,

pois a tentativa de depreciar Leonardo e Giovana e um mecanismo de manutenção da posição de favorecido, de liderança.

Para Goffmann (1988), a identificação do indivíduo como um ser desviante, em função de seus atributos físicos ou cognitivos pessoais, determinará negativamente os demais atributos que lhe caracterizam como um ser estigmatizado, influenciando decisivamente no desenvolvimento de sua identidade pessoal. A influência gera para o ser estigmatizado a crença de que ele próprio não possui possibilidades de vivenciar o que lhe cabe, transformando-o em um ser estático, inerte. Em contrapartida aos atributos físicos e cognitivos pessoais que são impostos a Leonardo, nota-se a percepção do personagem em romper os paradigmas sociais e a garantia da sua autonomia.

As problemáticas se ampliam na medida em que o personagem Gabriel se aproxima de Leonardo, gerando ciúmes em Giovana. A dimensão da relação aumenta na medida em Gabriel conhece a rotina de Leonardo, compreende suas limitações e se adapta a elas como, por exemplo: guiar nos ambientes abertos, descrever cenas e assentir parceria nas atividades escolares. A aproximação dos personagens pode ser compreendida a partir de um sistema de valores, no qual o desconhecimento constrói socialmente a representação da pessoa com deficiência, em geral com características depreciativas.

A forma como a relação entre Leonardo e Giovana, Leonardo e Gabriel é representada no filme, rompe com o mito de que a pessoa com deficiência não pode ou não deve ser desejada, pelo contrário há nessa triangulação uma disputa interna para quem se mantém mais próximo de Leonardo. Neste sentido, Amaral (1998) faz comparação sobre essa percepção do mito

Quanto aos *mitos* penso que o profundo abismo que separa o mito da realidade pode ser simbolizado como os fossos repletos de crocodilos dos castelos medievais. Brincando com a ideia, tenho nomeado esses hipotéticos crocodilos de preconceitos, estereótipos e estigma. (AMARAL, 1998. p. 16).

Os crocodilos que circundam a vida de Leonardo são expostos no filme na mesma proporção que este constrói mecanismos de superação da dificuldade. Amaral (1998) usa da simbologia para compreender a superação do preconceito, do estigma e do estereótipo a partir da construção de pontes, ou seja, sabe-se que os crocodilos estão no fosso, mas constituem-se estratégias para avançar as etapas de maneira segura e confiável.

O rompimento do mito parte também a partir do conhecimento do cotidiano e a desconstrução da representação, de modo que para Kaufman, Silverberg e Odette (2003) e Puhlmann (2000), o fato de você ter uma parte do corpo não funcional, de você precisar de algum tipo de auxílio e ajuda em função de sua deficiência antes de dar e receber prazer pode torná-lo degradante e pouco erótico aos demais, mas não impede os vínculos amorosos e sexuais.

Porém, a abordagem goffmaniana sustenta que a convivência não dirime totalmente o preconceito das relações, pois continuam existindo previsões socialmente constituídas por meio das categorias nas quais somos todos “encaixados”. Tais expectativas são sempre relembradas quando entramos em contato com alguém que vivencia o processo de estigmatização (GOFFMAN, 1988), o mesmo equivale ao relatar ou até mesmo representar em forma de filme, pois não se tem a real percepção até você próprio está na condição de pessoa com deficiência e/ou homossexual.

O vínculo amoroso entre Gabriel e Leonardo se estabelece e constitui a demarcação de outra diferença com a insinuação dos amigos de sala de aula de uma possível relação entre os personagens. É importante destacar que a heteronormatividade (COSTA, 1998) ocorre também em relação às pessoas com deficiência como retrata o filme, pois o estigma de assexual assinalado nestes indivíduos impossibilita pensar que uma pessoa com deficiência possa se definir gay, lésbica ou transexual.

Diante do exposto, fica claro que a sexualidade apresentada no filme toma uma dimensão que não se configura como apenas uma descrição funcional do corpo, mas se estabelece como uma densa

conexão entre a natureza subjetiva do indivíduo e o conjunto das relações sociais que o produz (MOUKARZEL, 2003).

Acerca das relações sociais produzidas Amaral (1998) destaca que para falar de diferença é necessário compreender as semelhanças, homogeneidade, normalidade e que estas agregadas a um determinado modelo social. Estes aspectos recaem nos padrões impostos sob o personagem Leonardo, bem como a maneira como os demais amigos de sala de aula se comportam diante da deficiência e da sexualidade.

As agressões atitudinais vivenciadas por Leonardo retomam a discussão anterior acerca de ser diminuído enquanto indivíduo que sente desejos, pois na cena em que o personagem está na festa, os amigos sugerem que o mesmo participe de uma brincadeira (girar a garrafa) que tem como objetivo beijar a pessoa do qual a garrafa indica após ser girada. No entanto, ao ser indicado para ser beijado, os colegas de classe se organizam para que Leonardo beije um cachorro, a situação não ocorre, pois Giovana percebe e retira Leonardo da sala. Para Amaral (1998) as atitudes estão ligadas ao preconceito que impede muitas vezes que estes indivíduos considerados diferentes vivenciem não somente seus direitos de cidadão, mas também a sua vida em plenitude.

Ao descrever a situação “constrangedora” no cotidiano das pessoas com deficiência, alguns autores (GOFFMAN, 1980; MOREIRA, 2006; OMOTE, 2004; SCHILLING; MIYASHIRO, 2008) tentam descrever o que lhes ocorre, e embora relatem o fato, jamais terão a noção real do ocorrido e do prejuízo moral que acarreta. Para Amaral (1992) seja da ótica de quem a vive, seja da ótica de quem a vê – a deficiência, do ponto de vista psicológico, jamais passa em “brancas nuvens”, ou seja, há nesse percurso desgaste psicológico, o que pode desencadear a somatização de outras questões como depressão e ansiedade.

Goffman (1988, p. 7) descreve que o estigma refere-se à “[...] situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena”, e, conseqüentemente, promove uma generalização e a desumanização da pessoa com algum tipo de diferença significativa.

No caso analisado, a dupla estigmatização poderia gerar consequências gravíssimas, no entanto o personagem a todo instante demonstra desejo de construir sua autonomia, sejam elas relacionadas ao autocuidado, o ir e vir, as questões profissionais e emocionais.

O empoderamento ao assumir a condição de pessoa com deficiência e gay foi bastante demarcado nas cenas finais quando o personagem assume para Giovana o desejo físico e emocional pelo personagem Gabriel, bem como após terem sido depreciados pelos demais colegas de classe Leonardo segura a mão de Gabriel assumindo o namoro publicamente. A atitude pode ser compreendida como um mecanismo de evitar especulações quanto à sexualidade e possíveis fofocas, assim o que era dúvida, se torna certeza. Para Goffman (1983) o mecanismo conversacional é uma forma de construção e manutenção da identidade

A conversação tem uma vida própria e levanta exigências a seu próprio favor. É um pequeno sistema social com suas próprias tendências de manter limites; é um pequeno canteiro de compromisso e lealdade com seus próprios heróis e vilões (GOFFMAN, 1982, p. 113-114).

As limitações as quais sugere Goffman compreendem ao espaço delimitado ao qual o indivíduo que é depreciado necessita estar de acordo com as relações sociais estabelecidas pelos grupos dominantes. Kieserling (1998) compreende a fofoca como representação da interação conversacional entre pessoas copresentes na qual se faz uso da moral de uma sociedade. Fofocar é uma linguagem socialmente prescrita, seu exercício representa um ato de ameaça a seus participantes (GOFFMAN, 1967).

Arelado a estes aspectos consideramos que apesar das questões estigmatizantes vivenciadas pelo personagem, a busca de autonomia e a construção de sua autoafirmação foram primordiais para que o rompimento das cercas sociais pudessem ser superadas. Para além de pensarmos a pessoa com deficiência enquanto indivíduo que sofre preconceitos, o filme retrata a deficiência visual

de forma real e agrega a questão sexualidade, de modo a refletirmos sobre os desejos que são inerentes do ser humano.

Considerações finais

A partir do que foi proposto, este trabalho analisou as questões referentes ao personagem Leonardo, isso possibilitou perceber as problemáticas vivenciadas por um jovem com deficiência físico e homossexual na busca da construção da sua autonomia, considerando as barreiras sociais que são produzidas historicamente.

Problematizar esta questão permitiu não somente vislumbrar as barreiras relacionadas à deficiência ou homossexualidade, mas compreender o contexto social do qual o personagem estava inserido que apesar de pertencer a um grupo social privilegiado financeiramente, não lhe isentou de sofrer do preconceito do quais os que são estigmatizados passam.

Indiferentemente de classe social, a percepção do outro enquanto estigmatizado perpassa pela falta de conhecimento, pela necessidade de colocar e nos colocarmos em caixinhas a fim de definir as características e/ou diferenças. Este mecanismo nos sugere que socialmente é inevitável não realizar esta demarcação, pois tudo isso faz parte de um sistema de relações de poder.

A demarcação da diferença na verdade surge como um aparelhamento da manutenção do privilegiado sobre o diferente. É nesta estratégia que historicamente se mantém os discursos, as representações, os mitos acerca dos que não se encaixam dentro dos padrões que são socialmente produzidos, por esse motivo estas demarcações não podem ser consideradas como algo comum, precisam ser discutidas constantemente, no sentido de cada vez mais problematizarmos e repensarmos o modelo social excludente do qual fazemos parte. Para, além disso, o sofrimento causado pela exclusão e depreciação causa perdas irreparáveis psicologicamente falando, em função disso a necessidade de se discutir pesquisar sobre torna-se fundamental no sentido de romper as reproduções acerca da pessoa com deficiência e sua sexualidade.

Outra questão que não é abordada no filme é referente a importância do acompanhamento psicológico para compreender as diferenciações e a busca constante de mecanismos de superação das barreiras, outra questão se refere ao fato de que no filme também não aborda nenhum acompanhamento familiar ou pedagógico, questão que precisa ser analisada e levada em consideração.

Apesar de se tratar de uma reprodução audiovisual, destacamos a relevância de filmes e pesquisas que tratem sobre o assunto, pois falar de sexo, sexualidade, homossexualidade, transexualidade ainda é complexo, gera desconfortos e em geral se evita. O interessante que se trata de uma situação que é inerente da condição humana, mas ainda sim há um distanciamento sobre a temática que pode estar relacionado à religião, perversão, dentre outros sinônimos.

Diante das problematizações, esperamos poder contribuir com mais trabalhos que visualizem a condição em que pessoas com deficiência são submetidas a fim de se encaixarem nos padrões, bem como se ampliem as discussões no sentido de abarcar não somente as limitações relacionadas a pessoa com deficiência, mas direcionadas a sexualidade e/ou especialmente a homossexualidade, temática ainda pouco comum em pesquisas acadêmicas.

Referências

AMARAL, L Assumpção. **Espelho convexo**: o corpo desviante no imaginário coletivo, pela voz da literatura infanto-juvenil. 1992. 441f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

AMARAL, L. **Sobre crocodilos e avestruzes**: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Diferenças e preconceitos na escola**: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998. p. 11-30.

ANDERSON, O H. Doing what comes naturally? – dispelling myths and fallacies about sexuality and people with developmental disabilities. Illinois/ USA: High Tide Press, 2000.

COSTA, J. F. **Sem fraude nem favor:** estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DANIELS, S. M. **Critical issues in sexuality and disability.** In: BULLARD, David G.; KNIGHT, Susane. (Orgs.). Sexuality & physical disability: personal perspectives. Missouri/ USA: Mosby Company, 1981, p.5-17.

DENARI, F.E. **Adolescência & deficiência mental:** desvendando aspectos de afetividade e sexualidade. In. MARTINS, A. R.S. et al.(Org.). Inclusão: compartilhando saberes. Petrópolis: Vozes, 2006.

GOFFMAN, E. **Interaction Ritual:** Essays on face to face behavior. New York: Pantheon Books, 1982.

_____, E. **The Interaction order.** American Sociological Review. 1983.

_____, E. **A representação do eu na vida cotidiana.** 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____, Ervin. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988. 158p.

_____, E. **Manicômios, prisões e conventos.** São Paulo: Perspectiva, 1992.

HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO. Direção de Daniel Ribeiro. São Paulo: Lacuna filmes. 2014. 1DVD(96 min).

KAUFMAN, M.; SILVERBERG, C.; ODETTE, F. **The ultimate guide to sex and disability** – for all of us who live with disabilities, chronic pain e illness. 2. ed. Califórnia/USA, Cleis Press, 2003.

KIERSERLING, A. **Klatsch:** Die moral de Gesellschaft in der interaktion unter anwesenden. Soziale systeme, 1998, p.387-411.

MAIA, A. C. B. **Reflexões sobre a educação sexual da pessoa com deficiência.** Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v.7, n.1, p.35-46, 2001.

MOREIRA, V. Estigma: “Minha doença é invisível”. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 2., 2006, Belém. **Anais eletrônicos...** Belém: UFPA, 2006. Disponível em: <http://www.psicopatologiafundamental.org.br/uploads/files/ii_congresso_internacional/mesas_redondas/ii_con._estigma.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

MOUKARZEL: M. G. C. **Sexualidade e Deficiência**: Superando estigmas em busca da emancipação. Universidade Estadual de Campinas. 2003

NEVES, T. R. L. **Educar para a cidadania: promovendo a auto-advocacia em grupos de pessoas com deficiência**. 2005. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.

OMOTE, S. Estigma no tempo da inclusão. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, SP, v. 10, n. 3, p. 287-308, 2004.

PICCOLO, G. M.; MENDES, E. G. **Dialogando com Goffman**: contribuições e limites sobre a deficiência. *Poiesis Pedagógica* - V.10, N.1 jan/jun.2012; pp.46-63

PUHLMANN, Fabiano. **A revolução sexual sobre rodas**: conquistando o afeto e a autonomia. São Paulo: O Nome da Rosa, 2000.

SCHILLING, F.; MIYASHIRO, S. G. Como incluir? O debate sobre o preconceito e o estigma na atualidade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 243-254, maio/ago. 2008.

SCHOR, Marta. **La capacidad em La discapacidad- sordera, discapacidad intelectual, sexualidad y autismo**. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2005.

SCHWIER, K. M.; HINGSBURGER, D. **Sexuality-your sons and daughters with intellectual disabilities**. 3. ed. Baltimore, Maryland: Paul H. Brookes Publishing Co., 2007.

WIESER. H.P. **A produção discursiva da moral no gênero fofoca**: elementos para uma discussão micro e macrossocial da conversação cotidiana. 2009. Tese (Doutorado em linguística) - Centro de Humanidades. Universidade Federal do Ceará, Ceará.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In. SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

Sexualidade, afetividade e o Corcunda de Notre Dame¹

Geisa Cristina Batista²

Introdução

O *Corcunda de Notre Dame* é um clássico escrito em 1.830, com objetivo de registrar a arquitetura da Catedral de Paris e a arte dos anos 1.482 (HUGO, 2015). *Notre Dame*, neste romance, foi palco do encontro entre Quasímodo - o sineiro da igreja, e Esmeralda - a cigana. Essa história foi lançada no cinema, inclusive, na versão *Walt Disney*, em desenhos. Infelizmente, *Notre Dame*, como estrutura física, foi destruída, por incêndio, em 15 de abril de 2019. No entanto, Victor Hugo a eternizou, na imaginação dos leitores e as produções cinematográficas exploraram roteiros inesquecíveis.

Com o intuito de retratar a pessoa em situação de deficiência, Quasímodo é o personagem deste trabalho. Ele apresentava características que o designaria na condição de pessoa com deficiência múltipla, dadas as limitações auditivas, visuais e físicas, descritas no livro e visíveis, nos filmes. O último capítulo da obra de Victor Hugo mostra que morreu com o amor da sua vida, Esmeralda. A afetividade foi demonstrada, do primeiro ao último encontro, sendo que suas condições físicas não foram fatores impeditivos, para tanto.

Quais as possibilidades de concretização de tamanha afetividade, como a de Quasímodo e Esmeralda, no século XV? Na perspectiva social, como era percebida a pessoa em condição de deficiência? Como se manifestava a sexualidade, para pessoas em

¹ Trabalho apresentado como requisito para avaliação final do componente curricular EES265 / Estigma e Identidade Social do Deficiente, ministrado pela professora Dra. Fatima Elisabeth Denari, no Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu Em Educação Especial (PPGEEs) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

² Doutoranda do PPGEEs, turma 2019. RA 23212608. geisa.ufac@gmail.com.

condições similares a de Quasímodo? São essas as questões norteadoras deste trabalho. Deste modo, o objetivo deste trabalho foi identificar a visão social e cultural da pessoa em situação de deficiência, frente a sua sexualidade, durante o século XV.

Quasímodo e Esmeralda

Numa disputa entre a apresentação de uma peça teatral - que retrataria o conflito entre a lavoura e o clero e entre a nobreza e a mercadoria, de autoria de *Pierre Gringoire*; e a ideia de eleger o papa, proposta por mestre *Cappenole*, na festa de bufos, onde cada participante faria uma careta, dentro da moldura vazia de um espelho, vencendo o que apresentasse a mais feia, por aclamação de todos os presentes, esta última foi a vitoriosa visto a ideia ter sido dada por um expectador que, de alguma forma, representava o povo, sendo um novo comerciante de meias, entre as presentes personalidades da nobreza e do clero. Se a arte representaria a sociedade, ao povo foi providencial que a realidade se mostrasse, tal como era, ao vivo, crua, fazendo com que ele próprio fosse o protagonista do evento!

Quasímodo, o sineiro da Catedral de *Notre Dame*, foi eleito *papa*, nessa ocasião. A questão é que ele não precisou fazer a careta requerida. Surgiu na festa e, imediatamente, foi aclamado, por todos os presentes. *Clopin Trouillefou*, um dos perdedores, que, segundo o idealizador da festa, havia alcançado “a intensidade da feiura que seu rosto podia alcançar” (HUGO, 2015, p. 73), aceitou a derrota. Os comentários que qualificaram o vencedor foram: *a careta era o rosto, sua pessoa inteira era uma careta só, mau, feio, diabo, alma ruim, a mais bela feiura, vesgo, manco, corcunda, surdo, caolho, coxo, pés deformados, dentre tantos outros atributos*. Quasímodo ficou surdo devido ao som constante dos sinos, mas, segundo alguns, quando queria, falava, não era mudo. Os presentes na festa falavam que ser caolho era ser bem mais incompleto que um cego, pois tinha consciência do que lhe faltava.

Para o atributo que “sua pessoa inteira era uma careta só” (HUGO, 2015, p. 73, segue suas características, de acordo com o autor:

Uma cabeçorra espetada de cabelos ruivos. Entre os dois ombros, uma enorme corcunda cujo peso se compensava à frente. Um sistema de coxas e pernas tão estranhamente disposto que elas só se encostavam à altura dos joelhos e, vistas de frente, pareciam dois arcos de foice que se juntassem pelo cabo. Pés grandes, mãos monstruosas e, completando toda essa deformidade, uma atitude de aterrorizantes vigor, agilidade e coragem (HUGO, 2015, p. 73).

Quasímodo apresentava surdez, deficiência visual e física, com deformidades na face, na coluna vertebral, nas pernas e nos pés (HUGO, 2015). Essa figura emblemática causava, ao mesmo tempo, temor e respeito. As mulheres gestantes escondiam o rosto, devido ao saber popular que se olhasse sua feiura, poderia vir a ter um filho similar.

A segunda personagem do romance que comporá o par com Quasímodo é Esmeralda, a cigana. Cantora, dançarina, bela, egípcia, indefinível, encantadora (HUGO, 2015):

Sua voz transmitia a mesma sensação que sua dança e sua beleza. Era indefinível e encantadora. Algo, por assim dizer, puro, sonoro, aéreo, alado. Eram contínuos desabrochares, melodias, cadências inesperadas, frases simples, semeadas de notas afiadas e cortantes, com saltos na escala que deixariam tonto um rouxinol (HUGO, 2015, p. 93).

Seu canto levava *Gringoire* ao devaneio. Entretanto, na condição de cigana, Esmeralda, também, era vista como “cigarra do inferno” (HUGO, 2015, p. 94).

O encontro com Quasímodo ocorreu quando este desfilava sobre uma padiola, “de báculo, capa e mitra” (HUGO, 2015, p. 96), como o novo papa dos bufos. É importante destacar esse fato porque à época, muito se utilizava das feições de pessoas atípicas, para uma programação social. Era exatamente essa a situação pela

qual Quasímodo passava: um espetáculo de feiura, para garantir a diversão do povo.

Além de encantar Quasímodo, o sineiro, Esmeralda encantou, também, o cardeal de Bourbon, Claude Frollo - a maior autoridade da Igreja naquele local, além do poeta Pierre Gringoire, escritor das peças teatrais, exibidas durante as festividades locais. Casou-se, no entanto, para salvar um orador, condenado à força pelo pecado de *conspirações* orais que fazia, em praça pública. Caso alguma mulher se propusesse a casar com ele, automaticamente, seria absolvido. Como não apareceu ninguém, a cigana, comovida, ofereceu-se em casamento.

Na Idade Média, “a carne é culpada por todos os males e luxúrias e deve ser mortificada para a elevação nobre e moral do espírito. Em outros termos, o prazer devia ser condenado” (GONÇALVES JUNIOR, 2010, p. 14). Quando o cardeal, do alto e de dentro da Igreja, via Esmeralda, a cigana, dançar, ele se auto-flagelava, com açoites em suas costas nuas, pelos desejos que apareciam em seu corpo. Para aplacar seus pecados, o cardeal contratou alguns homens para raptarem Esmeralda. Quasímodo viu o acordo e correu, no intuito de salvá-la. Os guardas, querendo punir o sequestrador, provavelmente, a mando do cardeal, prenderam Quasímodo. O esposo de Esmeralda não conseguiu dissuadir os guardas, de que o corcunda só estava tentando ajudá-la. Quasímodo foi condenado a 50 açoites, em praça pública. Ao ouvir sobre a sentença, Esmeralda correu ao rei, informando que havia ocorrido um equívoco, porque ela era a mulher que haviam tentado sequestrar e, no caso, Quasímodo foi ajudá-la.

Quando perceberam que se tratava de uma cigana, o rei recebeu recomendações para deixar as coisas como estavam, para servir de exemplo e Quasímodo foi açoitado, em praça pública, com cinquenta chibatadas. Ciganas e pessoas *monstruosas* como Quasímodo eram desprezadas.

Em seu desespero, ele pediu água. Jogaram-lhe um pano, ao invés de atendê-lo, mas Esmeralda, com um balde, aproximou-se. Quando ele olhou para ela, esta se assustou. Na sequência, com suas mãos, formava uma concha e colocava água em sua boca. Para

tanto, ele, preso, mexia sua cabeça para cima, como se olhando para o Céu e abaixava sobre a concha, feita de mãos, chupando a água. De repente, ele ia de encontro as mãos de Esmeralda, lambendo-as. Os guardas, então, entenderam que já bastava. Soltaram Quasímodo, e, no retorno à Igreja, caiu no chão e fora acalentado pelo cardeal, num abraço. Quasímodo chorou.

A impressão, dessa cena, era que o cardeal estava punindo a si mesmo, em Quasímodo e, ao mesmo tempo, satisfazia-se, punindo Quasímodo, pela traição de ter ido ao encontro de Esmeralda, para salvá-la, quando ele próprio teria sido o sequestrador. Quasímodo, entretanto, demonstrou, na cena que, além de aplacar seu sofrimento, aqueles *goles* de água, quando erguia a cabeça, acalmava a sua sede, e, depois, suas ações passaram a ser algumas *lambidas* nas mãos de Esmeralda, que acabou lhe proporcionando certo prazer e sorriso.

D'Andrea (2002, p. 57), em *Crônicas de Cinema*, discorreu sobre o masoquismo do ator *Charles Laughton*, ao interpretar Quasímodo: "Sua busca de autoflagelação é notória. Quando é surrado em praça pública, não chora nem grita, aceita a punição estoicamente". Pessoas *monstruosas* e *disformes*, tais como Quasímodo se apresentava, entendiam que era desígnio de Deus e que, portanto, mereciam aqueles tipos de punições.

Em determinado momento do filme, o cardeal coloca a vida e a morte diante de Esmeralda:

Cardeal: Tentei tirá-la da minha mente. Eu tentei fazer a vontade de Deus, mas a sua imagem está gravada no interior de minhas pálpebras, como se eu tivesse olhado muito tempo para o Sol. Foi quando resolvi que devo tê-la ou devo livrar-me de você (dublagem em língua portuguesa).

Ele a desejava tanto, que deu a ela apenas duas opções: ou seria dele ou seria enforcada. Ela preferiu a força e, fugindo, deixou cair seu punhal. Por meio desse punhal, esse homem prepotente conseguiu condená-la à força, matando um dos sábios do rei que estaria impedindo as negociações com a prensa de escrever.

Seu marido tentou salvá-la, mas não conseguiu. Quasímodo, por meio de uma corda, surgiu, como um herói, salvando-a e gritando “Asilo” (HUGO, 2015, p. 438). Ele a levou para o alto da torre da Igreja, onde ficavam os sinos. O povo começou a gritar com ele “Asilo!” (HUGO, 2015, p. 438). Os algozes da cigana ficaram injuriados com a situação, porque “A catedral era um lugar de refúgio. Toda justiça humana expirava à sua entrada” (HUGO, 2015, p. 439). Ou seja, lá não seria permitido entrar, para capturá-la.

Esmeralda se vê com Quasímodo lá no alto. O autor do texto, Hugo (2015, p. 439) relata um momento ímpar de Quasímodo:

Mantinha a jovem ainda palpitante suspensa em suas mãos calosas, como uma trouxa de panos brancos, mas fazia isso com tanto cuidado que parecia temer quebra-la ou fazer-lhe mal. Era como se ele sentisse ser uma coisa delicada, extraordinária e preciosa, feita para outras mãos e não as suas. Às vezes, dava a impressão de não se atrever a tocá-la, nem com um sopro. Depois, subitamente apertou-a nos braços, no seu peito anguloso, como um bem pessoal, um tesouro, como faria a mãe daquela criança. O olho de gnomo, baixado para ela, a inundava de ternura, dor e piedade, mas bruscamente se alçava, relampejante.

Quasímodo cuidava de Esmeralda, como um bem precioso, quase que inalcançável, mas, ao mesmo tempo, teve tempo de abraçá-la, afetuosamente. Pela descrição do autor, ele a apertou em seus braços, como faria a mãe daquela criança. Sabendo-se que fora abandonado, na frente da Igreja, pode-se ponderar que se tratava de um resgate de sua própria vida: quando não se encontrou quem o salvasse, a Igreja o abraçou. Assim ele estava fazendo com a cigana: salvando-a, embalando-a em seus braços, como gostaria que fizessem com ele, levando-a a salvo, na torre da igreja, local em que fez sua morada.

Esmeralda sentia por Quasímodo, “ternura, dor e piedade” (HUGO, 2015, p. 439). Ao mesmo tempo que sua feiura poderia assustá-la, naquele ato, havia se tornado seu herói, fazendo com que sentisse toda a ternura que sente um ser humano, ao ser

cuidado, como ela estava sendo. Ele era o herói do dia, para o povo, era o herói da vida de Esmeralda. Se não fosse sua coragem, saltando com cordas, como um príncipe, para salvá-la, nesse momento, ela já não existiria. Piedade! Piedade para a feiura! Piedade para a figura disforme, caolha, corcunda!

Mulheres riam e choravam, a multidão fervilhava de entusiasmo, pois, naquele momento, Quasímodo realmente mostrava uma beleza própria. Era belo o órfão, a criança abandonada, o rebotalho. Sentiu-se augusto e forte, olhando de frente aquela sociedade que o banira e junto a qual ele acabava de intervir de forma tão poderosa, aquela justiça humana da qual havia arrancado a presa, obrigando todos aqueles tigres a mastigar no vazio, aqueles esbirros, juizes, carrascos, toda a força do rei que ele acabava de quebrar, ele que era ínfimo, com a força de Deus. Além disso, era comovente aquela proteção, vinda de um ser tão disforme, aplicava a um ser tão infeliz, uma condenada à morte salva por Quasímodo. Duas miséries extremas da natureza e da sociedade que se descobriam e se entrelaçavam (HUGO, 2015, p. 441).

Por suas ações heroicas, tornou-se belo, augusto e forte. Encarou a sociedade e a trouxe para si, pois o apoiou, em seu ato. Ambos, Esmeralda e Quasímodo eram exemplares humanos de pessoas excluídas socialmente da humanidade, por suas características culturais e físicas, respectivamente. Entretanto, a união dos dois destruiu os argumentos sociais que separam pessoas do convívio coletivo.

Pessoas se conectam e ajudam-se, mutuamente, quando são lançadas à margem. Assim ocorreu com os dois. No extremo dos atos de Quasímodo, ele pôde receber a ternura em seus braços e abraçá-la em seu peito, enquanto que ela apartou a deformidade de sua face e pôde contemplá-lo com ternura. Quantas mulheres não estão à procura de seus heróis? O príncipe encantado havia chegado, com seu braço forte, tirando-a das garras do lobo mau, o arcebispo, o padre, o cardeal, o representante de Deus, na Terra, pela igreja Católica, naquele povoado!

Para ilustrar o diálogo dos dois, na torre, protegidos da justiça humana, alguns fragmentos da cena:

Ela se lançou fora do cubículo e correu até ele, segurando-lhe o braço. Ao sentir o contato, Quasímodo tremeu da cabeça aos pés. Ergueu o olho suplicante e, vendo que não era afastado, todo seu rosto brilhou de alegria e ternura. A jovem puxou-o de volta à cela, mas ele fincou o pé, sem entrar: “Não, não – explicou. – O mocho não entra no ninho da cotovia”. A cigana então sentou-se com graça sobre o colchão [...]. Permaneceram ambos alguns instantes parados, admirando em silêncio, ele tanta graça e ela tanta feiura. A cada instante, a jovem descobria em Quasimodo uma deformidade nova. Seu olhar percorria dos joelhos tortos às costas encalombadas, das costas encalombadas ao olho único. Não conseguia entender como podia existir um ser tão desastrosamente constituído. Mas sobrepunham-se nele tanta tristeza e doçura, que ela começava a se acostumar (HUGO, 2015, p. 460).

Quando a sociedade, na figura da cigana, olha para as qualidades diferentes de pessoas atípicas, rapidamente, se houver um encontro afetivo, acostuma-se, como aconteceu com Esmeralda.

Foi ele o primeiro a romper o silêncio:

-- Então o que dizia era que eu voltasse?

Ela confirmou, com um gesto da cabeça:

-- Foi.

Ele entendeu.

-- Que pena... – explicou, hesitante, -- Sou surdo.

-- Pobre homem! – exclamou a boêmia, com uma expressão de afetuosa piedade.

Quasímodo sorriu dolorosamente.

-- Só faltava isso, não é? Mas sou surdo. Faz parte de mim. Horrível, não acha? E você, tão bonita!

[...]

-- Nunca me dei conta, como agora, da minha feiura. Quando me comparo a você, tenho realmente pena de mim, pobre infeliz monstro que sou! Devo lhe parecer um bicho. Enquanto você é um raio de sol, uma gota de orvalho, um canto de passarinho, sou uma

coisa horrível, nem homem nem animal, um não-sei-o-quê mais duro, mais chutado e mais disforme do que uma pedra!

[...]

-- Pois é, sou surdo. No entanto, pode vir a me dizer coisas por gestos, por sinais. [...] logo saberei o que quer pelo movimento dos seus lábios, pelo olhar.

-- Então, diga por que me salvou – falou ela, com um sorriso.

Enquanto ela falava, ele observava atentamente.

-- Entendi – respondeu. – Pergunta por que a salvei. Esqueceu-se de um miserável que tentou raptá-la uma noite, um miserável a quem, no dia seguinte, você socorreu, no infame pelourinho. Uma gota d'água e alguma piedade é algo pelo que eu pagaria com a vida. Esqueceu-se desse miserável, mas ele não.

Ela o ouvia com profunda ternura. Uma lágrima brilhou no olho do sineiro, mas sem escorrer. Pareceu ser ponto de honra, para ele, engoli-la.

-- Ouça – continuou, ao se sentir seguro de que a lágrima não escaparia -, temos duas torres altas o suficiente e alguém que caia lá de cima morre antes de chegar ao chão; se quiser que eu me jogue, não precisa nem dizer, um simples olhar basta (HUGO, 2015, p. 460-461).

De acordo com o filme, em todas as ocasiões que ele falava com ela, usava sua mão para tampar seu olho direito, para que sua deformidade não fosse vista. Ela tocou sua face, com suas duas mãos, para conversar. Ele suspirou, agradecendo e falou: “Você está salva, aqui”.

Quasímodo escreveu um livro, denunciando os acontecimentos de pessoas desaparecendo, naquela cidade e entregou ao orador, dizendo que Esmeralda só falava dele. Percebe-se, nesse acontecimento, que se poderia estar tratando de uma pessoa que apresentava dupla excepcionalidade (RANGNI; MASSUDA; COSTA, 2017), ou seja, Altas Habilidades/ Superdotação (AHSD) associada à Deficiência Múltipla, pois, para a época, um livro de seiscentas páginas, quando, ainda, o cardeal estava negociando o desenvolvimento tecnológico com o rei, por meio do uso de prensa para a escrita. O orador, esposo de

Esmeralda, conseguiu distribuir por toda a Paris, panfletos, denunciando os abusos cometidos pelo cardeal.

O filme retrata que a cigana não foi enforcada porque o cardeal, sob pressão de Quasímodo, confessou ter ele cometido o crime. O livro, no entanto, registra que a cigana foi enforcada:

Quasímodo então voltou o seu olho para a egípcia, cujo corpo via pendurado no patíbulo, com os últimos tremores da agonia sob o vestido branco. Em seguida, voltou-se para o arquidiácono estendido sob a torre, já sem qualquer forma humana. Com um soluço que ergueu seu peito profundo, ele suspirou: -- Ah, tudo que amei! (HUGO, 2015, p. 617).

Quasímodo sofreu fortes emoções, num único dia, no qual aquele que considerava seu pai, morrera, empurrado por ele mesmo, da torre da igreja, e a força da mulher que o encantou e o tratou com atenção, estabelecendo um diálogo afetivo com ele, talvez a única mulher que se permitiu, dadas as circunstâncias, é verdade, mas a arte fez acontecer esse momento afetivo.

No filme Quasímodo morreu, falando à Esmeralda: . “por que não fui feito de pedras, como elas?”, referindo-se às esculturas, enquanto que o livro tem, como subtítulo: “Casamento de Quasímodo”:

Acabamos de dizer que Quasímodo havia desaparecido de Notre Dame no dia da morte da egípcia e do arquidiácono. De fato, não foi mais visto nem se soube o que fez. [...] Cerca de dois anos, ou uns dezoito meses [...] encontraram, entre tantas carcaças horríveis, dois esqueletos que chamavam a atenção, pois um curiosamente abraçava o outro. Num dos esqueletos, o de mulher, restavam ainda alguns farrapos de um vestido que um dia foi branco e no pescoço havia um colar de grãos de falso-plátano com um saquinho de seda, enfeitado com miçangas verdes, aberto e vazio. [...] O outro, que estreitava o primeiro nos braços, era um esqueleto de homem. Podia-se ver que tinha a coluna vertebral com forte desvio, a cabeça enfiada entre as omoplatas e uma perna mais curta do que a outra. Não apresentava, além disso, ruptura de vértebra na nuca, evidenciando que não fora

enforcado. O homem a quem aqueles ossos haviam pertencido, então, viera até ali, e ali morrerá. Quando quiseram separá-lo do esqueleto que ele enlaçava, ele se reduziu a pó (HUGO, 2015, p. 621).

Esse *saquinho de seda* encontrado no pescoço daquele esqueleto feminino demonstra ser de Esmeralda. Em capítulos anteriores, houve registros de que, quando Quasímodo a deixou protegida na igreja, local em que a justiça não poderia entrar para que cumprisse sua pena, o esposo de Esmeralda, juntamente com o cardeal seduziram-na para que os acompanhassem, em local mais protegido. Na verdade, seu esposo fora enganado pelo cardeal, que usava um capuz para não ser identificado por Esmeralda, e quando este se viu só com a cigana, possibilitou-lhe escolher entre a força e o entregar-se em seus braços. Com a negativa da cigana, ela foi colocada numa cela, juntamente com outra senhora, que odiava egípcias porque dizia que foram egípcios que subtraíram sua filha dela, ainda bebê. O sapatinho de bebê que estava escondido naquele saquinho de seda foi a prova de que se tratava de mãe e filha, juntas. A senhora teve que ser empurrada para que pudessem levar sua filha para a força. Nesse trágico momento, bateu com a cabeça e faleceu, ali, exatamente no mesmo dia que conseguiu localizar sua própria filha. Segundo a senhora, ela tinha uma propriedade, longe dali e levaria sua filha para, juntas, viverem em paz. Não houve tempo.

Depreende-se que a afetividade de Quasímodo foi fortemente abalada, quando viu a mulher que o despertou para a afetividade, sexualidade e identidade agonizando seus últimos suspiros, na força. Sua identidade desperta pôde ser compreendida, quando o cardeal, considerado por ele seu pai, chamou-o de “monstro” e ele não aceitou mais ser assim chamado, afirmando ser um homem.

É perfeitamente possível, na arte, entender que ele, ao ver seus únicos amores da vida falecerem, no mesmo dia, não suportar mais a vida e vir a falecer, também, protegendo e amando aquela que o despertou, descobrindo-se homem, dotado de sentimentos, afetividade e impulsos sexuais.

Deparar-se com uma escultura de pedra e perguntar-se, como Quasímodo, o porquê não ser feito de pedra, como ela é uma questão que muitos, ainda neste século XXI, podem se fazer, diante dos laços inebriantes do amor, ou da paixão.

Isso porque o amor é como uma árvore, cresce por si só, lança profundas raízes por todo o nosso ser e muitas vezes continua a verdejar, mesmo num coração em ruínas. E o inexplicável é que quanto mais cega a paixão, mais tenaz. É sem se apoiar em razão alguma que ela é mais firme (HUGO, 2015, p. 462).

O amor de Quasímodo era via de mão única. Não havia reciprocidade, mesmo assim, existia. Era um ser humano, a despeito de todas as suas condições físicas, era dotado de capacidades para sentir as mesmas emoções que todos sentiam.

Ele constatou algo que o fez ficar assim resignado a sua feiura: “Miséria! É só o que conta, ser bonito por fora!” (HUGO, 2015, p. 466), quando viu Esmeralda chamar, da torre, por seu amado, que se encontrava passando próximo à Catedral. Ao oferecer-se para chamá-lo até ela, ele o encontrou nos braços de outra mulher. A cena de felicidade e beleza que viu fez com que contemplasse com amargor porque “Afinal de contas, a natureza não era muda no pobre coitado e sua coluna vertebral, por mais horrivelmente torta que fosse, não se agitava menos do que qualquer outra (HUGO, 2015, p. 468-469), ou seja, a cena o despertou para as paixões da carne. Ao retornar à torre, no entanto, mentiu a sua amada, dizendo não ter encontrado o amado dela, para que, assim, somente ele sofresse, cuidando até dos sentimentos de frustrações dela.

Corpo fora dos padrões normalizadores

Como se pôde observar, não importa a condição física da pessoa. Ainda que apresente condições limitantes e desviantes dos padrões considerados homogeneizadores da sociedade, qualquer

ser humano é, essencialmente, humano, ou seja, apresenta-se com um corpo, uma alma e um espírito.

Com o advento do Cristianismo, a sociedade foi levada a não mais sacrificar crianças que nasciam com deformidades físicas visíveis. Na Idade Antiga, pela necessidade de formação de guerreiros e atletas, era recomendável o sacrifício. Na Pós-Modernidade, alguns povos que vivem em aldeias, por questões culturais, ainda continuam com esses métodos.

Quasímodo foi um bom exemplo do que se sucedia, naquele século, na Europa: crianças em situação de deficiência eram colocadas à margem da sociedade. No caso dele, fora abandonado na frente da Igreja e o seu representante maior, num ato de *bondade e caridade*, que se supunha compor a personalidade dos religiosos, deu a ele teto, na condição que não aparecesse, nunca, diante da sociedade. Resultado: ficou surdo, com o som dos sinos que fora designado tocar. Era *corrigido*, por meio do chicote, quando as atitudes do seu corpo aspiravam punições. O corpo! A língua, os olhos, as mãos, o dorso espinhal, os órgãos internos e externos e os pés compõem o corpo, sendo que a alma está atrelada a ele, com aspirações, devaneios e desejos.

A sociedade impõe, mas, no caso específico de Quasímodo, mesmo com apenas um olho e até mesmo pelo fato de estar sempre sozinho, desenvolveu a observação social, percebendo sumiço de pessoas pelas mais variadas atrocidades da própria Igreja, sua casa e único lugar autorizado a frequentar, embora, escondendo-se para que as pessoas não vissem sua *monstruosidade*. Monstro era o nome que o próprio cardeal o designou, em determinada conversa, para que Quasímodo pudesse se colocar em *seu lugar*, ou seja, calado. No entanto, calado ele não ficou porque aprendeu (sozinho?) a escrever e conseguiu que se publicassem panfletos sobre os casos que circulavam ao redor da Igreja. Seu livro era composto por seiscentas páginas.

Considerando-se que o Renascimento surgiu no século XIV, no fim da Idade Média, havia uma transição de pensamento sobre o ser humano, mas o romance retrata a história da própria igreja.

Então, supõe-se que as concepções religiosas estavam bem marcantes, no contexto. Assim, o corpo deveria ser sacrificado, para que a alma fosse salva. “A carne é culpada por todos os males e luxúrias e deve ser mortificada para a elevação nobre e moral do espírito. Em outros termos, o prazer devia ser condenado” (GONÇALVES JUNIOR, 2010, p. 14).

Quasímodo estava tão acostumado com o contexto que não se importou em levar cinquenta chibatadas, sem reclamar injustiça; falou à própria Esmeralda que se ela quisesse, por meio de um único olhar, devido a sua feiura, ele se lançaria torre abaixo, para despencar aquele corpo amedrontador nas ruas de Paris; constatou que o objeto do seu desejo, a cigana, amava um homem que ele próprio o viu acariciando outra mulher, que o fez reclamar sua feiura, percebendo que essa qualidade o desqualificava para encontros amorosos; nessa mesma cena percebeu seu corpo e sua corcunda se movendo em desejos; ao conversar com Esmeralda, sua afetividade, sexualidade e identidade foi desperta a ponto de confrontar o cardeal, afirmando ser um homem e não mais um monstro.

Na Idade Média, pessoas que não apresentavam as condições ideais eram afastadas do convívio social, ora por piedade, mas com o merecido castigo que as próprias características do nascimento denunciavam. Em alguns casos (ou muitos), pessoas que fugiam dos padrões eram queimadas na fogueira, por estarem impedindo a ordem, a normalidade, por serem incompreendidas em suas ações e reações frente aos processos educativos inseridos na sociedade. Por ter sido um período mais longo, durante esse interim, encontrou-se anjos inseridos na sociedade, regalando-se junto a reis. Quem os tinha por perto, era bem-aventurado, pelos Céus. Óbvio que tais emissários dos Céus tinham posses na Terra. Os desprovidos, sequer eram contados, dentre os cidadãos (PESSOTI, 1984).

Nos termos da época, dementes e amentes eram seres diabólicos. Certamente, pessoas que não executavam suas práticas produtivas, políticas e simbolizadoras (SEVERINO, 2012) de acordo com os padrões sociais foram nomeadas “selvagens”,

“cretinas”, “imbecis”, “idiotas”, dentre outras, no meio da Medicina (PESSOTI, 1984).

O que se pôde compreender, em *O corcunda de Notre Dame* é que o corpo, qualquer corpo, pulsa sangue, pulsa vida, pulsa desejos, apresenta tatuagens, que são as marcas impostas durante sua formação, desenvolvimento e existência.

O corpo: sede da sexualidade e da afetividade

Quasímodo trouxe à memória que pessoa com deficiência não é assexuada e nem ausente de afetividade, como o senso comum impetrou, na sociedade. Percebe-se que houveram alterações no pensamento social, no que tange à internalização psíquica do conceito sobre pessoa em situação de deficiência.

Na Idade Média, a sociedade conseguiu exaltar, positivamente, outras características de pessoas em situação de deficiência, num jogo para superar a condição limitante. No caso de Quasímodo, ao salvar Esmeralda da forca, foi aclamado herói, pelos presentes. Reportando-se ao estereótipo de herói, AMARAL (1998, s/p) declara: “cabe sempre o papel daquele que supera todos os obstáculos, ultrapassa todas as barreiras, é “o bom” - corporificação do bem - e até mesmo o melhor”. Num momento de festa, Quasímodo: o feio; numa solenidade de enforcamento, Quasímodo: o herói!

Amaral (1998) dispôs sobre como a sociedade correlaciona a pessoa, de acordo com certa lógica. Assim, o *contágio osmótico* surge como no exemplo da obra em questão, na qual as mulheres gestantes não olhavam para Quasímodo para que seus filhos não nascessem contagiados por sua feiura e seu aspecto físico disforme, que trata do medo e pavor da contaminação pelo convívio, como se a deficiência fosse transmitida como o corona vírus!

Os mecanismos de defesa, acionados pelas pessoas para manter o equilíbrio intrapsíquico, podem ser conferidos, também, na obra, diante das diferenças significativas. Esse foi tema de discussão em Amaral (1998), que se consegue relacionar em *O corcunda de Notre Dame*. Há o

mecanismo de compensação, quando a sociedade compensa a condição limitante por outra, que possibilita destacar a pessoa em situação de deficiência, positivamente. O fato dele ser aclamado herói, pode ser um exemplo. Ele foi castigado por ser quem era, por, possivelmente, ter intencionado sequestrar Esmeralda; foi eleito a *careta mais feia* da festa, sem necessidade de fazer careta; mas, a despeito de tudo isso, de ser surdo, deficiente físico, *caolho*, teve uma atitude de homem forte, para salvar, da injustiça, a cigana. Era feio e disforme, mas forte e herói, dotado de “vigor, agilidade e coragem” (HUGO, 2015, p. 75).

Existe o mecanismo de defesa de *atenuação*, quando se observa que o indivíduo não tem um olho, mas *que bom porque* poderia não ter os dois. No caso do contexto da obra, a sociedade era mais perversa: “Um caolho é bem mais incompleto do que um cego, pois sabe o que lhe falta. (HUGO, 2015, p. 77). Amaral (1998) retratou a sociedade da Pós-Modernidade, na qual se utiliza o mecanismo de defesa para atenuar o que se entende limitante. Comparando-se a Idade Média com a atual, pode-se ponderar que a sociedade está mais compreensiva, amadureceu o pensamento sobre a condição de pessoas tais como Quasímodo, pois já se atenua o que lhes falta.

É possível observar, na correlação entre o texto de Amaral (1998) e Hugo (2015), sobre os mecanismos de defesas utilizados pela sociedade, que certas questões permanecem imóveis, enquanto que outras adquiriram relevantes alterações. O *contágio osmótico* ainda se faz presente, no senso comum, mas já se busca *atenuações e compensações*, que não foi possível observar, na obra de HUGO (2015).

Quanto a questões relacionadas à sexualidade, Maia (2006, p. 40) traz os argumentos, utilizados pela sociedade, que “pessoas com deficiências ou doenças crônicas têm sido consideradas infantis e inocentes e, portanto, seres assexuais. É como se a vida sexual somente fosse possível às pessoas saudáveis”. Os comportamentos sexuais são considerados, sob o ponto de vista da aprendizagem, relacionados à vida familiar, comunitária, escolar e grupos afins, segundo a autora.

É possível, por meio desse entendimento, relacionar o pensamento coletivo social sobre o tema e as experiências

individuais de afetividade e sexualidade dessas pessoas, pois querem e precisam ser tratadas, socialmente, como seres humanos e não ora como heróis, ora demônios, como eram designados em épocas históricas anteriores.

Abusos sexuais e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são frequentes nos relatos de pesquisas com adolescentes que apresentam deficiência (MAIA, 2006). Nesse sentido, a autora destaca a importância da educação sexual e discussão de temas sobre abuso e contracepção. Por outro lado, é importante ponderar sobre a necessidade de inclusão da discussão referente aos prazeres que podem advir da vida afetiva e sexual, separadamente, ou afetivo-sexual, conjuntamente.

A sexualidade é de extrema relevância, na construção da identidade, pois elabora o autoconceito, individualmente, nas pessoas. Entretanto, o senso comum faz com que se pense nela, apenas com referência aos impulsos sexuais. Ela engloba muitos aspectos:

Sexualidade corresponde à soma de impulso sexual, ato sexual e todos os aspectos da personalidade envolvidos na comunicação e no relacionamento interpessoal: diálogos, atividades e interesses partilhados e outras formas de expressar afeto e amor. A sexualidade engloba atitudes e comportamentos masculino e feminino de uma pessoa nas suas relações com o mundo (MAIOR, 1988, p. 16 *apud* MAIA, 2006, p. 175).

É oportuno expressar uma definição da temática, para destacar tão ampla é, na formação identitária dos seres humanos, que excede à atividade sexual:

Em outras palavras, a sexualidade não é somente o desejo ou o ato do intercurso sexual, mas uma identidade sexual individual. A sexualidade tem sido descrita como um autoconceito individual, moldado pela personalidade e expresso em sentimentos, atitudes, crenças e comportamentos sexuais manifestados por meio de uma orientação sexual heterossexual, bissexual ou transexual (BLACKBURN, 2002, p. 2-3 *apud* MAIA, 2006, p. 175).

Em relação a essa definição, seria válido acrescentar a orientação sexual homoafetiva, que não foi citada.

Com base no entendimento amplo a respeito da sexualidade, no indivíduo, retorna-se à obra de *O corcunda de Notre Dame*. Considerando-a como um autoconceito individual, é possível identificar a autoimagem que Quasímodo fazia de si próprio: uma pessoa disforme, monstruosa, que devia ser excluída do convívio social, devido a especificidade de suas deformidades, monstruosidade e feiura. Relaciona-se essa autoimagem a não se aceitar como homem digno de, sequer, ter um romance. Esse dado é refletido quando foi procurar o amado de Esmeralda e, encontrando-o nos braços de outra mulher, reclamou de sua própria feiura, que o inabilitava a concorrer pela atenção da cigana e, ao mesmo tempo, sentiu pulsações sexuais, pela cena de carícias que presenciou.

O filme finda e o livro apresenta algumas cenas de Quasímodo conversando com Esmeralda, mas se percebeu que, após ser tocado em sua face disforme pelas duas mãos de sua amada, foi capaz de discordar do seu algoz, o cardeal, quando este o chamou de *monstro*. Sua resposta foi que se tratava de um *homem* e não de monstro!

Em Maia (2006) chamou-se a atenção que a construção da imagem corporal resulta de construção de representações complexas constantes, e, portanto, faz-se historicamente, por meio das percepções e experiências individuais. Qualquer indivíduo passa por experiências que poderá conotar aceitação, rejeição e amor com e dentro do seu próprio corpo (AMARAL, 1998)

Em Foucault (2019, p. 115):

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

Vê-se quão importante é a sexualidade, observando-a de forma mais abrangente. Como a pessoa percebe seu próprio e o corpo do outro, além das questões relacionadas à afetividade e erotismo dentro do contexto sociocultural em que está inserida contribuem para a construção da imagem que tem de si mesma e, por conseguinte, a somatória do conhecimento, discurso e controle social promovem a manifestação da sexualidade autorizada e a resistência pessoal forja o autoconceito individual, sua identidade e forma de se apresentar socialmente.

O isolamento e uma possível indiferença que Quasímodo propiciou a si mesmo, antes de Esmeralda, e a experiência, depois da cigana, fez com que o corcunda alterasse suas percepções. Esmeralda o tocou na sua face, com as duas mãos. Esse gesto fez toda a diferença porque, inicialmente, Quasímodo escondia um hemisfério do seu rosto, quando se apresentava a ela. Aos poucos, ele mesmo foi se aceitando e assumindo-se. Pôde-se perceber o início da auto aceitação, embora, em qualquer momento, por um olhar dela, jogar-se-ia da torre, porque estava manifestando emoções internas profundas, diante de tamanha beleza feminina. Ele era um homem, mas haviam dito que era um monstro! Diante da afetividade, que não soube experimentar, caiu em si mesmo: *sou feio, sou um monstro!*

O reajuste quanto à imagem corporal depende das reações de si mesmo e dos outros diante da sua condição. Esmeralda criando essas possibilidades de aceitação, tornou melhor sua autoestima. Aquela sociedade em que Quasímodo estava inserido, tratava-o com desdém, elegendo-o o *bobo da corte*, mas depois que se tornou o herói salvador da cigana, numa questão de justiça social, olhou para ele com bons olhos. Embora Esmeralda tivesse se assustado com tamanha feiura, a princípio, suas ações promoveram o fortalecimento do vínculo de confiança que se criou. Foi muito difícil para ele, expor-se ao olhar dela, mas depois do toque de suas mãos, tudo mudou. Se antes havia uma admiração surreal, naquele momento passou a ser palpável, real sua relação afetiva e sexual com ela, pois provocou reações físicas e emocionais que o

inundaram de tristeza, por se perceber feio, diante de uma sociedade que elegia o belo.

O discurso social sobre beleza e feiura, ou seja, imagem social e imagem de si foi condição para Quasímodo compreender, erroneamente, mas realisticamente, dadas as condições culturais da época, do que ele podia e não podia realizar, no que tangia ao relacionamento afetivo-sexual com Esmeralda.

Louro (2007), discutindo a sexualidade como discurso e construção histórica, em Foucault, esclarece que se trata de um conceito provisório, com possibilidades de alterações, de acordo com o contexto a que se está inserida:

Tais indicações fazem-nos reafirmar, portanto, que, tal como ocorre com o gênero, haveria de se compreender a sexualidade como um constructo histórico, como sendo produzida na cultura, cambiante, carregada da possibilidade de instabilidade, multiplicidade e provisoriedade. (LOURO, 2007, p. 210).

Por se tratar de condições históricas, culturais e sociais, mudanças são possíveis, ao longo do desenrolar do tempo histórico, no discurso social sobre conceitos de beleza e feiura, e, ainda, sobre a manifestação dos impulsos sexuais, em pessoas que apresentam condição de deficiência. Maia (2006, p. 199) encontrou teóricos que formularam teses sobre a necessidade de “reabilitação da vida afetivo-sexual do lesionado”, ou seja, a promoção da saúde nas áreas emocional e sexual, para que a inclusão social ocorra com independência e de forma saudável.

O corcunda de Notre Dame é uma obra clássica. O personagem Quasímodo teve sensações, emoções e sentimentos que puderam ser externalizados, quando pôde vivenciar situações com uma mulher. O tempo de toda a sua vida esteve na torre de *Notre Dame*. Na Idade Média, possivelmente, não se pensava em reabilitação da vida afetivo-sexual de uma pessoa em condição de deficiência, mas é importante trazer à memória, as questões relativas ao contexto sociocultural daquela época e discutir temas, como a feiura, a

autoimagem, a afetividade e a sexualidade, aos moldes socioculturais atuais.

A despeito disto, em relação às Pessoas em Condição de Deficiências (PCD), no que tange à sexualidade, poucos se aventuram ao envolvimento com esta reflexão por fatores diversos, desde a não aceitação de estas como SER de direitos, negando-lhes, pois, a condição de PESSOA, passando por (des)informações controversas que imputam às PCD uma eterna infantilidade ou um poder demoníaco; outros, vinculam aos estereótipos de beleza/feiúra e perfeição/imperfeição do corpo que imperam atualmente na sociedade. Estas características, por sua vez, encontram ainda forte respaldo nas mídias e no cinema (DENARI, 2013, p. 392).

Depreende-se, portanto, que na época atual, questões relacionadas à temática encontra, ainda, resistências quanto à aceitação, inclusive, da própria pessoa na condição de deficiência, propiciando a difusão de informações que não corroboram para uma emancipação do discurso social.

Considerações Finais

Com vistas a identificar a visão social e cultural da pessoa em situação de deficiência, frente a sua sexualidade, durante o século XV, este trabalho foi empreendido, adotando-se *O corcunda de Notre Dame*, na obra de HUGO (2015) e o filme baseado nessa obra.

Observou-se que a definição de sexualidade e afetividade transita o contexto sócio-histórico-cultural, assim como ocorre com o conceito que se constrói sobre deficiência. Para cada contexto e época pensa-se a respeito da sexualidade, afetividade e deficiência de formas diferenciadas.

Relacionando-se sexualidade e afetividade com os mecanismos de defesa, compreendeu-se que a sociedade, ainda, está fazendo uso deles para mascarar situações que fogem do seu entendimento. Entretanto, pôde-se entender que na Idade Média era possível encontrar experiências mais drásticas que as atuais, no

sentido de não atenuar, mas de apontar defeitos e julgar procedimentos, ou seja, essa época foi mais cruel com as diferenças das pessoas que fugiam dos padrões, do que na atual.

Depreendeu-se que o discurso quanto à sexualidade, no que tange à conhecimentos, reforços de controles e de resistências, pelas relações de poder estão em processo, moroso, é verdade, mas, talvez, porque a sexualidade em si, nunca sofreu controle, mas o discurso a seu respeito que sim. Deste modo, experiências, no meio a lutas e resistências, estão acontecendo e *Quasímodos* não estão mais escondidos nas torres, mas estão se apresentando, socialmente, para viverem sua sexualidade e afetividade.

Referências

AMARAL, Ligia Assumpção. **Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação.** In: Diferenças e Preconceitos na Escola: Alternativas teóricas e Práticas. Julio Groppa Aquino (org.) São Paulo Summus Editorial, 1998.

D'ANDREA, Flávio Fortes. **Crônicas de cinema** / Flávio D'Andrea – São Carlos: EdUFSCar, 2002. ISBN 85-85173-73-4.

DENARI, Fatima Elisabeth. **Sexualidade, afetividade, deficiência e inclusão: novos (?) olhares.** In: ALMEIDA, Thiago. Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois / organizador Thiago de Almeida. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2013. ISBN; 978-85-88533-76-9.

FOUCAULT, Michel, **História da sexualidade I: a vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque – 8ª ed, - Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2019. – (Coleção Biblioteca de Filosofia).

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. **Cultura corporal: alguns subsídios para sua compreensão na contemporaneidade** – São Carlos : EdUFSCar, 2010. ISBN – 978-85-7600-015-0.

HUGO, Victor. **O corcunda de Notre Dame**. Tradução Jorge Bastos – I. ed. – rio de Janeiro : Zahar, 2015. ISBN 978-85-378-1358-4.

LOURO, G. L. Gênero, **Sexualidade e Educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas**. Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a08n46>. Acesso em 13/09/2016.

O corcunda de Notre Dame. (filme). Direção William Dieterle. RKO Radio Pictures. Americano. Produzido em 1939. Baseado em Notre-Dame de Paris (romance de Victor Hugo). Drama. (Título original: The Hunchback of Notre Dame).

PESSOTI, Isaías. **Deficiência mental: da superstição à ciência**. – São Paulo : T. A. Queiroz : Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

RANGNI, Rosemeire de Araújo; MASSUDA, Mayra Berto; COSTA, Maria da Piedade Resende da. **Altas habilidades/superdotação** [livro eletrônico]: **temas para pesquisa e discussão**, - São Carlos : EdUFSCar, 2017. ISBN: 978-65-802016-10-9.

Vida sexual e deficiência: análise do filme *As Sessões*

Melina Thaís da Silva Mendes

Introdução

Em pleno século XXI, o sexo se mantém como um grande tabu da sociedade. Apesar dos avanços em relação às questões afetivas sexuais, ainda, o sexo é pouco explorado e pouco recebe sua devida importância. Há um conservadorismo em alguns setores da sociedade demonstrado pelo posicionamento contra as manifestações artísticas e culturais.

Além do sexo, outro assunto marcado com retóricas, mitos e preconceito, diz a respeito à deficiência. Oliveira (2016) realizou uma revisão bibliográfica e identificou que quando somam-se os dois assuntos em uma só temática, ficam ainda mais escassa as pesquisas na área.

Há certo tempo, a deficiência era vista como algo em que se classifica a condição do organismo ou o comportamento. A delimitação do conceito de deficiência, em função de áreas supostamente distintas de comprometimento, significa um modo específico de como lidar com as pessoas com deficiência e a deficiência em si. Com isso, a ideia de homogeneidade entre as pessoas que tem o mesmo tipo de deficiência é ilusória, bem como a diferença desses com as pessoas sem deficiência, (OMOTE, 1996).

Historicamente, as pessoas com deficiência sofreram e ainda sofrem com várias formas de preconceito e estigmas. O processo de inclusão social da pessoa com deficiência trilhou caminhos extremos de exclusão para aqueles que apresentavam características destoantes dos padrões estabelecidos pela sociedade. Assim, a problemática sempre esteve centrada no indivíduo com deficiência e no tratamento específico. De acordo com Omote (2003), os estudos sobre as deficiências sempre foram centrados nas mesmas e nos atendimentos

voltados especificamente às pessoas com deficiência. Devido a esse fato, as pessoas tendem a buscar o que é específico em cada categoria das deficiências.

Bampi, Guilhem e Alves (2010) realizaram uma revisão sobre a abordagem social da concepção de deficiência. Os autores explicitam que o modelo social da deficiência se construiu a fim de uma oposição ao modelo médico da deficiência. No modelo médico, a lesão, a doença ou a limitação física é vista como a causa da desigualdade social e das desvantagens que as pessoas com deficiência vivenciam, não reconhecendo a participação das estruturas sociais na opressão e marginalização dessas pessoas.

No modelo social, a deficiência é entendida como um resultado das desvantagens ou restrições – que as pessoas com deficiência experienciam – causadas pela organização da sociedade que insuficientemente as considera e, também, as exclui das atividades da sociedade. Assim, a deficiência não deve ser considerada como um problema individual, mas como uma questão social. Isso significa que a responsabilidade é da incapacidade da sociedade em antecipar e adequar-se à diversidade, (BAMPI, GUILHEM e ALVES, 2010).

Com tudo, fica evidente que a perspectiva do modelo social da concepção de deficiência reflete nas condições para a inclusão social de pessoas com deficiência. A sexualidade das pessoas com deficiência é considerada uma questão de direitos humanos (BRASIL, 2009). Assim sendo, o presente artigo é fruto da disciplina: Estigma e identidade social do deficiente, do Programa de Pós-graduação em Educação Especial, da Universidade Federal de São Carlos. O objetivo deste trabalho é discutir a relação entre sexualidade e deficiência por meio da análise do filme “As Sessões”, de direção de Ben Lewis, lançado em 2013.

O filme

Napolitano (2009) explica que um filme tem etapas clássicas para sua elaboração, sendo elas:

pré-filmagem (argumento, roteiro, escolha dos atores, escolha das locações e estúdios); filmagem (encenação e registro das cenas e seqüências previstas no roteiro ou criadas pelo diretor); montagem/edição (quando o material filmado, depois de revelado, é selecionado, organizado, recortado, emendado em novas seqüências, acrescido de efeitos sonoros e de trilha musical); lançamento (nesta fase, o filme é objeto de marketing e promoção, inscrito em festivais, lançado pelas distribuidoras nas salas de cinema e na forma de DVD), (NAPOLITANO, 2009, p. 16)

O autor ainda indica que o cinema e a TV são espaços de “lutas sociais, culturais e políticas, objetos de disputas econômicas, veículos de inculcação ideológica e de projeções de utopias e sentimentos”, (NAPOLITANO, 2009, p. 11). Para ele, um filme sob a ótica de uma experiência estética e cultural, pode ter diversas interpretações, relacionando-se com os repertórios culturais e valores dos que assistem ao filme.

As Sessões foi dirigido e produzido por Ben Lewin, lançado em 2013. Foi produzido nos Estados Unidos da América e tem duração de uma hora de trinta e cinco segundos. O filme conta a história do personagem Mark O'Brien, escritor e poeta – interpretado pelo ator John Hawkes – que contraiu poliomielite na infância e, que devido à doença, perdeu os movimentos do corpo, exceto o movimento da cabeça (ainda que com mobilidade reduzida). Mark precisa ficar dentro de um aparelho para auxiliá-lo a respirar, no filme chamado de "pulmão de aço" – ele consegue ficar de três a quatro horas fora desse aparelho. Mark tem uma cuidadora durante o dia e um cuidador, personagem Roger, as noites.

A rotina do personagem se passa entre o trabalho (para publicação de seus trabalhos como escritor) e as visitas à igreja, onde conversa com o padre Brendan – interpretado pelo ator William H.

Macy – seu amigo pessoal. O filme tem uma abordagem de humor e drama, em uma linguagem poética, com cenas que provocam o espectador a refletir sobre representatividade, empatia e direitos.

Logo no início do filme, Mark demonstra insatisfação com a recente cuidadora e entra em conflito em como se sente a respeito dela, pedindo conselho do padre na definição da demissão desta. Assim se inicia a história da sexualidade de Mark: a relação de suas cuidadoras e sua descoberta pelo amor.

A candidata a nova cuidadora, Amanda, é uma mulher jovem, sem experiência, mas esteticamente, considerada socialmente, bonita, simpática e bem-humorada. O personagem se apaixona e diz aos espectadores de forma poética como se sente em relação a ela como por exemplo, fantasias em que a toca ou se sente tocado, admiração pela personagem quanto a sua estética, entre outras. Ao se declarar a personagem, esta se demite do trabalho.

A segunda candidata, personagem Vera, é uma mulher jovem, com descendência asiática, mau-humorada inicialmente, com vestuário e características considerado pouco atraente (roupas simples, óculos e quieta). Ao contratá-la, Mark recebe uma ligação de um de seus empregadores o convidando a realizar um artigo para uma revista acerca de sexualidade e deficiência. A produção do artigo envolve entrevistas de pessoas com deficiência com vida sexual ativa.

O personagem Mark descobre, então, a sexualidade como possível. Ou seja, o personagem não se via como capaz ou com direito a ter sexualidade ativa. Além disso, em conversa com o padre Brenan, indica sua descoberta dessa questão, sua confusão sobre a temática e solicita percepções do padre sobre a situação, o que desconcerta abertamente o personagem do padre, mas a medida que o filme avança, esse desconcerto cessa dando lugar a alguém sensato que o apoia nas decisões.

A partir dos relatos dos entrevistados, Mark percebe que sente vontade de procurar desenvolver esse aspecto da sua vida. Então, procura um atendimento com uma terapeuta sexual. Contudo, para ir na primeira sessão apresenta reclamações, indagações e expressa dor de maneira excessiva, em contexto inadequado, aos cuidadores

que o estão levando. Isso evidencia o quanto o personagem se vê de maneira desconfortável a respeito de sua sexualidade.

No atendimento, a terapeuta sexual o questiona sobre sua capacidade de se masturbar sozinho, se já solicitou a alguém que o masturbasse e se seu membro consegue ter ereção. Como tratamento, a terapeuta indica o desenvolvimento de técnicas adequadas com uma “substituta do sexo”¹, a personagem Cheryl, uma especialista em exercícios de consciência corporal. Com isso, Cheryl realiza seis encontros com Mark. No caminho para esses encontros, o personagem Mark demonstra novamente os mesmos comportamentos que apresentou para ir na primeira consulta com a terapeuta sexual. No filme, indica-se que diferente de prostituição, a substituta do sexo fornece seis encontros em que cada um serão trabalhados exercícios de desenvolvimento de habilidades sexuais e ao fim disso, o vínculo entre eles cessa.

Ocorre que, o personagem se apaixona por Cheryl. Por sua vez, Cheryl também desenvolve sentimentos pelo personagem. Ao fim desse desenvolvimento de relação sexual para Mark e Cheryl, a personagem finda o atendimento, devido a seus sentimentos, mas também se declara ao personagem dizendo o que ama. Interessante ressaltar que nas duas primeiras sessões o personagem Mark demonstra novamente comportamentos de expressar dor de maneira intensa com o mais leve toque da personagem, e que Cheryl tem um papel fundamental no relaxamento do personagem ao criar um vínculo afetivo e espaço de diálogo. Em cena anterior, Mark chega a pedir um abraço ao padre Brennan, o que mostra a importância do acesso ao contato físico mais genuíno e simples, um abraço, ocorre com baixa frequência para esse personagem. Essa situação mostra uma realidade ainda hoje para pessoas com deficiência.

A cada encontro que se passa, Mark se antecipa em obter informações do que ocorrerá na próxima sessão, a fim de pesquisar e se preparar para isso. O que representa a falta de educação sexual

¹ Acesso a uma versão dublada do filme. A tradução do idioma e o termo ficam a cargo disto.

para esse público, o despreparo para esse desenvolvimento sexual saudável. Isso gera no personagem uma ansiedade que o prejudica nas primeiras sessões. Em certo momento, reencontra Amanda e ela lhe diz que o ama, apesar de não da maneira como ele a amou.

Ao final do filme, o acesso a eletricidade na residência do personagem é cessado devido a uma chuva forte. Mark liga, com seu telefone adaptado com acionador de alavanca pelo movimento da boca, para o cuidador o ajudar. Mas o “pulmão de aço” pára o funcionamento pouco tempo antes da chegada do cuidador e Mark desmaia. No momento em que recobra a consciência, o personagem se encontra no hospital e logo em seguida, sendo notificado de sua alta pela última personagem introduzida na história, Susan. Susan é voluntária no hospital e se atrai por Mark ao flertarem em sua saída do hospital.

A história do filme acaba quando o personagem Mark faz um relato ponderando sobre como ele e Susan se apaixonaram e que a considera o amor de sua vida. Também reflete que teve três mulheres bonitas, que todas o amaram e as três foram ao seu funeral. Padre Brennan faz um discurso no funeral de Mark, sobre como ele enfrentou dificuldades, se desafiou a vencê-las e como sua vida valeu a pena ser vivida.

Discussão

Crochik (1997) afirma que a pessoa preconceituosa se fecha em suas opiniões, o que a limita a conhecer aquilo que teme. Desse modo, a pessoa preconceituosa afasta o outro de si para preservar-se, pois quando em condição de enfrentamento desse temor, torna-se alguém possível de identificação. Pois os sentimentos de humilhação e fragilidade se apresentam, assim tornando mais fácil manter as atitudes de discriminação e exclusão do outro fora da regra, ao invés de reconhecer esse mecanismo emocional que nos dá sensação de reconhecimento como semelhantes e humanos.

Silva (2006) pondera que o preconceito em relação a pessoas com deficiência é um mecanismo de negação social, pois o olhar se

dá para a falta, a impossibilidade, a carência. A autora indica que a estrutura da sociedade espera pessoas fortes, de corpo saudável, eficientes para competir no mercado de trabalho. O fraco é obstáculo. O forte se sente ameaçado pela lembrança da fragilidade que todos possuem por ser humano. Ou seja, o preconceito é um mecanismo de defesa de uma pessoa em relação a outra, por considerar o novo, diferente algo a se temer. Silva ainda complementa ao dizer que, em decorrência disso, existe uma probabilidade de se generalizar criando estereótipos sobre as possíveis problematizações.

Segundo Maia e Ribeiro (2010) a sexualidade tem caráter social e cultural, sendo que se aprende, pela cultura, a noção de prazer, de desejo, de erotismo humano e cada um interpretará um significado diferente para o que se define como amor, fidelidade, casamento, paquera, etc.

É importante ressaltar que há diferença entre sexualidade e ato sexual. O primeiro envolve um conjunto de condições psicológicas e biológicas, que implicam na reprodução, prática e função. O ato sexual faz parte da sexualidade de uma pessoa.

No filme, durante as conversas com o padre, há uma relação íntima e não estritamente ligadas pela religião, no contexto de confissão. Mark O'Brien pede conselhos e fala sobre sua vida sexual. O padre se mostra desconcertado no início, mas ponderado e assertivo, encorajando o amigo em busca de sua felicidade.

A religião exerce influência sobre o comportamento e sexualidade humana. Em relação ao sexo, a religião tem orientado os indivíduos para uma moral, na maioria das vezes, negando sua sexualidade. A sexualidade é vista pelo catolicismo como algo pejorativo e deve ser aceitado pela procriação. A ideia se baseia no Antigo como no Novo Testamento da bíblia. Conforme Ryan (1999), o sexo é visto como algo temível e perigoso, embora necessário para continuação da criação, então, o sexo não é visto como algo saudável e alegre, sempre foi negado pela Igreja.

A figura de um padre moderno e que fale sobre sexo, demonstra a necessidade de um olhar e discussão acerca disso. A esfera

religiosa tem tentado se renovar diante dos discursos sobre o gênero e a sexualidade, mantendo-se como dimensão sociocultural relevante no processo de socialização para a normatividade sexual. A sexualidade faz parte da vida de qualquer ser humano, seja uma pessoa com deficiência ou não. Ela vai além do sexo, que é apenas seu componente biológico.

A temática sexualidade de pessoas com deficiência pode e deve ocorrer por meio de reportagens, pesquisas, filmes, entre outros. Existem alguns filmes e seriados que têm retratado o tema demonstrando a naturalidade e necessidades inerentes de todas as pessoas, assim como aquelas com deficiência.

Oliveira (2016) ressalta que há poucos estudos que trataram de discutir e pensar a sexualidade no contexto das deficiências em geral. Indica que estes apresentavam análises e discussões relacionadas à maneira como as famílias e a sociedade entendem e se manifestam acerca da sexualidade de pessoas com deficiências. Logo, podemos atribuir a importância de pesquisas que deem voz a pessoa com deficiência sobre sua própria percepção e manifestação da sexualidade.

Maia e Ribeiro (2010) realizaram uma revisão sobre mitos que se popularizam sobre a sexualidade de pessoas com deficiência, dentre os principais, destacaram cinco, sendo eles: (a) a ideia de ser assexuada: sem sentimentos, pensamentos e necessidades sexuais, (b) a de que são hiperssexuadas: não controlam e tem em excesso, (c) a concepção de que são pouco atraentes, são indesejáveis e incapazes de manter um relacionamento amoroso e sexual, (d) a ideia de que tem disfunções sexuais relacionadas ao desejo, à excitação e ao orgasmo e (e) quanto a reprodução: esterilidade, geram filhos com deficiência somente ou não têm condições de cuidar deles. As autoras explicitam cada um dos itens, justificando a condição de mitos.

Na análise do presente artigo, em análise comparativa, levanta-se a hipótese de que o personagem Mark parecia ter uma ideia de que era assexuado. Posteriormente, a autoestima baixa em consonância com ver-se como não atraente, indesejado ou incapaz.

Em seguida, a concepção de que tinha uma disfunção já que possuía dificuldade para controlar a ejaculação. E finalmente, uma concepção correta sobre o direito ao desenvolvimento da sexualidade em sua vida e os impactos na qualidade da sua vida em todos os aspectos.

Há um protecionismo e assistencialismo por parte dos pais/responsáveis que afeta a vida das pessoas com deficiência, agravando as privações que passa e situações de isolamento, o que impossibilita ascendência social e acesso a contextos são necessários para se criar vivências sociais, eróticas e sexuais. A autoridade dos pais (ou responsáveis) sobre a sexualidade de seus filhos vem ocorrendo de forma a negar e desqualificar as experiências sexuais e eróticas, (DENARI, 2002; LITTIG et al., 2012).

Segundo Paula et. al. (2010) as famílias de pessoas com deficiência preocupam-se mais com a habilitação, educação e a perspectiva ocupacional e/ou profissional futura. A dedicação dos pais acaba se transformando em práticas de cerceamento das experiências, limitando suas possibilidades de desenvolvimento e, nesse caso, inferindo negativamente na dimensão sexual e afetiva (LITTIG et al., 2012).

Outra tendência a ocorrer é a infantilização e superproteção significando grandes estigmas e equívocos. Deste modo, não se considera que a pessoa com deficiência, independente de suas características, tem desejos e necessidades como qualquer outro ser humano. A infantilização e o isolamento social impede as pessoas com deficiência de terem acesso a espaço de vida amorosa e sexual, (GLAT, 1995). A repressão sexual desse público alvo é um desafio que traz desajuste social, afetivo, psicológico e físico, (DENARI, 2002). Segundo Denari (2002) também existem situações criminosas, de violência de toda forma, como abusos sexuais, mutilações, infibulações.

Mais uma vez, se mostrando a necessidade da educação sexual para esse público e de orientação as famílias da importância para a prevenção do abuso e mutilações. Com a família em parceria com os profissionais que podem orientar nesse desenvolvimento da

sexualidade da pessoa com deficiência fica mais viável uma iniciação saudável e feliz para a pessoa com deficiência.

Portanto, os mitos sobre a sexualidade das pessoas com deficiência devem ser difundidos como a condição que possuem: mitos. A divulgação da informação conscientiza a sociedade e prepara melhor a pessoa com deficiência. O trabalho de orientação às famílias é crucial nesse sentido, considerando que a maior influência de repressão se encontra nesse núcleo e que é nesse contexto que se inicia os primeiros sinais de despertar da sexualidade.

Conclusão

O filme *As Sessões* oportuniza discussões e reflexões ao espectador a respeito da concepção de deficiência, autoestima de uma pessoa com deficiência, preconceito a respeito da concepção de deficiência em si e a sexualidade de pessoas com deficiência, amizade, capacidade de empatia, função de cuidadores e familiares. Este artigo mostrou aspectos que considerou-se relevantes debater a fim de esmiuçar as informações e mensagens do filme. Recomenda-se que o leitor assista ao filme, tenha por si só uma experiência emocionante sobre a superação de desafios do personagem e uma mudança nas concepções acerca da sexualidade da pessoa com deficiência.

Considera-se que é necessária produção científica a respeito da sexualidade das pessoas com deficiência de modo a identificar as demandas que esse público tem sobre informações, discussão, percepção, educação sexual adequada como parte da vida, entre outros aspectos. Pois ao dar representatividade as pessoas com deficiência e sua sexualidade e comprovação científica por meio de pesquisas acadêmicas se legitima ou se apoia movimentos sociais e se conquista ações políticas a respeito.

Além disso, sugere-se mais produções na área do cinema, teatro e demais tipos de arte a fim de colocar a temática em discussão em diversas formas e aumentando o alcance de mensagens como essa quebrarem preconceitos e barreiras atitudinais.

Referências

AS SESSÕES. Direção de Ben Lewin. Estados Unidos da América: Rhino Films, Such Much Films e FOX Filmes do Brasil, 2013. DVD (1h35min), son., color, dub.

BAMPI, L.N.S., GUILHEM D., ALVES E.D. Modelo Social: uma nova abordagem para o tema deficiência. **Rev. Latino-Am. Enfermagem.** 2010;18(4):816-23.

BRASIL. **Direitos Sexuais e Reprodutivos na Integralidade da Atenção à Saúde de Pessoas com Deficiência Série B.** Ministério da Saúde. Brasília, DF: 1ª ed., 2009.

CROCHIK, José Leon. **Preconceito: indivíduo e cultura.** São Paulo: Robe Editorial, 1997.

DENARI, F. E. Sexualidade & Deficiência Mental: Reflexões Sobre Conceito. **Rev. Bras. Ed. Esp.,** Marília, v.8, n.1, p. 9-14, 2002.

GLAT. A Sexualidade da Pessoa com Deficiência Mental. **Rev. Bras. Ed. Esp.,** Marília, v. 3, p. 65-74, 1995.

LITTIG, P. M. C. B.; CÁRDIA, D. R.; REIS, L. B.; FERRÃO, E. S. Sexualidade na Deficiência Intelectual: uma Análise das Percepções de Mães de Adolescentes Especiais. **Rev. Bras. Ed. Esp.,** Marília, v. 18, n. 3, p. 469-486, jul./set. 2012.

NAPOLITANO, M. Cinema: experiência cultural e escolar Marcos Napolitano. In___: **Caderno de Cinema do Professor - Dois: luz, câmera...educação!** São Paulo, FDE, 2009^a, p. 10-31.

NAPOLITANO, M. Cinema: experiência cultural e escolar Marcos Napolitano. In___: **Caderno de Cinema do Professor - Dois: luz, câmera...educação!** São Paulo, FDE, 2009^a, p. 10-31.

OLIVEIRA, E. L. de. **“Pô, Tô Vivo, Véio!”: história de vida e sexualidade de pessoas com deficiências físicas.** Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Educação Especial. São Carlos: 2016.

OMOTE, Sadao. **Perspectivas Para Conceituação De Deficiência.** Londrina: Revista Brasileira de Educação Especial, 1996.

PAULA, A. R, SODELLI, F. G, FARIA, G., GIL, M., REGEN, M., MERESMAN, S. Pessoas com deficiência: Pesquisa sobre a sexualidade e vulnerabilidade. **Temas sobre Desenvolvimento**, 2010; 17(98):51-65.

RYAN, Penélope J. **Católico praticante**: a busca de um catolicismo para o terceiro milênio. São Paulo: Loyola 1999.

SILVA, L. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.11, n.33, p. 424-561, 2006.

**Filme, *O Filho Eterno*:
análise da postura dos pais frente ao filho com diagnóstico
de Síndrome de Down, reflexões familiares e sociais**

Sumara Barbosa Alecrim

Introdução

O filme, *O Filho Eterno*, foi lançado no dia 1 de dezembro de 2016 no cinema brasileiro, com duração de 86 minutos, sob direção de Paulo Machline, com roteiro de Leonardo Levis, cujo elenco é composto por Débora Falabella, Marcos Veras, Uyara Torrente, Augusto Madeira, Zeca Cenovicz, Lourinelson Vladmir, Pedro Vinícius e a trilha sonora é composta por Gustavo Garbato.

A história se passa em 1982, apresenta um casal jovem que esperam ansiosos pelo nascimento do primeiro filho. Após o nascimento a criança é diagnosticada com Síndrome de Down (SD).

Para análise do filme, foi realizado um estudo observacional e a revisão bibliográfica para a contextualização de maneira sucinta. Houve a narração da história e também a reflexão do contexto familiar com base argumentativa o estudo de Buscaglia (2006) e Henn, Piccinini, Garcias (2008) e também sobre o contexto social, utilizando-se das abordagens de Omote (1994), Harlos (2012) e Bianchetti (2002).

A escolha do filme se deu por ser um filme brasileiro, ser baseado no livro de mesmo nome escrito pelo brasileiro, Cristóvão Tezza, lançado pela Record em 2007, por se tratar de um tema pouco comum no cinema brasileiro e, principalmente, pela trama de um pai que está seguro de que a chegada do filho marcará uma nova etapa de sua vida e de repente, a partir da notícia dada pelo médico “tudo indica que nós estamos podemos estar diante de um caso de mongolismo”, desencadeia emoções diversas, conflitos, obstáculos, desentendimentos que afetaram seu casamento, o

trabalho e que diante e depois de tantas dificuldades percebeu que todas as suas vivências significam a paternidade e que diferenças não descaracterizam o amor.

A proposta deste artigo é analisar a postura dos pais frente ao filho com diagnóstico de Síndrome de Down.

Procedimentos metodológicos

Para a realização do presente trabalho utilizou-se a abordagem qualitativa, que para (RICHARDSON, 2012, p.79), “A abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser urna forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social”.

Utilizou-se também a observação, e sobre esta, (RICHARDSON, 2012, p. 259) revela que “A observação, sob algum aspecto, é imprescindível em qualquer processo de pesquisa científica, pois ela tanto pode conjugar-se a outras técnicas de coleta de dados como pode ser empregada de forma independente e/ou exclusiva”. A observação é usada como base de toda investigação, “Em linguagem comum, além de outros sentidos, observação é o exame minucioso ou a mirada atenta sobre um fenômeno no seu todo ou em algumas de suas partes” e mesmo que a observação seja não participante, é possível ao pesquisador ser expectador.

Sobre a observação não participante utilizada neste trabalho, (RICHARDSON, 2012, p. 259) expõe que “Nesse tipo de observação o investigador não torna parte nos conhecimentos objeto de estudo como se fosse membro do grupo observado, mas apenas atua como espectador atento”.

Para (FLICK, 2004, p. 126) a ligação entre a teoria e a prática é viabilizada por meio de recursos como filmes, fotografias e outros, e sobre a utilização destes no processo de construção do conhecimento sinaliza que “Os dados visuais, tais como fotos, filmes e vídeos, tem atraído a atenção como documentos a serem utilizados na pesquisa”. O autor aponta a relação da sociedade com alguns problemas - temas destes recursos, “As análises da mídia também se referem a filmes ou

séries de TV para analisar a apresentação de alguns problemas e de como uma sociedade lida com eles”.

A revisão bibliográfica se deu para embasar teoricamente a análise do filme, *O Filho Eterno*, conforme (GIL, 2008, p. 50) “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Dessa forma, foi feito um estudo utilizando a observação, onde o pesquisador como espectador atento pode considerar recursos visuais e a revisão bibliográfica para analisar a postura dos pais frente ao filho com diagnóstico de Síndrome de Dawn, por meio de uma abordagem qualitativa.

Resultados e discussão

O longa metragem inicia com o escritor Roberto redigindo um texto, quando a sua esposa Claudia o interrompe para dizer que precisam ir para o hospital, a criança, Fabrício, vai nascer. Eles pegam os objetos necessários e vão para o hospital. Durante o parto, Roberto aguarda ansioso pela chegada do filho, bem como, pelo início do jogo do Brasil – Copa do Mundo – demonstrando sua paixão pelo futebol e menciona “meu filho já vai nascer Tetra”. Logo, adentra o quarto do hospital e encontra sua esposa com os filhos nos braços, demonstrando muito emoção.

Estão o casal transbordando de alegria com a chegada da criança quando adentra ao quarto o médico acompanhado de uma enfermeira, ele indaga se está tudo bem com Claudia e diz “bom, eu tenho um assunto um pouco delicado para conversar com vocês”, faz referências as características apresentadas pela criança e complementa “tudo indica que nós estamos podemos estar diante de um caso de mongolismo”, os pais reagem com expressão de susto, ele explica algumas medidas que os pais terão que tomar e se coloca à disposição, Roberto se retira do quarto com um andar e olhar vazio.

Ao retornar para casa, o casal inicia os cuidados com a criança e Roberto inicia pesquisas, considerando as chances de um resultado diferente “um milagre nos cromossomos”, considerando esse

milagre a chance de voltar a normalidade. Compareceram ao consultório médico para saber o resultado do exame e o médico expõe “bom, o cariótipo confirmou a trissomia do cromossomo 21”, Roberto mostra as pesquisas realizadas e questiona a possibilidade de haver jeito de mudar o resultado. O médico expõe a realidade do Fabrício, fala sobre as possibilidades de estimulação e a importância da família para o desenvolvimento da criança com Síndrome de Down.

Após a confirmação do diagnóstico, Roberto, em um estabelecimento, fazendo uso de bebida alcoólica, questiona quem era seu filho, concluindo que com o nascimento do filho perdera a sua liberdade. Ao retornar para casa inicia a leitura de uma bibliografia e acredita ter descoberto algo que lhe devolveria a sua liberdade, “um fato científico, indiscutível” a descoberta de que crianças com síndrome de Down morrem cedo. Após a descoberta, Roberto apresenta expressão de alívio.

O casal retorna ao médico para a criança ser examinada diante da esperança de Roberto, do filho morrer logo, no entanto, ao ser examinado o médico afirma que o coração da criança está muito bem, momento de muito alívio para a mãe, Claudia, enquanto Roberto se mostra surpreso e mais uma vez o médico afirma o excelente estado de saúde da criança.

Em cenas seguintes, Roberto convida Claudia para irem para o Rio, ao chegarem no Rio de Janeiro, visitam uma instituição onde o profissional que lhes acolheram fala de um método revolucionário da instituição dizendo “a vida é uma mecânica de reflexos e com seu filho não vai ser diferente, nosso método é revolucionário, ele promove uma completa reformulação neurológica do paciente, a educação de uma criança com Down é demorada é estafante, mas eu asseguro que em poucos anos o seu deficiente vai ficar uma pessoa completamente normal”, conduz Claudia e Roberto a uma sala em que ocorrem os exercícios com as crianças, eles observam aquela prática por alguns minutos e saem.

De volta do Rio de Janeiro, após decidir que voltariam lá apenas depois de alguns anos, Roberto e Claudia começam alguns

exercícios em casa com o filho Fabricio, todavia, Claudia se mostrava super-protetora da criança, pois, o pai iniciava a estimulação, o filho chorava e ela logo o retirava dos cuidados do pai. Por fim, Roberto se sente frustrado já que a esposa não entende a necessidade da estimulação, nem as permite quando o pai se propõe fazer as atividades com o filho. Logo discutem porque Roberto se sente “impotente” frente as tentativas de desenvolvimento do filho e a frustração com a condição do filho.

Em cenas seguintes, Roberto se encontra em um bar com outras pessoas, fazendo uso de bebida alcoólica, logo, apresenta interesse por uma das moças que estão naquele ambiente, com quem passa a noite, no diálogo entre eles, a acompanhante pergunta, entre outros assuntos, se Roberto tem filhos, ele nega.

Outra cena mostra o comparecimento do casal Roberto e Claudia à escola, no diálogo a diretora inicia fazendo elogios a Fabricio, mas logo menciona que a infraestrutura que tem não atende a “todo tipo de criança”, logo, Roberto argumenta que tem tentado de todas as formas para o filho ter uma vida normal, mas a diretora interrompe seus argumentos e transfere a responsabilidade para Claudia, dizendo já ter conversado com ela e diz: “desculpa, Roberto, mas nós já fizemos muito em cuidar dele aqui”. Ele fica indignado de ter sido o último a saber das decisões e Claudia argumenta ter tentado por diversas vezes conversar com ele. Após a conversa, a cena é de uma criança isolada no fundo da sala e fala de Roberto “cada coisa que há no mundo, crianças que jamais chegaram a metade da inteligência de alguém normal, que não terão praticamente autonomia nenhuma e que são incapazes de abstração em tempo que vai muito além de um ontem milenar e um amanhã nebuloso para eles o tempo não existe”.

Na cena seguinte, Roberto leva Fabricio para a loja do avô, e recomenda contato com ele no número de telefone de Floripa e ainda que seu pai não fizesse todas as vontades do neto, assim, ele diz “eu cuido de criança a muito mais tempo que você meu filho” e Roberto retruca, “é mas ele é diferente”, recomenda ao filho

obediência ao avô. Logo o avô explica sobre o funcionamento de um relógio para Fabricio, e diz “tá vendo, igual a você, meu filho”.

Roberto então via na escrita dos seus livros uma possibilidade de fugir da sua realidade vivida. Era em Floripa que se concentrava na escrita dos livros e que mantinha uma relação extraconjugal.

Logo, cenas de interação entre Claudia e o filho são apresentadas, cenas em que ambos demonstram carinho e alegria.

Posteriormente, Roberto acompanha o filho a aula de natação, o professor de natação comenta com ele que Fabricio está nadando direitinho e diz “quando esse aí for campeão você pode escrever a história dele, imagina! a alegria do Fabricio lendo um livro sobre ele que o pai escreveu? Roberto indaga, e você acha que criança com síndrome de Down consegue ler? Pai e filho seguem para o atendimento com outra profissional que realiza exercícios de estimulação, durante a intervenção da profissional, Roberto interfere por diversas vezes no trabalho e ela repreende o pai dizendo: “calma Roberto, eu não consigo fazer a sessão assim”, o pai perde a paciência e sai andando rápido puxando o filho pelo braço.

Na cena seguinte, Roberto leva Fabrício à aula de natação e ao sair Fabrício pede pipoca, ele nega dizendo que “comendo pipoca a essa hora você não vai conseguir almoçar”, mas o filho se esquiva para entrar no carro, visto que aquela prática de sair da natação e comer pipoca era uma prática que acontecia com a mãe, Roberto demonstra nervoso e sem paciência. Quando a esposa chega em casa ele questiona a sua demora, ela se justifica e ela logo busca saber do filho como foi a natação e de que ele estava brincando, se ela poderia brincar junto, demonstrando orgulhosa e feliz.

A relação de Roberto com a família estava bastante desgastada quando ele chega em casa na madrugada, embriagado, ele e Claudia discutem e Roberto questiona a esposa se aconteceu alguma mágica para ela conseguir amar o filho, se ela poderia ensiná-lo, ela então não acreditava que ele estava fazendo aquela pergunta, em seguida relata sobre o comportamento de Fabrício em ocasião de seu aniversário, onde nem o pai nem os colegas da escola comparecerem na comemoração mas independente disto, ele se

demonstrava feliz, ela naquele momento percebeu que nunca mais poderia ficar sem o filho, o esposo apenas houve seu relato.

Roberto volta a Floripa, informa a pessoa com quem mantinha uma relação extra conjugal que havia sido transferido de universidade e que não ficaria mais ali, ela então entendeu que eles não se veriam mais.

Em casa, escrevendo seus livros, Roberto é interrompido pelo filho que assistia futebol, ele, nervoso, desliga a televisão, repreende o filho e lhe diz para brincar de outra coisa. O filho inicia atividades de pintura e o pai segue na sua máquina de escrever. Ao perceber o silêncio do filho, Roberto decide deixá-lo assistir a televisão – o futebol, no entanto, ao procurá-lo percebe sua ausência e começa procura-lo. Durante a busca pelo filho, ao ser indagado como era Fabrício, ele dizia: ele é diferente. Entrou em vários estabelecimentos onde o jogo era televisionado mas ninguém havia visto Fabrício, retorna para casa em desespero e cai no choro, ao adentrar em casa depara com o filho e sua esposa, ainda em choro, abraça o filho e diz “papai nunca mais vai errar dessa maneira, papai nunca mais vai tirar os olhos de você”... “o pai ama você”.

Nas cenas seguintes, Roberto participa do campeonato de natação do filho com entusiasmo, acolhe-o no retorno da escola com carinho. Ao iniciar o jogo de futebol – copa do mundo – o filho o convida a assistir o jogo, ele diz que não assiste mais o futebol, mas antes de terminar a partida ele volta para a sala e assiste o jogo com Fabrício, o jogo vai para os pênaltis e o Brasil é campeão – tetra campeão e eles torceram e comemoraram juntos.

Contexto familiar

Os autores BUSCAGLIA (2006) e HENN, PICCININI, GARCIAS (2008), traçam reflexões sobre a chegada de um filho no seio de uma família, e, sobretudo, quando a criança apresenta alguma deficiência.

Conforme (BUSCAGLIA, 2006, p. 84) “A partir do momento em que uma criança ou um adulto deficiente é trazido para casa, vindo de um hospital, o clima emocional da família se transforma”, e, como apresentado no filme, o clima emocional do casal Cláudia e Roberto era de grandes expectativas para a chegada do filho. Essas expectativas foram frustradas com a notícia de que Fabrício teria deficiência, informação dada pelo médico, e sobre esse aspecto (BUSCAGLIA, 2006, p. 84) salienta que “em um lugar que agora se defronta com um indivíduo deficiente, os integrantes, que até esse momento estiveram seguros em seus papéis bem definidos, terão de passar por uma mudança drástica”.

Embora a informação tenha sido prestada pelo médico, a família estava num momento de grande emoção e isto gerou para Roberto, principalmente, um impacto muito negativo, pois, aquele era o primeiro contato dele com o filho, o qual esperou ansiosamente. Quanto ao impacto de uma informação (BUSCAGLIA, 2006, p. 84), enfatiza que “Grande parte da reação inicial a essa notícia será determinada pelo tipo de informação fornecida, a forma como ela é apresentada e a atitude da pessoa que faz a comunicação”. Ele salienta ainda que muitos pais não tem a habilidade para prestar informações a outras pessoas, sejam elas família ou parentes, às vezes falta habilidade e conhecimento. Já (HENN, PICCININI, GARCÍAS, 2008, p. 487) sinaliza que “(...) a palavra do médico, por seu caráter de verdade universal, exerce forte influência sobre a maneira como os pais e mães irão reagir ao diagnóstico, podendo ter efeito na superação do seu processo de luto (...).

Impactados pela notícia o casal volta para casa e buscam se adaptar aos cuidados com o filho,

A decisão de se modificar não será fácil, visto que exigirá um grande investimento em si mesmo, muita energia e dedicação disciplinada. Porém ela se tornará mais simples se compreendermos que tudo que é apreendido pode ser desaprendido, tanto no nível consciente quanto no inconsciente. Pesquisas revelam que, providos com o estímulo e a motivação adequados, podemos continuar aprendendo

a nos ajustar a novos padrões de comportamento pelo resto de nossas vidas. Contudo, esse processo sempre impõe um certo grau de incertezas, de medos e de esforço (BUSCAGLIA, 2006, p. 96).

Conforme posto por (BUSCAGLIA, 2006, p. 85) “nos primeiros dias de vida de um deficiente, é impossível saber a extensão do problema ou determinar futuras implicações”, e isto, gerou em Roberto a esperança de que seu filho Fabrício não tivesse sido acometido pela trissomia do Cromossomo 21. HENN, PICCININI, GARCIAS (2008) expõe que os pais e mães reagem de modo diferente ao receberem um diagnóstico, tem aquele que vão duvidar e querer escapar da situação vivenciada outros esperam que haja um erro no diagnóstico. E, ainda que “(...) Muito dessa reação será determinado pelos significados sociais e as crenças dos pais e mães a respeito da deficiência (...)” (HENN, PICCININI, GARCIAS, 2008, p. 487).

Roberto recebeu o diagnóstico médico de que o filho tinha a síndrome, frente ao diagnóstico ele se debruçou em realizar outras pesquisas. Neste aspecto, (BUSCAGLIA, 2006, p. 93) pontua que “Somente através da expansão do seu conhecimento e dos sentimentos que trazem consigo, a esperança, eles serão capazes de alcançar a ação criativa”, todavia a busca de Roberto não se deu como intuito de conhecer novas maneiras de atender as necessidades do filho, se deram em virtude da sua não aceitação. Frente a adequação e reações familiares (OMOTE, 1994, p. 69) também sinaliza que há “estudos sobre as diferentes reações de pessoas não-deficientes face às deficientes, tais como as reações de mães de deficientes mentais face ao reconhecimento da condição de seus filhos” e sobre “as percepções dessas mães acerca das necessidades especiais de atendimento de seus filhos e delas próprias e a busca de recursos pela família para favorecer o desenvolvimento de crianças portadoras da Síndrome de Down (...)”, vimos que no filme estas dificuldades foram apresentadas pelo pai.

Ainda no que se refere a não aceitação da deficiência do filho, Roberto inicia a leitura de uma bibliografia e acredita ter descoberto

algo que lhe devolveria a sua liberdade, “um fato científico, indiscutível” a descoberta de que crianças com síndrome de Down morrem cedo. (BUSCAGLIA, 2006, p. 93) expõe que “Muitos dos pais de crianças deficientes nunca passarão do estágio de questionamento, pois a maioria das perguntas que fazem a si mesmos não tem respostas específicas”, nesta situação, diante do retorno do casal ao médico que atesta o excelente estado de saúde da criança, gerou mais uma vez o vazio em Roberto.

Diante da realidade vivenciada o casal vai ao Rio de Janeiro em busca de apoio para realizarem os cuidados e alcançarem o desenvolvimento da criança, no entanto, não foram atraídos pelas promessas de que o filho se tornaria uma pessoa completamente normal, (BUSCAGLIA, 2006, p. 87) sinaliza que “As preocupações cobrarão seus preços à família – os problemas reais em relação ao bem estar da criança, as maiores responsabilidades pessoais, a carga financeira, a constante incerteza”, portanto, ao retomarem iniciam exercícios para estimular a criança, embora a mãe limitava muito o pai na realização desse estímulo e isto, muitas vezes, o irritava. (BUSCAGLIA, 2006, p. 87) evidencia que “a exaustão física que se transforma em irritabilidade e frequentemente transmuda em lágrimas. Podem ocorrer súbitas explosões de temperamento, que parecem levar a um anseio por isolamento e fuga”, no filme o pai vivenciou a fuga utilizando a bebida, o relacionamento extra conjugal e o trabalho em outra cidade, que para ele era a maneira de sentir que sua vida era normal.

As fugas usadas pelo pai, vistas no filme, desencadearam a ausência do mesmo para cumprir as responsabilidades com a criança, fato que era lembrado pela mãe frequentemente, bem como, na passagem em que o casal comparece a escola do filho e a diretora inicia fazendo elogios a Fabricio, mas logo menciona que a infraestrutura que tem não atende a “todo tipo de criança”, que ele não continuaria mais e, então Roberto descobre que estava sendo o último a saber, todavia, sua esposa Claudia retruca dizendo das mais diversas vezes em que tentou abordar o assunto com ele e não conseguiu.

(BUSCAGLIA, 2006, p. 98) menciona sobre a educação de uma criança com deficiência em nossa cultura, referindo-se sobre as exigências do melhor esforço que os pais puderem fazer por eles, enfatiza que “De fato, esse talvez seja o segundo maior desafio de suas vidas – o principal será, para qualquer pessoa, o crescimento, o desenvolvimento e a realização pessoais (...)” (HENN, PICCININI, GARCIAS, 2008, p. 489) expõe que “(...) pais e mães de crianças pequenas, que passam pela etapa das aquisições, trazem queixas relacionadas ao relacionamento do casal e dúvidas quanto ao melhor tipo de educação e posterior escolarização para a sua criança (...)”.

Conviver com o filho Fabrício era muito difícil para Roberto, pois para ele a criança havia lhe tomado a vida normal, a liberdade e então em algumas cenas seguintes ele vai externar essa insatisfação de maneira grosseira com o filho, com a esposa, demonstrando impaciência, nervosismo e rispidez. (HENN, PICCININI, GARCIAS, 2008, p. 490) em pesquisa realizada conclui que “(...) Os níveis de estresse dos pais de crianças com SD estiveram relacionados à personalidade dos pais, à idade da criança (quanto mais velhas, menos aceitáveis elas eram para os pais) (...)”.

Segundo BUSCAGLIA (2006), a família pode atuar na mediação sobre os espaços de convivência do filho tornando-os ambientes conscientes e receptivos,

(...) família pode atuar de uma forma bastante positiva como mediadora entre a sociedade em que seu filho terá de viver e o ambiente mais consciente e receptivo que ela pode lhe oferecer. Para isso, porém, cada membro da família deve adaptar seus próprios sentimentos em relação à deficiência e à criança deficiente. Toda a família deve entender que somente dessa forma ela poderá ajudar a criança se ajustar os seus sentimentos em relação à própria deficiência e por fim a si mesma, como uma pessoa completa, (BUSCAGLIA, 2006, p. 89).

Então, após muitos encontros, negação, e rispidez, Roberto, passa por um momento de sensibilização “choque de

realidade”, primeiro no momento em que sua esposa expressa as suas razões de amar Fabrício, numa noite em que ele chega embriagado e intencionado em separar-se dela e no segundo momento em que ele desiste de separa-se, mas, ainda sentia impaciente e nervoso com o filho que foge de casa após ser reprimido. BUSCAGLIA (2006) expõe que os pais descobrirão novas alternativas a partir do momento em que se dispuserem a experimentar derrubar preconceitos, pontua que “À medida que se arriscam, envolvendo-se e experimentando alternativas recém descobertas para os sentimentos e comportamentos, verão seu eu ilimitado e o mundo expandirem-se”, (BUSCAGLIA, 2006, p. 99).

(HENN, PICCININI, GARCIAS, 2008, p. 491) aponta que em estudos realizados há carência da participação dos pais nas pesquisas e que a ausência deles nos estudos “ou a tendência de deixá-los em segundo plano, desconsideram o importante papel desempenhado dentro do grupo familiar, por eles, cujas contribuições para o desenvolvimento das crianças podem ser diferentes das proporcionadas pelas mães” e para, além disso, expõe que “A partir da literatura revisada pôde-se ter uma idéia das implicações da SD sobre a família, em especial sobre os pais e mães, e do seu possível efeito desestabilizador, pelo menos para algumas famílias”, propondo, dessa forma,

(...) cabe pensar na importância de programas de prevenção e intervenção que visem atender a essas famílias desde o nascimento do bebê e, quando for o caso, desde a gestação. Estes programas devem buscar auxiliar os pais e mães no processo de adaptação à criança com SD, tanto no que diz respeito aos aspectos físicos da Síndrome - propiciando-lhes acesso a informações e oferecendo-lhes orientação nos cuidados demandados pela criança - quanto no que se refere à disponibilização de atendimento aos aspectos emocionais suscitados por esse acontecimento (...) (HENN, PICCININI, GARCIAS, 2008, p. 491)

Contexto social

Para a abordagem do contexto social, utilizou-se das abordagens dos autores Omote (1994), Bianchetti (2002) e Harlos (2012).

OMOTE (1994) sinaliza sobre o aspecto psicossocial da diferença, considerando que sobre este aspecto nenhuma diferença é vantajosa ou o contrário e que a vantagem ou desvantagem dependendo do modo que se olha, “dependendo de quem é o portador ou o ator e de quem são os seus “outros”, isto é, a sua audiência, assim como de outros fatores circunstanciais definidos pelo contexto no qual ocorre o encontro” (OMOTE, 1994, p. 66).

Todas as pessoas possuem diferenças, seja, raça, sexo, religião, língua, diferenças físicas, pessoas com limitações, vantagens ou desvantagens diversas a depender de onde parte o olhar, e quanto a deficiência (OMOTE, 1994, p. 67) coloca que “Entretanto, o desvio (a deficiência) não pode ser concebido simplesmente como uma qualidade presente no organismo ou no comportamento de alguns e ausente no de outros”.

Conforme posto por OMOTE (1994), o contexto no qual acontece o olhar sobre a deficiência, se utilizado critérios ou padrões de forças sociais o resultado é divergente, “A questão de escolha de um dado critério ou padrão depende das forças sociais prevaletentes no grupo ou organização em cujo interior a deficiência adquire um particular significado e se constitui num importante problema” (OMOTE, 1994, p. 67).

Para o autor, (OMOTE, 1994, p. 67) dentro de um grupo familiar, em equipes multiprofissionais, escolas e em instituições especializadas pode ocorrer a inversão da “relação de causa e efeito, na medida em que se localizam no indivíduo a deficiência e muitas vezes, também, a sua causa” e que tais “abordagens centradas na pessoa deficiente ignoram o aspecto político do problema das deficiências e podem obscurecer ou camuflar áreas de possíveis problemas”.

Assim, (OMOTE, 1994, p. 68) expõe sobre a manutenção da deficiência por grupos sociais “é produzida e mantida por um

grupo social na medida em que interpreta e trata como desvantagens certas diferenças apresentadas por determinadas pessoas” significa que a deficiência não é algo que a pessoa contrai por meio de enfermidades e ou com o seu nascimento.

OMOTE (1994) considera a necessidade de estudar as reações das pessoas ditas normais (sem deficiência) frente aquelas consideradas deficientes para que haja de fato, o entendimento sobre as deficiências, “incluindo o processo de julgamento e interpretação que aquelas fazem das características destes como parte integrante e crucial do fenômeno das deficiências”.

HARLOS (2012), por sua vez, apoiou-se em diversas bibliografias e também traz em seu estudo contribuições significativas para o olhar do contexto social da deficiência. Expõe que o aspecto participativo, debates e tomadas de decisões, a condição social do individuo torna-o deficiente se há limitação ou impedimentos para a sua plena participação.

Conforme (HARLOS, 2012, p.37) “(...) estudos relacionados com a Sociologia da Deficiência desafiam a idéia de que a situação econômica e social e os papéis atribuídos às pessoas em situação de deficiência são resultados inevitáveis da condição individual destas pessoas”, mas considera que aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais que oprimem as pessoas em situação de deficiência, devem ser confrontados, desvelados como novas ferramentas para pensar a deficiência na atualidade.

Tratando-se do entendimento da palavra deficiência no Brasil, considerando o imaginário social, HARLOS (2012), enfatiza que,

Diante destas interpretações, como entendemos que no Brasil a palavra deficiência, no imaginário social está ligada predominantemente às idéias de limitação, falta, defeito – que não são os significados que Oliver (1990) atribui a ela – entendemos que em nosso país, para análises sociológicas que se relacionem com o coletivo de pessoas em questão, o uso das expressões deficientes ou pessoas deficientes não seria adequado (HARLOS, 2012, p.46).

(BIANCHETTI, 2002, p.1) também pontua acerca do olhar, das perspectivas da pessoa que olha e daquela que é olhada, “Concebemos o olhar como uma maneira de posicionar-se no/frente ao mundo. O olhar é, também, compreendido como uma linguagem que se constrói e se realiza no contato com os outros, nas inter-relações”.

A autora, BIANCHETTI (2002) menciona sobre o ser “nós mesmos” e as influencias externas que acarretam construções e desconstruções a partir dessas influencias, principalmente se as instruções postas como verdades, dadas pela família, escola, igrejas, se estiverem sujeitas ao desvirtuamento. Aborda um aspecto que para ela se caracteriza como o maior desafio de uma vida individual e que se manifesta no coletivo,

(...) a passagem da heteronomia, daquela situação em que estamos completamente susceptíveis às opiniões dos outros, dependentes física e emocionalmente dos outros, para a autonomia, a meta desejável e necessária para os processos de criação e socialização (BIANCHETTI, 2002, p.4).

Sobre as construções das relações humanas, (BIANCHETTI, 2002, p.5) sinaliza que elas não ocorrem no vazio, são relações que desencadeiam no tempo, no espaço e carregadas de histórias, “E o lugar/tempo que estamos vivendo caracteriza-se por ser não inclusivo para a maioria, uma vez que a diferença é apreendida como defasagem, como defeito”. Considera que o enriquecimento das relações humanas poderiam se dar exatamente por meio da diversidade.

Segundo (BIANCHETTI, 2002, p.7) é preciso, diante de tantos olhares, “batalhar para que a pessoa [humana] seja vista, apreendida, olhada enfim, na sua integralidade, independente dos atributos físicos que a tornam peculiar”, que há a necessidade desse olhar, da construção desse olhar, seja individual, coletivo ou institucionalmente, independente da diversidade que são atribuídas aos seres.

Conclusão

No ano de 1982 em que se passa a história, havia pais jovens com pouco conhecimento sobre deficiência, bem como, os profissionais. O termo mongolismo utilizado no filme foi retratado de modo assustador para os pais, assim como a promessa dos serviços de atendimento a este público de normalizar o indivíduo.

A postura dos pais varia ao receberem o diagnóstico de seus filhos, sobretudo, pelo modo como é prestada a informação. No filme, foi o pai quem apresentou rejeição a condição do filho, no entanto, os autores citados mencionam pesquisas realizadas em que as mães têm um efeito desestabilizador maior. Existe a necessidade da família perceber as necessidades específicas de atendimento aos filhos com deficiência e a si próprios. Além disso, muitas reações podem ser desencadeadas pelos significados sociais e a crença dos pais sobre deficiência, socialmente, grupos alimentam a manutenção da deficiência por tratar como desvantagens as diferenças apresentadas pelas pessoas.

Conclui-se, portanto, em concordância com as autoras Bianchetti (2002) ao sinalizar que o lugar e tempo que estamos vivendo não são inclusivos e que a diferença é apreendida como defeito, com Henn, Piccinini, Garcias (2008) ao sinalizar a necessidade de pensar em programas de acolhimento, orientação e acompanhamento à família, bem como atendimentos aos aspectos emocionais, em concordância também com Harlos (2012) que considera que aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais que oprimem as pessoas com deficiência devem ser confrontados, e, por fim, conforme Buscaglia (2006) a família pode superar as dificuldades de se adaptar, adaptar aos seus próprios sentimentos em relação a deficiência e a criança deficiente, se dispondo a derrubar os preconceitos, dispondo a fazer o maior esforço que puderem fazer por eles.

Suscitou a partir deste trabalho realizar estudos acerca da vivência dos pais (pai) na relação com filhos deficientes.

Referencias

BIANCHETTI, L. Um olhar sobre a diferença: as múltiplas maneiras de olhar e ser olhado e suas decorrências. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 8, n. 1, p. 1-8, 2002.

BUSCAGLIA, Leo F. Os deficientes e seus pais. Tradução Raquel Mendes. 5ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2006.

HENN, Camila Guedes.; PICCININI, Cesar Augusto.; GARCIAS, Gilberto de Lima. A família no contexto da Síndrome de Down: Revisando a literatura. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 3, p. 485-493, jul./set. 2008.

FLICK Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookmn, 2004. Disponível em: <https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/2Metodosquantitatequalitat-IFES/Bauman,Bourdieu,Elias/Livros deMetodologia/Flick-Introducao%C3%A0Metodologiada Pesquisa.pdf>. Acesso em 23 de janeiro de 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

HARLOS, Franco Ezequiel. *Sociologia da deficiência: vozes por significados e práticas (mais) inclusivas* – São Carlos: UFSCar, 2012. 200 f.

RICHARDSON, Roberto J. e colaboradores. **Pesquisa Social – métodos e técnicas**. 3 ed. - 14. reimpr. - São Paulo Atlas, 2012. Disponível em: <https://www.livrebooks.com.br/livros/metodos-de-pesquisa-em-administracao-12a-edicao-donald-r-cooper-pamela-s-schindler-3wddaaqbaj/baixar-ebook>. Acesso em: 23 de janeiro de 2020.

OMOTE, S. **Deficiência e não deficiência**: recortes de um mesmo tecido. *Revista Brasileira de Educação Especial*. Vol. 02, Ano 1994.

Vermelho Como O Céu: reflexões sobre a cegueira

Adrieli Camila Soares Matheus
Fátima Elisabeth Denari

“Não temos mais medo. Com os olhos
vendados, somos invencíveis”
Mirco Balleri

O cinema viabiliza diversas reflexões críticas da sociedade, tanto no plano individual como no plano coletivo. Esse meio de comunicação teve início no final do século XIX com os irmãos Lumière e, ao longo do tempo, vem ganhando adeptos, novas linguagens, novas técnicas, vem formando pessoas nas mais diversas funções, desde aquelas que atuam atrás das câmeras, quanto as que atuam frente às câmeras.

Considerada “a sétima arte”, até nos dias atuais nos oportuniza a formação de mentes críticas, bem como um excelente aliado no processo educacional, visto que “entrar em contato com o cinema é descobrir um portal para comunicar-se [...] por meios imagéticos, sensórios, auditivos os processos de comunicação da realidade dos indivíduos são traduzidos” (BRITO et al 2011, p.2). O cinema estende mensagens comunicativas similares da vida cotidiana como as realizações, problemas, sonhos, adversidades, aflições e conquistas da existência humana.

A narrativa cinematográfica leva a mente humana por inúmeros caminhos. Assim pode dizer que o cinema é um portal para o mundo ou uma janela por onde se observa os acontecimentos do cotidiano retratados em cenas. Cada filme com sua história e seu ensinamento. Na educação o cinema funciona como um instrumento de análise, reflexão, pesquisa e consciência crítica (BRITO et al 2011, p.2).

O filme “Rosso Come il Cielo” traduzido para o português como “Vermelho como o céu” lançado na Itália no ano de 2006 sob direção de Cristiano Bortone é ambientado em 1970, e narra a história verídica de Mirco Mencacci, considerado atualmente o melhor editor de som da indústria cinematográfica italiana. O longa-metragem foi premiado pelo júri popular, como o melhor filme na 30ª Mostra Internacional de Cinema em São Paulo.

Na infância, Mirco Balleri (Luca Capriotti) era apaixonado pelo cinema e frequentava algumas sessões com o pai; também estudava e brincava com seus amigos, tendo assim uma infância típica e feliz, em Pontedera, região da Toscana na Itália. Aos oito anos, Mirco, sofre um acidente com um rifle o que compromete a sua visão, levando-o à cegueira aos dez anos de idade. Assim, sua infância é interrompida de forma abrupta. Na Itália, à época, bem como em grande parte do mundo ocidental, não era permitida a presença de alunos com deficiência nas escolas comuns o que leva Mirco a estudar em um internato para pessoas com deficiência visual, em outra cidade. Nova vida, novos aprendizados, disciplina rígida, novos amigos, limitações, imposições.

No entanto, o gosto pelo cinema continuava vivo nas lembranças das imagens, dos sons, das vozes. Essa memória impulsiona Mirco na busca de sons diferentes, sons da natureza, como retrata a cena em que ele descobre ninhos nas árvores ao redor do internato.

Com a inquietude típica da infância até então livre, ele explora as salas do internato e descobre um gravador. A partir dessa descoberta Mirco dá asas à imaginação, torna-se líder de um grupo de outros jovens acometidos pela cegueira e não tem medo de transgredir a ordem e a disciplina estabelecidas. A descoberta do gravador desperta seu sentido auditivo e seu interesse pela edição de som. Com a ajuda dos amigos, passa a construir histórias retratadas no filme, em cenas delicadas, sensíveis.

Esse comportamento também coloca o grupo de amigos frente a conflitos, especialmente com o diretor do internato, também cego, defensor de paradigmas obsoletos atualmente, mas que à época

eram tidos como a educação possível para pessoas com cegueira. A condição dessas pessoas era limitada à aprendizagem de atividades manuais, por exemplo, tecelagem, impossibilitando-as de se tornarem independentes, mantendo a idéia de incapacidade calcada em preconceito e comiseração.

Porém, a criatividade de Mirco supera os desafios e conflitos retratados em cenas por vezes divertidas, por vezes, de suspense, mas sempre impactantes. E para que o sentido e a mensagem do filme possam ser apreendidas na sua mais pura essência, faz-se necessário esclarecer alguns aspectos sobre a cegueira.

Porém, além disso, hoje em dia a sociedade pode promover maiores condições de adaptação para os deficientes visuais como: a audiodescrição.

A audiodescrição é um dos grandes focos do nosso projeto. Com ela, podemos proporcionar maior vivência dos materiais audiovisuais. Imagine como é importante ter acesso não só ao conteúdo sonoro o filme, mas à descrição da cena?

A deficiência visual é classificada em cegueira e baixa visão (ou visão subnormal) conforme o grau de perda visual; o art. 5º do Decreto nº 5.296 (BRASIL, 2004) classifica como cega a pessoa que apresenta, no seu melhor olho, a acuidade visual igual ou menor que 0,05, tendo a melhor correção óptica. A acuidade visual é a medida de resolução visual, ou seja, a capacidade de discriminar formas e detalhes, que pode ser mensurada a partir de exame com a utilização da tabela de Snellen, em que o numerador é a distância da pessoa ao optotipo (quadro com letras impressas em vários tamanhos); e o denominador, distância percebida por um olho normal, podendo ser um decimal, a acuidade visual é pelo menos de 5/50 ou 0,1 (MARTÍN; BUENO 2003).

A deficiência visual pode ser congênita quando a pessoa nasce cega, ou com alguma doença, como por exemplo catarata, glaucoma, retinose pigmentar, toxoplasmose, entre outras; ou pode ser adquirida quando a pessoa devido a acidentes, acaba perdendo totalmente a visão, que é o caso do Mirco, o protagonista da película.

Existem diferentes causas que podem levar à deficiência visual; para Honora e Frizanco (2008) isso também ocorre segundo o grau de desenvolvimento de um país, a partir da situação econômica da população e as implicações no atendimento básico de saúde, saneamento básico, campanhas de vacinação, entre outros fatores. A deficiência visual pode ser causada por tumores, traumatismos, degeneração macular, diabetes, rubéola congênita, toxoplasmose, catarata, infecções, tumores, tracoma, diabetes, traumatismos.

Para Smith (2008) a tecnologia médica tem auxiliado na identificação das causas das deficiências, resultando em informações imprescindíveis para a cura ou medidas preventivas, como por exemplo, a diminuição, no final do século XX, da retinopatia da prematuridade (ROP) e da rubéola. Atualmente, há precauções para evitar ROP em bebês de baixo peso e vacinas para a rubéola. No Brasil, 18,6% da população brasileira tem deficiência visual, sendo que 5,3% são crianças de 0 a 14 anos, de acordo com o Censo de 2010 (BRASIL, IBGE, 2010).

No que reporta ao filme, por estar cego, o protagonista é considerado incapaz de estudar na escola regular, devido à legislação italiana que vigorava à época. Então seus pais o levam para o Instituto Cassoni, especializado em pessoas com deficiência visual, em Gênova. Até os anos 1970, na Itália, não era permitido que pessoas com deficiência estudassem em escolas comuns, era necessário que esses alunos cursassem escolas especializadas. E, somente após a promulgação da Lei nº 517 de 1977, o sistema de ensino permitiu o ingresso de todas as pessoas no ensino comum (Meirelles e Dainese 2017).

Vale lembrar que na antiguidade crianças com deficiência, por serem vistas como sub-humanas, eram eliminadas ou abandonadas à própria sorte, visto que viver não era uma opção. A pessoa com deficiência deixa de ser eliminada quando lhe é atribuída uma alma, o que ocorre com a difusão do cristianismo, época em que são abrigados em igrejas ou conventos, como descreve Pessotti (1984, p.5):

Dotado de alma e beneficiado pela redenção de Cristo, o deficiente mental passa a se acolhido caritativamente em conventos ou igrejas, onde ganha sobrevivência, possivelmente em troca de pequenos serviços à instituição ou à pessoa ‘benemérita’ que o abriga.

Somente com o avanço da medicina é que as pessoas com deficiências começam a ser estudadas para serem curados; no entanto, são criadas instituições asilares ou hospitais para segregar os dementes e amentes.

De todo modo, diversas vantagens se oferecem para o deficiente ao passar das mãos do inquisidor às mãos do médico. Passando pelas instituições residenciais no século XIX e as classes especiais no século XX. No século XIX, os médicos passaram a dedicar-se ao estudo desses seres diferentes – os deficientes, como eram chamados. (BIANCHETTI 1998, p.45).

A partir daí, as pessoas com deficiência passam a ser consideradas como passíveis de serem treinadas, seja para atividades laborais simples, ou para o enquadramento à norma social da época. Pessotti (1984, p.68) relata que “o médico é o novo árbitro do destino do deficiente. Ele julga, ele salva, ele condena”, assim de acordo com as avaliações médicas, os deficientes eram encaminhados para os asilos ou hospitais.

No Brasil, os principais registros sobre o ensino de pessoas com deficiência visual, especificamente a cegueira, remontam ao final do século XIX, devido ao trabalho educacional realizado com Adélia Sigaud, a filha cega do Dr. Francisco Xavier Sigaud, médico da família imperial. Em 1854, D. Pedro II fundou o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, a primeira instituição para pessoas com deficiência visual, por meio do Decreto nº 1.428 na cidade do Rio de Janeiro. O imperador foi influenciado pelo trabalho de José Álvares de Azevedo, um brasileiro cego que estudara no Instituto dos Jovens Cegos de Paris, em 1784, que contribuiu significativamente para a elaboração do decreto supracitado, que nortearia as atividades do Instituto (MAZZOTTA, 2010).

O Imperial Instituto dos Meninos Cegos tinha por finalidade ministrar aos jovens cegos educação moral, religiosa, ensino de música, além da instrução primária, secundária e de ofícios fabris. Também definia, no máximo, trinta alunos para os três primeiros anos, podendo admitir até dez alunos, gratuitamente, caso esses comprovassem baixa condição financeira; já os demais deveriam pagar anualmente uma pensão ao Instituto. Só em 1890, com a implantação da República, houve mudanças no regulamento, dividindo-se a instrução teórica e a prática profissional em dois cursos: instrução literária e prático-profissional. Também foi permitido que meninas cegas, independentemente da idade, tivessem aulas separadas dos meninos. Em 1891 o Instituto passa-se a chamar Instituto Benjamin Constant (IBC) em homenagem a Benjamin Constant Botelho de Magalhães professor e diretor do instituto; atualmente, o IBC é referência nacional para a educação de cegos, bem como na oferta de cursos de capacitação para docentes.

Cabe citar, ainda, a organização de escolas particulares e públicas, centros educacionais para pessoas com deficiência visual, sendo:

Entre eles, a Escola Estadual São Rafael, criada em 1925 em Belo Horizonte (MG); o Instituto de Cegos, criado em Pernambuco no ano de 1935; O Instituto de Cegos da Bahia, particular, criado em Salvador em 1936; O Instituto Santa Luzia, particular, criado em Porto Alegre (RS) em 1941; o Instituto Paranaense de Cegos, estadual, criado em 1944 em Curitiba (PR); no Estado de São Paulo, O Instituto de Cegos Padre Chico, particular, criado na cidade de São Paulo em 1928; o Instituto São Rafael, criado em 1940 em Taubaté, a Fundação para o Livro do Cego no Brasil, atualmente Fundação Dorina Nowill para Cegos, criada na capital em 1946, a Associação Linense para Cegos, particular, criada em Lins em 1948, criadas em 1956 na rede estadual de ensino as 'Classes Braille' e de 'Conservação da Vista', além de classes noturnas para adolescentes e adultos deficientes visuais, estas com funcionamento diário de 2 horas. (MAZZOTTA 2010, p.415-416)

Foi a partir de 1966, com a criação do Serviço de Educação Especial no Departamento de Educação da Secretaria da Educação, que ocorreram decisões político-administrativas e pedagógicas inovadoras, as quais estabeleciam uma divisão específica por área sendo: educação de deficientes físicos, mentais, auditivos e visuais, sob uma chefia especializada em cada área, formando assim equipes técnicas iniciando assim uma nova etapa na maneira de se abordar a educação especial.

Segundo o Ministério Público Federal (BRASIL, 2004), a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, deixa claro em seu art. 5º o direito à igualdade, e nos artigos 205 e seguintes, do direito de todos à educação e que esse direito deve visar o desenvolvimento da pessoa, no seu preparo para a cidadania e habilitação para o trabalho garantindo, assim, o direito a educação e ao acesso à escola, não excluindo nenhuma pessoa, independentemente de raça, cor, sexo, idade, deficiência ou não. Para firmar esse acesso, a Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1988) em seu art. 208, inciso III garante que o atendimento educacional especializado é de suma importância para atender as particularidades dos alunos com deficiência, admitindo até que o mesmo possa ser oferecido em outras instituições especializadas, servindo apenas como complemento e não como substituição do ensino oferecido na rede regular.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 - LDBEN, (BRASIL, 1996) em seu art. 58 e seguintes “o atendimento educacional especializado será feito em classes, escolas, ou serviços especializados sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns do ensino regular” (art. 59, § 2º). No atendimento educacional especializado será ofertado o ensino de: LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais); sistema Braille; utilização do soroban; orientação e mobilidade; informática adaptada; tecnologias assistivas; educação física adaptada; atividades da vida autônoma e social, entre outras matérias, visando assim a melhoria para o convívio de todos, e o crescimento da diversidade.

Voltando ao filme, no Instituto Cassoni, onde Mirco passou a estudar, o ensino era direcionado a atividades fabris, leitura/escrita do sistema Braille, soroban e as matérias comuns do ensino comum. As atividades eram intercaladas com orações diárias e escuta de leituras bíblicas; nas aulas também eram estimulados os outros sentidos, como o tato para reconhecimento das formas, a audição para identificação dos sons e a fala para anúncio das orações.

O desenvolvimento dos sentidos remanescentes que pode ser definido de acordo com as condições sociais ofertadas às pessoas com deficiência, permitirá a supercompensação ou não. O ponto de partida, o defeito e a força motriz servem de base para o desenvolvimento psíquico da personalidade. “Se a luta conclui com a vitória para o organismo” não somente as dificuldades são vencidas, como também promovem o desenvolvimento para um nível superior, em que o defeito se torna em capacidade, a menosvalia para a supervalia e da fraqueza surge a força. A supercompensação acontece, pois o ponto bloqueado, ou seja, o defeito se transforma em objetivo a ser compensado por outros processos psíquicos, que se faz com a intensão de buscar um novo caminho para que esse obstáculo seja superado. O defeito é a primeira causa do desenvolvimento que conduz à supercompensação por vias alternativas, por caminhos diversos que são determinados na medida em que o caminho normal está interrompido. Considera-se ainda que para a instalação da supercompensação faz-se necessário o conflito, ou seja, são as relações sociais que permitem que a pessoa com deficiência, ao se sentir inferior, buscará forças para enfrentar as barreiras impostas pelo meio social, ocorrendo assim uma reorganização psíquica (VYGOTSKI, 1997).

Em relação à deficiência visual, mais especificamente a cegueira, Vygotski (1997) afirma que a fonte de compensação ocorre por meio da linguagem, das relações com o meio social, e não somente pelo desenvolvimento tátil ou aperfeiçoamento auditivo. A linguagem promove uma validação social que auxilia no desenvolvimento, que por meio do conhecimento das experiências das pessoas sem deficiência, é possível a superação do ‘defeito’, “a palavra vence a cegueira”. É a palavra que permite o

desenvolvimento da linguagem, da construção do pensamento, por meio dela que se transforma o signo.

No filme, *Mirco*, a princípio não se comunicava muito, não encontrava sentido em estar no internato, era resistente à participação nas atividades; porém, sua atitude muda quando encontra um gravador no qual começa a registrar os sons e criar narrativas. Ele relata que mesmo não enxergando as cenas é possível compreender a história.

Esse conceito se aplica à audiodescrição, um recurso de acessibilidade utilizado para converter imagens em palavras. Motta (2010) relata que a audiodescrição enriquece a compreensão das pessoas com deficiência visual, pois por meio da informação sonora ela transfere a dimensão visual para o verbal, possibilitando assim o acesso à cultura e a informação.

A audiodescrição amplia o entendimento não somente das pessoas com deficiência visual, como também de pessoas com deficiência intelectual, pessoas com dislexia e pessoas idosas. Ou seja, uma plena participação dos diferentes públicos: que todos possam apreciar as artes e a cultura, com a eliminação de barreiras físicas, atitudinais e comunicacionais. (MOTTA, 2010, p.68).

Franco e Silva (2010) esclarecem que a audiodescrição (AD) teve origem em meados da década de 1970 nos Estados Unidos, baseada na dissertação de mestrado de Gregory Frazier; entretanto teve ascensão somente em 1981 quando o casal Margaret Rockwell, deficiente visual, e Cody Pfanstiehl, audiodescreveram a peça *Major Barbara* apresentada na *Arena Stage Theater* em Washington. Com isso a AD foi ganhando espaço nas peças teatrais, bem como em fitas cassetes que eram utilizadas como guia para visitas nos monumentos, parques e museus, assim como alcançando os programas televisivos.

No Brasil, em 2003, a audiodescrição foi exibida pela primeira vez no Festival Internacional de Filmes sobre Deficiência, o *Assim Vivemos*. A partir de então foi disseminada em filmes, nas

propagandas, no teatro, espetáculos de dança e ópera. O Decreto nº 9.404 (BRASIL, 2018), que altera o Decreto nº 5.296/04, propõe que “as salas de espetáculo deverão dispor de meios eletrônicos que permitam a transmissão de subtítuloção por meio de legenda oculta e de audiodescrição [...]”. Mesmo previsto na legislação este recurso ainda está, lentamente, ganhando espaço nos meios culturais, podendo ser aplicada em eventos esportivos, teatro, ópera, filmes, museus, eventos religiosos, congressos, palestras e muitos outros lugares, promovendo, assim, a participação plena de pessoas com deficiência visual.

No filme, *Mirco*, ao iniciar as gravações dos sons e das narrativas expressa a sua paixão pelo cinema, bem como oportuniza essa nova perspectiva aos colegas, imprimindo um sentimento diferente à sua vida e à vida dos demais, encontrando um mundo com novas compreensões, sentidos e sensações.

O filme todo nos convida a experimentar novas sensações e um novo sentido a vida, e na cena final temos o ápice, em que as crianças tem ali o seu espaço de fala e apresentam a sua criatividade e imaginação, os seus sentimentos e narram a fábula que metaforiza a sua história, com todos os seus medos, euforia, aflições, emoções; e, concluem de forma brilhante, afinal mesmo com os olhos fechados, eram invencíveis.

Referências

BIANCHETTI, L. et. al. **Um olhar sobre a diferença**: interação, trabalho e cidadania. Campinas: Papirus, 1998.

BRASIL. **Decreto nº 1.428**, de 12 de setembro de 1854. Cria nesta Corte um instituto denominado Imperial Instituto dos Meninos Cegos. Coleção das leis do Império do Brasil, Rio de Janeiro, v. 1, parte 1, p. 295-300, 1854.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 07 jul. 2019.

BRASIL, **Decreto nº 5.296** de 2 de dezembro de 2004. Brasília, DF: Presidência da República, 2004. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm#art4iii. Acesso em: 07 jul. 2019.

BRASIL. O acesso de alunos com deficiência às escolas e classes comuns da rede regular, Brasília: Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, Ministério Público Federal, 2004. Disponível em: <http://www.adiron.com.br/arquivos/cartilhaatual.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 9.404** de 11 de junho de 2018. Brasília, DF: Presidência da República, 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Decreto/D9404.htm#art1. Acesso em: 07 jul. 2019.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Cartilha do Censo 2010: pessoas com deficiência. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <http://www.unievangelica.edu.br/novo/img/nucleo/cartilha-censo-2010-pessoas-com-deficiencia-reduzido.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2019.

BRITO, R. B. et al. **A sétima arte na educação**: o cinema como laço educacional. Campina Grande: 2011. Disponível em: http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2011/anais/arquivos/RE_0569_0746_01.pdf. Acesso em: 07 jul. 2019.

FRANCO, E.P.C.; SILVA, M. C. C. C. Audiodescrição: breve passeio histórico. In: MOTTA, L. M. V. M. FILHO, P. R. (orgs.) **Audiodescrição**: transformando imagens em palavras. Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010, p. 23-41.

HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. **Esclarecendo as Deficiências**: Aspectos teóricos e práticos para contribuir com uma sociedade inclusiva. São Paulo/SP: Ciranda Cultural, 2008.

MARTÍN, Manuel B.; BUENO, Salvador T. **Deficiência Visual** – Aspectos Psicoevolutivos e Educativos. São Paulo/SP: Livraria Santos Editora, 2003.

MAZZOTTA, M. J. S. Educação da Pessoa com Deficiência Visual no Brasil: Ações Político-Administrativas e Pedagógicas. In: SAMPAIO, M. W; HADDAD, M. Ap. O; COSTA FILHO, H. A.; SIAULYS, M. O. C. (Orgs.). **Baixa Visão e Cegueira, os caminhos para a reabilitação, e educação e a inclusão**. Rio de Janeiro: Cultura Médica, Guanabara Koogan, 2010, p. 415-426.

MEIRELLES, M.C.B; DAINESE, R.; FRISO, V. A Educação Especial no contexto italiano: o projeto de vida, da escola à vida adulta. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v.30, n.57, p.189-202, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X19102>. Acesso em: 07 jul. 2019.

MOTTA, L. M. V. M. A audiodescrição vai à ópera. In: MOTTA, L. M. V. M.; FILHO, P. R. (orgs.) **Audiodescrição**: transformando imagens em palavras. Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010, p. 67-82.

PESSOTI, I. **Deficiência mental**: da superstição à ciência. São Paulo. Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

SMITH, D. D. **Introdução à educação especial**: ensinar em tempos de inclusão. Porto Alegre. Artmed, 2008.

VERMELHO como o céu. Direção Cristiano Bortone. Itália. 2006. 96 min.

VIGOTSKI, L. S. Fundamentos da defectologia. In: VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. Tomo V. Madri: Visor, 1997.

Asistencia sexual para personas con discapacidad: publicaciones en Brasil

Viridiana Verástegui

Comenzaré este escrito por contar muy brevemente el proceso para llegar a poner en papel las primeras palabras sobre el tema de discapacidad y sexualidad, pues es interesante rescatar la historia de los que escriben para poder entender la dimensión de la dificultad de hablar sobre este tema. Definitivamente no puedo considerarme una experta, aunque confieso que la temática ha captado mi atención desde que hacía el servicio social de la licenciatura hace 8 años, recuerdo que en ese momento lo único que encontraba en México era un libro y algunos artículos de Irene Torices Rodarte, recuerdo haberle escrito para trabajar con ella, pero claro, yo era muy inexperta en el tema así que me dijo que no. Ahí trunqué por primera vez la posibilidad de dedicarme a esto por completo. Cabe destacar que de acuerdo a mi análisis fue más que por mi inexperiencia porque no había casi nadie más a quien escribirle, aquella era la única mujer que dominaba el territorio o por lo menos la única que publicaba en términos académicos.

Después trabajé en los servicios de salud pública de la Ciudad de México y realicé un taller sobre sexualidad e identidad para jóvenes sordos señantes porque pensaba en la inmensa falta de información que tendrían al no escuchar y no comprender español; hasta ese momento seguía viendo el trabajo en el tema de sexualidad desde una óptica médico-clínica “prevención de infecciones de transmisión sexual” “Cómo usar un condón” – masculino por supuesto- porque en mi cabeza aún no me preguntaba sobre cómo nos podríamos proteger entre mujeres en caso de que fuéramos lesbianas. Agradezco haberme cruzado con el feminismo años después para poder transversalizar esas reflexiones en el ámbito de la discapacidad también.

Finalmente y para terminar con este relato introductorio, cuando daba clases de Lengua de Señas Mexicana, tuve como alumna a Minerva Valenzuela, feminista y una de las más grandes activistas mexicanas que lucha por el derecho de las trabajadoras sexuales internacionalmente, ella fue con quien comencé a reflexionar sobre mujeres con discapacidad, sexualidad y violencia de género, me propuso trabajar en shows de cabaret para hacer accesible ese mundo a las mujeres sordas en su lengua. En resumidas cuentas, lo más relevante de ese último proceso para mí, es identificar mis propios miedos, mis tabús, mi desinformación y por su puesto mi heteronormatividad junto con la de la sociedad y mucho más asentada, salvo raras excepciones, en las mujeres sordas.

Con esta pequeña introducción pretendo abrir paso al objetivo de este escrito que es mostrar a las personas interesadas las diversas concepciones sobre el concepto “asistencia sexual” que desde hace aproximadamente dos décadas viene tomando forma y desde el año 2015 repuntado junto con el documental *Yes, We Fuck!* Finalmente, presentar la revisión que se hizo sobre el tema en dos bases de datos brasileñas y *google scholar* para entender el marco en el que esta temática se está moviendo en este país.

De los Disability studies a *Yes, We Fuck!*

El libro de Martins Piccolo (2015) que curiosamente se publica en el mismo año que el documental al que nos referimos, me parece fundamental porque además de presentar el recorrido histórico de los DS, trae críticas que no son tan conocidas ni discutidas aún.

Aunque en su libro presenta que la alianza entre el feminismo y lo estudios críticos sobre discapacidad e incluso otros movimientos de grupos en situación de vulnerabilidad, como una crítica a esta forma de estudiar la discapacidad; para mí y por ejemplo para los “estudios creep-feministas” más que una crítica es una fortaleza.

Con ayuda del feminismo los (DS) lograron teorizar sobre lo *creep* haciendo un espejo de la teoría *queer*, de ella derivan estudios sobre capacitismo que va un paso más allá de pensar que la discapacidad se termina cuando la sociedad es accesible, porque como señala Martins en su libro, una de las críticas que hizo el feminismo a los DS fue la

extrema fuerza que colocaban al término independencia sin revisar la importancia de la interdependencia humana.

Otro argumento para respaldar que, si bien las personas con discapacidad se distinguen de otros grupos en pie de lucha, la unificación entre estos grupos beneficia a todos; pues justamente el nacimiento de los DS es fruto de movimientos sociales que de acuerdo con el libro se presentaron a final de los años sesenta.

Esas fuerzas son las que de acuerdo al libro de Martins impulsaron a que las personas con discapacidad trajeran a cuenta el lema “nada sobre nosotros sin nosotros”; los estudios sobre capacitismo, ligados por supuesto en sus bases a los DS y al feminismo dirán que ese “sin nosotros” no se refiere sólo a las personas con discapacidad, pues en cada uno de nosotros hay una persona de una forma u otra con alguna discapacidad latente, pero sobre todo, que aunque no se tenga discapacidad se puede sentir que no se cumple con la expectativa de la norma impuesta ya que ésta es teórica e inexistente.

Por lo anterior expuesto, el documental *Yes, we fuck*, presenta un quiebre sobre cómo entender la discapacidad, pues presenta con bastante claridad que las personas con discapacidad no son personas queriendo ser como otras que no tienen discapacidad, sino que son parte de otros colectivos que no encajan en la norma, porque aunque una persona no tenga discapacidad, puede vivir violencia por otras causas: por género, por no cumplir con estándares de belleza, por asumirse con una preferencia sexual distinta a la normativa, entre otras; en ese documental se puede ver con nitidez la intersección de varios grupos luchando contra la norma, pero esta lucha no es desde cualquier trinchera, es desde la sexualidad, que la vuelve mucho más transgresora aún.

Este recorrido es importante porque los estudios que se presentarán a continuación coinciden en que este documental es un parteaguas en la discusión sobre el concepto de asistencia sexual, así como a la visibilidad que le da al entramado *queer-crip*.

De esta manera una de las autoras que más se encontró en la búsqueda del concepto “asistencia sexual”, describe cómo el

proceso de rodaje del documental hasta ahora comentado, generó una sinergia entre diferentes activismos que se denominó *queer-crip*, las luchas que estos grupos han llevado por años, corresponden por un lado a la disidencia de género y cuerpo normado, por ejemplo, lesbianas, feministas, trans, entre otras; por otro lado, la participación de personas con discapacidad que reivindican esa diferencia y se niegan a sentir que su condición es la de un “enfermo-pasivo” (García-Santesmases, 2016).

Es importante hacer un alto en el camino y presentar de manera más clara por qué estas alianzas no corresponden al modelo social de la discapacidad, si bien este modelo contempla en un inicio la alianza con pensadoras feministas y se entiende que abre camino para estas nuevas formas de convergencia política, se trata de algo distinto. Mientras que de manera general se puede decir que el modelo social fija su objetivo en derrumbar barreras de acceso físico y de comunicación, los estudios y el activismo *queer-crip* se ocupan en articular críticas a la supuesta naturalidad-normalidad que con todo el aparato económico-institucional la vuelve una obligación contra la que los cuerpos diversos deben luchar.

Es también importante considerar que a diferencia del movimiento de derechos de personas con discapacidad que reivindica y trabaja por derechos fundamentales como educación y accesibilidad universal, el movimiento *queer-crip* pone foco en la vida independiente y la sexualidad, espacios que han quedado olvidados por otros movimientos.

Así, García-Santesmases (2016) relata desde su experiencia cómo el trabajo colectivo, que comienza con afinidades teórico-políticas se va transformando en afinidades personales que permiten generar nuevos proyectos; es ahí donde nace Assex un proyecto de autogestión para la asistencia sexual. Así, nuevamente convergen estos dos grupos en lucha *queer-crip*, por un lado, los primeros encuentran una posibilidad de empleo y una vía para legitimar el trabajo sexual, una de las demandas históricas del feminismo, por otro, los *crip* ejercen su derecho a la sexualidad.

Se verá en el apartado siguiente cómo este encuentro se parte, en al menos dos vías, para entender la asistencia sexual, pues en los colectivos y la academia no hay unanimidad sobre el hecho de que la asistencia sexual, esté ligada al trabajo sexual.

Asistencia sexual: ¿Qué camino tomar?

Para comenzar este apartado es necesario retomar la importancia de hablar en todos los ámbitos, incluso en educación, sobre sexualidad de personas con discapacidad, pues ésta es parte del continuo de la vida y no un proceso que sólo se debe hablar en la adolescencia –si corren con suerte- o cuando alguien “lleva” a la persona con discapacidad a un encuentro de sexo pagado.

Es imperante tener presente la especial dificultad que tiene este grupo de personas en relación a conocer su cuerpo, sus deseos, a sentirse merecedor de placer y tantos tabús más que podríamos mencionar, pues históricamente han sido consideradas seres asexuales.

Como botón de muestra sobre estos tabús podemos recurrir a películas y series que han tratado el tema, pues en ellas se pueden apreciar ejemplos de cómo estas personas tienden a ser normalizadas por sus familias y hablar de sexualidad parece complejo y mucho más aún si se tuviera que hablar de diversidad en la preferencia sexual.

La película *India*, Margarita con Popote, estrenada en 2015, presenta a una mujer con discapacidad que gana una beca para estudiar en Estados Unidos; la película trata diversos temas, además de la sexualidad de la protagonista, sin embargo, por así convenir al escrito se dará foco a esa parte. Después de algunos desencuentros amorosos con hombres Margarita comienza una relación afectivo-sexual con una mujer con discapacidad visual, hablar de este tema con su madre se vuelve uno de los momentos más tensos de la película, pues aunado al contexto religioso y cultural ser una persona con discapacidad considerada, en varias ocasiones, dependiente a su familia complica su proceso para entender su preferencia sexual.

Hoje eu quero voltar sozinho es una película brasileña estrenada en 2014 que trata sobre un joven con discapacidad visual que vive un proceso en el que intenta generar más independencia y descubrir su orientación sexual, en ella se pueden ver escenas en las que los padres se sienten inseguros sobre las habilidades de su hijo para hacer cosas básicas de la vida cotidiana de manera autónoma.

En estas dos películas se pueden apreciar procesos de jóvenes luchando por demostrar que como cualquier otra persona requieren de espacios en soledad para construirse, para aprender sobre ellos mismos, para desafiarse más allá de los límites que les imponen sus familias, la sexualidad atraviesa estos procesos; aunque se pueden apreciar los tabús sociales que hay entre sexualidad y discapacidad, en estos dos largometrajes, no se ve alguna forma de asistencia sexual.

Por otro lado, están los largometrajes *Hasta la vista*, película belga estrenada en 2011; la serie de Netflix, *Especial*, estrenada en 2019; *Las Sesiones*, película estadounidense estrenada en 2012 y *Vivir* y otras ficciones, película española estrenada en 2016.

En las dos primeras se puede apreciar nuevamente, igual que en *Margarita con popote* y *Hoje Eu quero voltar sozinho*, procesos de jóvenes queriendo tomar decisiones en su vida y ser más independientes, la diferencia es que aquí ya hay intervención de sexo pagado, el único camino que encuentran los protagonistas para entenderse por primera vez en un acto sexual, debido a su condición en discapacidad, es con trabajadoras (es) sexuales, se deja ver que esta situación es producida por falta de comunicación con sus familias, por prejuicios de ellos mismos con sus cuerpos, por falta de educación sexual, entre otras.

Es importante también mencionar que en algunas escenas se hace explícito el no juzgar de forma negativa esta práctica, pues es “común” que las personas con discapacidad tengan que recurrir a ese servicio, más que por una limitación física, porque viven alejados de las formas comunes vivir la sexualidad.

Lo anterior remite también a hacer una reflexión sobre a qué nos referimos cuando pensamos en “sexualidad para personas con

discapacidad” pues esta definición puede dar pie a las diferentes formas de concebir la asistencia sexual; desde esta perspectiva la asistencia sexual perpetua la idea de que las personas con discapacidad están aisladas y el camino para vivir su sexualidad es consumiendo-pagando por sexo.

si la sexualidad tienen que ver con lugares (dormitorios, hoteles, automóviles, baños, parques), relaciones sociales (con personas del colegio, del trabajo, con alguna desconocida en la parada de autobús o con alguien que conociste en una fiesta), solvencia económica (para pagar el hotel, comprar una flores o una caja de condones y lencería) y autonomía (para decidir cuándo y con quién, dónde y cómo) ¿qué pasa con quienes no tienen esas posibilidades? (Maldonado, 2018, pág. 1).

Ahora bien, en cuanto a los largometrajes *Las sesiones* y *Vivir* y otras ficciones, se problematiza aunque de manera diferentes, un servicio que aunque también es pagado tiene que ver con el acceso al propio cuerpo, es decir, los personajes tienen dificultades motrices para explorar su cuerpo, para masturbarse, lo que motiva a que contraten a alguien para que les facilite este acceso. La diferencia que vemos en estas dos películas es que en *Las sesiones* se romantiza el servicio y en *Vivir* y otras ficciones hay un posicionamiento político por el derecho de acceso al propio cuerpo.

El recorrido anterior abre una pauta muy clara a la discusión sobre ¿Qué es la asistencia sexual? Pues no sólo tiene que ver con una carga ideológica como se ha planteado hasta aquí, también la carga cultural y de políticas públicas juega un papel importante.

En Suiza están completamente reguladas las empresas de asistencia sexual y se requiere de certificados específicos para ejercer esa profesión; por otro lado, en Bélgica la asistencia sexual no está regularizada pero es tolerada por el Estado, igual que en Suecia y Alemania. Ahora bien, en los Países Bajos, Dinamarca y algunos territorios de Australia la asistencia sexual se da a través de trabajadoras (es) sexuales entrenados y subsidiados por el Estado, lo que implica cambio en las políticas públicas que facilitan

el ejercicio del derecho a la sexualidad por parte de las personas con discapacidad (Navarro, 2014).

Para profundizar en las definiciones, se tomará como eje rector el caso de España donde se realizó un trabajo etnográfico entre 2012 y 2015, a partir de observación participante y entrevistas a profundidad se organizó contenido entorno a tres perspectivas sobre asistencia sexual: la primera defiere a la visión de las trabajadoras sexuales que se consideran asistentes sexuales, la segunda el modelo de “conexión erótica” y la tercera el modelo de “auto-erótica”. Estas tres perspectivas muestran que la asistencia sexual podría estar considerada en el ámbito de la prostitución, en el ámbito terapéutico o en el repertorio de los derechos relacionados con el tema de cuidados para las personas con discapacidad (Branco & García-Santesmases, 2016).

En primer lugar se tratará la perspectiva de la asistencia social en el marco de la prostitución; se menciona que las prostitutas que han participado del debate público se posicionan argumentando que lo que ahora es llamado como asistencia sexual es algo que ellas han hecho a lo largo de los años y que como tal, debería ser regularizado y legalizado así como el trabajo sexual. (Branco & García-Santesmases, 2016).

De acuerdo a los datos recabados en el estudio citado en el párrafo anterior, los discursos del movimiento de las trabajadoras sexuales, coincide con el de los psicólogos, psicoterapeutas y sexólogos pues ambas partes consideran que las personas con discapacidad tienen una “necesidad biológica-natural”, que debe ser satisfecha de alguna forma para que no se exprese de manera indeseable o socialmente inaceptable, por lo que el trabajo de las prostitutas se ve como una forma de dar salida a esa necesidad; cabe destacar que en este marco son casi nulas las experiencias que relatan las investigadoras sobre mujeres con discapacidad siendo usuarias de este tipo de servicios.

En cuanto al modelo conexión erótica, el estudio nos plantea que lo que busca es que la persona que funga como asistente sexual no se mueva por principios lucrativos sino que tenga vocación de

dignificar al ser humano y hacerle sentir cosas a otra persona que por sí misma tendría dificultades. Las investigadoras plantean que este modelo está cargado con una fantasía de reciprocidad y atracción incluso con romanticismo que los usuarios depositan en este tipo de encuentros. La forma como funciona es que una agencia se asegura de que tanto la persona con discapacidad como la/el asistente tengan afinidad, por lo que se llega a dessexualizar a los asistentes atribuyéndoles características más nobles como amor o intimidad; y aunque no es un servicio pagado, la agencia cubre gastos de traslado y “dietas” (Branco & García-Santesmases, 2016).

Finalmente, el modelo de auto-erótica plantea el derecho que tienen las personas con discapacidad no necesariamente al coito, sino al acceso al propio cuerpo, éste es el que promueven documentales como *Yes, we fuck* y *Vivir* y otras ficciones junto con uno de sus protagonistas, Antonio Centeno. El concepto que tienen de asistente sexual está empatado con el de asistente personal, que básicamente promueve que las personas con alguna discapacidad –sobre todo física- puedan contar con el trabajo alguien que les apoye a realizar las cosas comunes de su vida cotidiana para que esto genere autonomía y que no dependan de un cuidador o familiar que tome decisiones por ellos, sino simplemente de alguien que les asista y haga las veces de sus manos, brazos, pies, piernas, según sea el caso.

Así, desde esta perspectiva el asistente sexual lo que permite es ejercicio al derecho del acceso al propio cuerpo, de lo que se trata es de que la persona con discapacidad con ayuda del asistente pueda hacer lo que podría hacer por sí misma en ausencia de discapacidad; ninguna persona sin discapacidad tiene derecho al coito con otra persona y en la mayoría de las veces tampoco consigue hacerse sexo oral a ella misma, por lo que eso no sería trabajo del asistente sexual “a los otros cuerpos se accede por acuerdo, no por derecho” (Centeno 2014, 111).

Antonio centeno publicó un diagrama en el año 2015 en el blog de *Yes, we fuck* en el que especifica lo que sería la asistencia sexual para esta última postura (Branco & García-Santesmases, 2016).



De esta forma se descarta que la asistencia sexual sea trabajo sexual pues ésta se da para personas con o sin discapacidad por una elección personal y no por una condición física que impida el acceso a explorar y sentir el propio cuerpo. Por otro lado, tampoco es una terapia sexual pues nuevamente esta puede ser tanto para personas con o sin discapacidad en un momento específico de la vida en la que por elección se decide recibir apoyo u orientación sexual.

Después de este recorrido por las diferentes concepciones sobre asistencia sexual se presenta una revisión realizada en dos bases de datos brasileñas que se hizo con la intención de saber cuál es el estado que guarda este tema en este lugar.

Se realizó una búsqueda en el periódico CAPES y en la *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e dissertações* (BDTD) con los descriptores “*assistência sexual*” + *deficiência*. En el periódico CAPES se encontró sólo un resultado: *Bioética e atendimento a mulheres vítimas de violência sexual: revisão de literatura*. El contenido de este artículo no está relacionado con la temática de este escrito por lo que no se consideró para su análisis. En la BDTD no se encontró ningún resultado.

Debido a lo anteriormente expuesto, se decidió hacer una búsqueda con los mismos descriptores en *google scholar* para revisar si había producción de artículo en el idioma portugués aunque no fuera dentro de Brasil, los resultados totales fueron 46, de los cuales se seleccionaron por título y después buscando la frase “*assistência sexual*” en el contenido. Con este filtro quedaron 5 resultados.

1. *A Pessoa com Deficiência Intelectual: Vivência da Afectividade e da Sexualidade*; este es un trabajo de maestría realizado en Portugal Lisboa tratando asuntos sobre afectividad y sexualidad de personas con discapacidad intelectual, sin embargo en su página 8 dice explícitamente que no tratará sobre asuntos de asistencia sexual (Cardoso, 2014).

2. *Corpos e vozes impossíveis: subjetivações que resistem*: esta investigación tuvo como objetivo promover un diálogo entre cuerpo, voz, subjetivación y erotismo de personas con discapacidad y pacientes psiquiátricos. En este artículo la asistencia sexual se menciona sólo una vez para posicionarla como una articulación política que tienen las personas con discapacidad al luchar por sus derechos sexuales. En este sentido, aunque la temática se apega a lo que en este escrito se ha reconocido como teoría *queer-crip*, no centra la atención en la asistencia sexual (Ferreira & Leite, 2013).

3. El asistente sexual para personas con discapacidad, ¿una figura alega?: aunque este artículo no está en portugués, se seleccionó pues estaba dentro de los resultados arrojados por *google scholar* y claramente tiene afinidad con el tema aquí tratado. Este artículo tiene como objetivo la interpretación del derecho al propio

cuerpo en el terreno sexual, la definición de asistente sexual y la postura que diversos países tienen ante ella. Este artículo se apega a la definición de modelo auto-erótica (Navarro, 2014).

4. *Sexualidade a na maturidade: ações educativas e preventivas de enfermagem*: Esta investigación es descriptiva y exploratoria realizada con 14 personas de la tercera edad que pretende conocer sus hábitos y necesidades relacionados a su vida sexual. La única que vez que aparece el término asistente sexual es al mencionar que el profesional de enfermería debe trabajar junto con esta figura para asegurar la calidad de vida de las personas que están en esta etapa de vida (Faustino, et al., 2011).

5. *Assistência sexual a pessoas com deficiência e mediações em saúde*: Este es un capítulo de libro que aborda específicamente el término asistencia sexual haciendo una recapitulación del marco español y llevándolo al contexto brasileño desde la perspectiva de los derechos sexuales, la lucha por la accesibilidad y la categoría de inclusión. Branco, menciona que en Brasil la traducción que se da a asistencia sexual es la de *assistência erótica* que viene de la declaración sobre los derechos de las mujeres con discapacidad. De acuerdo con su investigación este tema en Brasil circula en redes formadas por organizaciones y asociaciones de carácter político. Uno de los alcances que diferencian esta investigación es el foco que pone en la familia; la importancia de rescatar que los cuidadores de personas con discapacidad en algunas ocasiones los masturban porque les parece la única salida ante el cuerpo que se erotiza, aunque no entienden muy bien cómo manejarlo, además de explorar las redes que se hacen entre las trabajadoras sexuales y la red de cuidadores de personas con discapacidad (Branco, 2017).

Es importante resaltar que debido a que en el artículo de Branco (2017) se propone que la traducción para asistente sexual en portugués es *assistência erótica*, se realizó otra búsqueda en las tres bases de datos: Periódico CAPES, BDTD y *google scholar*, sin embargo, no se pudo encontrar ningún resultado, más que el de la misma Branco.

Consideraciones finales

Después del recuento sobre el auge de la discusión de la asistencia sexual sobre todo en España y de la producción que se encontró en portugués en Brasil (5 artículos) se entiende que el tema está aún en camino de construcción. Para este escrito la mirada que define a la asistencia sexual como auto erótica es la que puede promover el derecho de las personas con discapacidad a ejercer plenamente su sexualidad y el acceso a su propio cuerpo, de acuerdo con las investigaciones presentadas, esta postura es la que menos se explora, pues se le ha considerado reduccionista.

Es importante resaltar que de las tres concepciones presentadas aquí es la que puede tener más eco en las políticas públicas, pues es el Estado el que debe proveer los recursos humanos y técnicos necesarios para que las personas con discapacidad tengan acceso a sus derechos.

Finalmente después de haber leído partes de las entrevistas que muestran los estudios, se ve como área de oportunidad para las personas que trabajan en el área de educación especial, repensar la educación sexual de las personas con discapacidad, pues muchas de las razones por las que se acercan a buscar servicios con trabajadoras sexuales viene de los prejuicios que ellos mismos tienen con sus cuerpos.

La postura de este escrito es que la mercantilización del sexo no puede configurarse en política pública de las personas con discapacidad pues esto es una elección no un derecho. No quiere decir que la alianza política entre trabajadoras sexuales y personas con discapacidad no sea legítima, sino que la legalización de la prostitución pertenece a otro sector.

Pensar en educación sexual para personas con discapacidad que les permita conocerse, erotizarse sin miedo, sin prejuicios y sabiendo que es posible que un asistente sexual pueda auxiliarlos en caso de que de manera individual no puedan acceder a sus cuerpos es una lucha de toda la sociedad.

Referencias

- Branco, C. (2017). Assistência sexual a pessoas com deficiência e mediações em saúde. En C. Costa, C. Guilherme, & R. Cássia, **Saúde Mediação e Mediadores** (págs. 102-138). Brasília: ABA publicações.
- Branco, C., & García-Santesmases, A. (2016). Fantasmas y fantasías: controversias sobre la asistencia sexual para personas con diversidad. (C. Guilherme, C. Costa, & R. Cassia, Edits.) **Pedagogia e Treball Social. Revista de Ciències Socials Aplicades**, 5(1), 4-32.
- Cardoso, T. (2014). **A Pessoa com Deficiência Intelectual. Vivência da Afetividade e da Sexualidade**. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- Centeno, A. (2014). Symbolismos y alianzas para una revuelta de los cuerpos. **Educació Social. Revista d'Intervenció Socioeducativa**, 101-118.
- Faustino, L., Roberto, P., Pereira, R., Ribeiro, L., Dias, Â., Baptista, Y., Vernareccia, D. (2011). Sexualidade na maturidade: ações educativas e preventivas de enfermagem. **Revista científica de enfermagem**, 1, 7-14.
- Ferreira, M., & Leite, C. (2013). **Corpos e vozes impossíveis: subjetivações que resistem**. Desafios atuais dos feminismos.
- García-Santesmases, A. (2016). Yes, we fuck! El Grito de la Alianza Queer-Creep. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa**, 7(2), 226-242.
- Maldonado, J. (2018). ¿Quién toma las decisiones? • Sexualidad y síndrome de Down. **¿Quién toma las decisiones? • Sexualidad y síndrome de Down** (págs. 1-8). México: Encuentro Latinoamericano y del Caribe "La sexualidad frente a la Sociedad".
- Martins, G. (2015). **Por um pensar sociológico sobre a deficiência**. Curitiba: Appris.
- Navarro, S. (2014). El asistente sexual para personas con discapacidad, ¿una figura alegal? 1er congreso internacional virtual sobre discapacidad y derechos humanos.



**“O CINEMA É UM MODO DIVINO
DE CONTAR A VIDA”
(FEDERICO FELLINI)**



Pedro & João
editores

ISBN 978-65-5869-391-8



9 786558 693918 >